Contra todas as possibilidades, ela é...

QUASE UMA ROCKSTAR

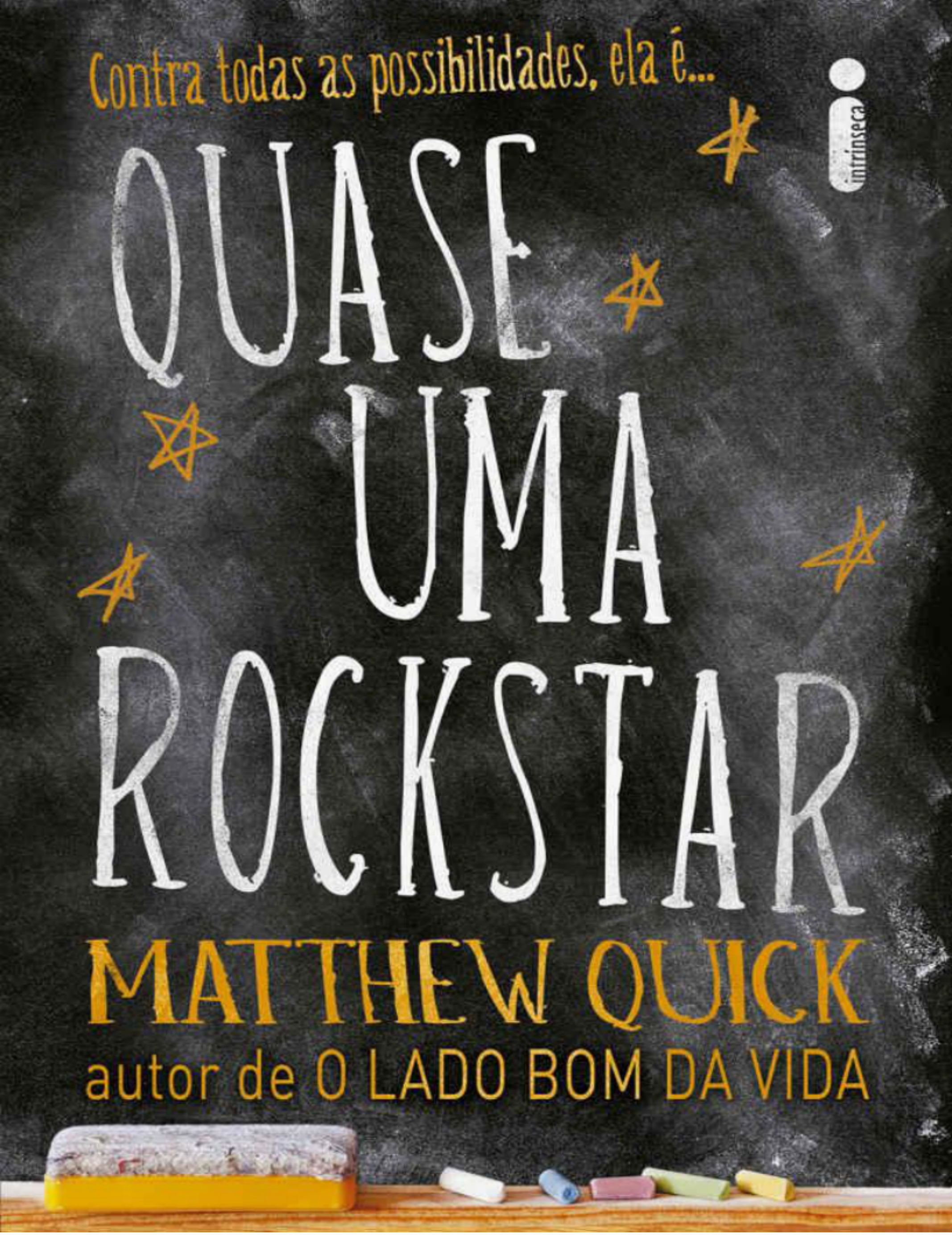
MATTHEW QUICK

autor de O LADO BOM DA VIDA

intrínseca

VISIT...

LANZAROTE Caliente.com


Contra todas as possibilidades, ela é...
QUASE UMA ROCKSTAR
MATTHEW QUICK
autor de O LADO BOM DA VIDA
intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MATTHEW QUICK

QUASE UMA ROCKSTAR

Tradução de Dênia Sad e Carolina Selvatici

intrínseca

Copyright © 2010 Matthew Quick

TÍTULO ORIGINAL
Sorta Like a Rock Star

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Rayana Faria
Eduardo Carneiro

IMAGEM DE CAPA
© Shutterstock

Adaptação de capa
Julio Silveira

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-677-1

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3o andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

intrínseca

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

UM: Sinta a dor
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7

DOIS: Show de horrores
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12

TRÊS: Vomite e chore
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31

Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52

QUATRO: Não estamos sozinhos
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59

Agradecimentos

Sobre o autor
Conheça os outros títulos do autor
Leia também

Para o sr. Scott Fleming, herói dos adolescentes, meu herói.

UM

Sinta a dor

CAPÍTULO

1

Deitada e tremendo no último banco do ônibus escolar 161, presa ao olhar de cachorrinho dele, que é completamente cem por cento fofo (sou uma mulherzinha, sei disso), digo:

— Você não vai acreditar na merda que tive que aturar hoje.

Minhas pernas estão apoiadas na janela e meus dedos dos pés apontam para o teto, fazendo a saia rodada que costurei na aula de trabalhos manuais ir parar na cintura. É, estamos no século XXI e uso saias rodadas. Sou estranha. E daí? E antes que qualquer um que esteja lendo isto aqui se empolgue demais ao pensar na minha saia dobrada até a cintura e nas minhas lindas pernocas expostas, permita-me dizer que não há qualquer traço de pele adolescente para se ver por aqui.

Estou usando duas calças de moletom, três pares de meias de lã, dois pares de luvas, um chapéu grande e velho, que cobre minhas orelhas bizarramente pequenas, e três jaquetas — já que não tenho um casaco decente e é muito frio dormir em um ônibus escolar nas noites tristes de inverno.

Posso ver minha respiração condensando.

Camadas de gelo se formam nas janelas.

Bato o queixo.

Às vezes acordo com os pulmões doloridos de tanto inspirar ar congelante. É como fazer gargarejo com lascas de gelo.

A água congela na garrafa se eu a tiro do bolso do casaco.

E é melhor esquecer a vontade de fazer xixi, a não ser que queira ficar com a bunda tremendo de frio — literalmente.

E é bem solitário também.

Como estou erguendo Bobby Big Boy (Triplo B) acima da cabeça, ele olha para mim de cima para baixo e arqueja, botando a língua rosada para fora. O bafo é mais fedido do que todos os rabos que ele tenta cheirar sempre que está perto das cadelas — BBB é um Don Juan, apesar de ser totalmente monogâmico e fiel à srta. Jenny —, mas quero beijá-lo mesmo assim, porque ele é um vira-lata sexy e o homem mais confiável que conheço. Nunca vai me deixar — nunca —, e é por isso que não me importo com seus beijos caninos fedorentos. Além do mais, ele está usando o elegante casaco xadrez que também fiz na aula de trabalhos manuais. Ele fica lindo com essa jaqueta canina. BBB tem os pelos bagunçados em volta das orelhas, como o cabelo do Brad Pitt, ou como se precisasse de um banho, mas os olhos são leais e gentis.

Enquanto termino a confissão, faço o cachorro esperar, suspenso acima de mim. As perninhas balançam como se ele estivesse andando em uma esteira ou algo parecido. Sem pressa. Estamos sozinhos, temos a noite toda, e Bobby Big Boy cava o ar acima do meu rosto.

Durmo com Triplo B há mais ou menos um ano. Encontrei-o em uma caixa de sapatos, quase morto de fome — e sem coleira. Sério. Ele parecia uma meia que tinha sido jogada na privada e, depois de apertada a descarga, viajado por todos aqueles canos nojentos, para então ser cuspida por alguma saída de esgoto em uma caixa laranja da Nike. A caixa tinha sido deixada de lado, como se fosse uma maquete de um aluno do ensino fundamental para a feira de ciências. O nome do trabalho seria VIRA-LATA PATÉTICO E QUASE MORTO. Nem preciso dizer que tirei o cachorrinho da sarjeta e cuidei dele, alimentando-o basicamente com restos de carne que roubava da mesa da Donna, até que ela me pegou no flagra e começou a comprar ração para o BBB.

Se espalhei pôsteres de "Cachorro Perdido Encontrado"?

Deixe-me explicar uma coisa: se um dia eu encontrar as pessoas que deixaram o Triplo B tão magrinho, é melhor elas tomarem cuidado.

Bobby Big Boy ainda está correndo no ar como um campeão. E vai continuar assim até que eu o ponha no chão.

As luzes do estacionamento se apagam por volta das onze da noite, e depois disso não dá para ler ou escrever — porque não posso correr o risco de algum transeunte curioso me ver usando uma lanterna. Isso acabaria com nosso disfarce. Sem luz — e sozinha —, as coisas podem ficar muito estranhas, e é por isso que mantenho Bobby Big Boy por perto. Mas ainda

são nove e pouco, então terei tempo suficiente para fazer o dever de casa depois que acabar de me confessar para o Triplo B. Ele atua como meu padre particular, já que o Padre Chee é apenas um servo de Deus, não Deus, logo, não é onipresente. Tenho prioridades, e manter a alma limpa com uma confissão diária está no topo da lista. Sou uma ótima católica. Ainda não perdi a V. Nossa Senhora e eu somos muito parceiras. Cara, eu sou uma adolescente abençoada por Deus! E minha mãe só vai voltar depois que o bar fechar, talvez nem depois disso. Ela saiu para pescar homens, como diria Jesus.

— Hoje chutei a canela do Lex Pinkston — conto a 3B. As pernas dele ainda se movem loucamente. — Sei que é pecado, ainda mais porque Deus fez o homem à Sua própria imagem e semelhança, então Ele deve ter uma canela (divina) igual à do Lex e sentir a mesma dor insuportável quando leva um chute certeiro no osso sagrado de Sua canela. E aqueles valentões romanos devem ter chutado a canela do bom e velho JC algumas vezes antes de pregar Nosso Senhor e Salvador em uma árvore, o que O torna mais solidário ao caso do reclamante. Mas antes de você contar a Ele sobre o pecado que cometi ao chutar a canela de um adolescente, padre Big Boy, devo lembrar ao senhor que as circunstâncias eram atenuantes. Lex fez Ricky repetir uma coisa nojenta de novo... e eu já tinha avisado àquele plebeu para não fazer isso umas cinquenta vezes... então mandei ver. Chutei o moleque bem na canela, e ele começou a pular em uma perna só. Os amigos dele ficaram rindo, pareciam um bando de hienas, ou talvez de macacos. Não, esqueça. Primatas são bonitinhos e muito mais espertos do que os jogadores de futebol americano da Escola Pública de Ensino Médio Childress, que são péssimos e não ganham jogo algum, porque estão ocupados demais sendo idiotas.

Posso estar errada, mas o padre BBB — ainda correndo no ar — meio que ri da minha história, como se até não achasse uma má ideia dar um chute na canela de um colega de turma excepcionalmente mau. Isso faz o padre Triplo B parecer quase humano por um segundo. Ou talvez eu só queira que ele seja humano.

Bom, voltando ao assunto, o que aconteceu foi o seguinte: eu estava lá jogando meus restos de comida na lixeira quando Lex mandou Ricky dizer que Ryan Gold tinha "peitos lindos". Ricky disse, é claro — não por ele ser um dos filhos especiais de Deus, mas porque é um cara que consegue se safar desse tipo de coisa por ser especial —, o que fez Ryan ficar vermelha como um pimentão e começar a chorar, porque ainda é uma pré-mulher pudica e virgem, como eu. E Ricky começou a rir igual a um robô — "Hi! Hi! Hi! Hi!" —, como faz sempre que está chateado e confuso. Cara, como fiquei irritada! Ainda mais porque Ricky sabe que não pode fazer isso e está tentando conquistar o privilégio de me levar ao baile de formatura. Donna ficaria arrasada se eu contasse o que seu único filho disse hoje, no refeitório.

Pouso Bobby Big Boy no peito. Ele para de correr e lambe meu pescoço, tentando me consolar. O peso do cachorrinho em meu peito faz com que eu me sinta menos sozinha — quase amada. Sei que talvez isso seja estranho, mas a gente tira amor de onde pode, não é? Pelo menos é o que minha mãe diz.

— Então estou perdoada, padre B3? Vou escapar da fúria divina? Dê um latido se quiser dizer "sim".

— Au! — responde BBB, como ensinei. Ele é um cachorro muito bonzinho. De verdade.

AA, 2009.

* * *

Quando termino de escrever a redação aí de cima, rasgo a folha e suspiro. Mandei muito bem, mas tinha que rasgá-la.

Bobby Big Boy corre para minha cintura, baixa a cabecinha e se enfia sob minhas jaquetas e blusas, aconchegando-se em meu peito quase reto de pré-mulher, mantendo-me quentinha sem arranhar muito minha barriga, porque é um perfeito cavalheiro.

Você deve achar que tive que rasgar a redação porque era meio que uma confissão, logo, um assunto particular. Mas, na verdade, confio no sr. Doolin, meu professor de inglês, que pediu que os alunos escrevessem um pouco sobre a própria vida. Ele é um cara bem legal, deixa a gente expressar a verdade sobre as nossas vidas através da escrita, ganhando nossa confiança e fazendo com que nossas palavras sejam mais autênticas. Isso é bacana da parte dele, porque tenho certeza de que nossas redações sinceras — as que dizem a verdade — devem irritar alguns pais e professores, apesar de todo e qualquer adolescente falar a verdade sempre que pode.

Você deve pensar que rasguei a redação porque não queria dedurar meu amigo Ricky ou aqueles babacas do time de futebol, mas não dou a mínima para isso, pois quando alguém faz ou fala alguma coisa nojenta no refeitório, pelo que sei, todo mundo fica sabendo. Não é? Pois é.

Eu nunca faria uma redação que queimasse o filme da Ryan Gold, porque ela é legal, mas teria entregado essa se Ryan fosse a única coisa que me impedisse. Às vezes — quando estamos escrevendo —, temos que sacrificar os sentimentos dos outros para justificar nossos argumentos. Pelo bem maior e tal. É o que o sr. Doolin diz quase todo dia.

Mas a verdade é que não quero que ninguém saiba que estou morando no Amarelão — que o ex-namorado da minha mãe, o babaca do Oliver, nos expulsou do apartamento dele, e por isso minha mãe tem que economizar um pouco de grana até a gente conseguir quatro paredes só nossas. Quer dizer, é uma história bem idiota, e não estou muito orgulhosa de ser filha da minha mãe no momento. Estarmos desabrigadas pega mal para nós duas. Não é? Pois é.

Tenho certeza de que algumas pessoas nos deixariam dormir em suas casas, porque a cidade de Childress é cheia de pessoas boas. Juro. Mas é melhor que elas guardem a caridade para aleijados e velhinhos. Minha mãe com certeza vai se acertar logo. Ainda tenho o Bobby Big Boy, minha mãe ainda tem o emprego de motorista do Amarelão, e todas as nossas roupas e coisas cabem nos dois compartimentos de bagagem que ficam entre as rodas, abaixo das janelas, então tranquilo.

Só que, sentada aqui, com as pernas para cima e BBB no peito, não consigo pensar em mais nada para escrever — ainda mais porque a redação original era de matar.

O silêncio de um ônibus vazio pode deixar a gente meio maluca.

Bobby Big Boy e eu apenas nos aconchegamos até as luzes se apagarem e tudo ficar escuro.

Posso descansar os olhos, mas não vou conseguir dormir de verdade até minha mãe voltar da pesca, porque fico preocupada com ela.

Ela ainda é bonita.

Coisas ruins acontecem com mulheres bonitas que têm filhas como eu e não têm dinheiro para pagar droga nenhuma para elas, o que as deixa desesperadas para encontrar um Príncipe Encantado — só que Príncipes Encantados se casam com bonitonas da minha idade, talvez um pouco mais velhas. Minha mãe tem quase quarenta anos, então está ferrada no que diz respeito a homens. Às vezes, gosto de imaginá-la se casando com um cara velho e rico, que seria como um vovozinho e deixaria um monte de grana para ela quando passasse dessa pra melhor. Isso seria legal, mas não vai acontecer. Verdade.

E tem mais: o gosto da minha mãe para homens é parecido com o gosto de um viciado para crack. Qualquer coisa serve. E todos os seus entes queridos mais próximos (eu) acham um saco quando *mi madre* está fumando uma nova pedrinha masculina, porque — para ser bem sincera — ela fica meio alucinada.

Sozinha no Amarelão, penso em minha mãe por um bom tempo.

Ela é uma péssima mãe. E devo enfatizar isso.

É de uma irresponsabilidade ridícula e tem menos traquejo social do que Ricky — que foi diagnosticado com autismo —, mas ainda assim a amo. Adoro amar e ter uma mãe na minha vida. Pode me chamar de antiquada, piegas ou sentimental.

Quando ouço a porta do ônibus ser aberta, fico paralisada e prendo a respiração.

Deve ser minha mãe.

Só pode ser minha mãe.

E se não for minha mãe?

Estou em um estacionamento horripilante fora da cidade. Está cheio de outros ônibus escolares sinistros estacionados em perfeito alinhamento. Simetria demais pode ser aterrorizante. Há uma ferrovia de um lado do estacionamento e um bosque assustador do outro. Coisas ruins acontecem perto de ferrovias e em bosques, porque alguns homens são maus de nascença e, se não forem controlados, acabam fazendo bobagens — pelo menos é o que dizem os bambambãs como Herman Melville, que ilustrou exatamente isso com Claggart, aquele personagem mau de *Billy Budd*, que acabamos de ler na aula de literatura americana avançada. O belo marujo. Budd derrama sopa em Claggart no refeitório, criando com isso uma metáfora para uma ejaculação homossexual acidental. Isso de acordo com o sr. Doolin, que pensa em coito vinte e quatro horas por dia e vê metáforas sexuais em quase todas as frases desses livros antigos. “O bonito é tão bonito quanto o que fez.” Herman Melville. Muito engraçado. Sério. Mas ficar em um ônibus sozinha à noite, perto de uma ferrovia e de um bosque, não é tão divertido assim, pode acreditar.

Além disso, têm acontecido uns estupros seguidos de assassinato nos

arredores da cidade por esses dias. A polícia ainda não pegou o cara, o que tem deixado muitas pessoas assustadas, com razão.

Homem louco por perto — cuidado!

Por fim, não consigo me segurar e acabo com qualquer chance de sobreviver a um encontro com o psicopata local, ainda mais porque só tenho dezessete anos e sou frágil, apesar de só faltar um ano para acabar o ensino médio.

— Mãe? — pergunto.

— Amber? Acordei você?

Ufa. É minha mãe.

— Não. Um lenhador pirado estava prestes a me sequestrar e fazer de mim sua escrava, mas você o assustou. Valeu.

— Isso não é nem um pouco engraçado.

— Como foi a pescaria? Algum cara mordeu a isca?

— Não. Nada.

— É difícil achar um cara legal.

— Nem me fale — concorda minha mãe, parecendo uma meretriz decadente que nunca vai encontrar o Príncipe Encantado.

Mas dá para ver pelo tom de voz que ela está escondendo alguma coisa, tentando soar minimamente esperançosa para fazer a filha acreditar que não vai dormir em um ônibus escolar para sempre. Então dou um pouco de crédito a ela. Minha mãe teve uma vida sofrida.

— Nada como um dia após o outro — comento, em meio à escuridão, enquanto minha mãe dá tapinhas na minha testa como se eu fosse Bobby Big Boy. Gosto de cachorros, por isso não me ofendo.

— O seu cachorrinho precisa ir lá fora antes de eu dormir?

— Acho que Bob ia gostar de se aliviar um pouco.

— Não chame o cachorro de Bob, por favor.

— É o nome dele.

— O seu pai era... É melhor esquecer, e...

— Bom, Bob tem que fazer xixi e eu tenho aula amanhã, então será que dá para pular esse papo e acabar com a agonia do coitado, por favor? Não consigo dormir sem meu bebê.

— Vamos lá, cachorrinho — chama minha mãe, batendo palmas.

Bob pula do meu peito de pré-mulher, alargando os colarinhos de umas quatro camisetas e arranhando meu pescoço todo. Ele adora fazer xixi. É o que mais gosta de fazer.

— Use a coleira! — grito, porque não quero que 3B se perca no escuro.

— Beleza.

Mas sei que ela não pegou a coleira, já que estou sentada em cima da dita-cuja. Está embaixo da minha bunda.

Minha mãe mente para mim o tempo todo. Ela meio que tem um

problema. É uma fábrica de falsidades. Ou talvez só esteja bêbada de novo, o que também não é desculpa.

Às vezes, quando estou perdendo as esperanças em relação à minha mãe — o que tem acontecido meio que o tempo todo, ultimamente —, gosto de pensar em um dos sete melhores momentos entre Amber e sua mãe. São pequenos vídeos que tenho guardados no cérebro — todos documentando a mãe que eu conhecia antes de ela meio que desistir da vida, antes de o Oliver acabar com a força de vontade dela e fazê-la começar a beber como nunca. Eis o sétimo melhor momento entre Amber e sua mãe:

Nos anos 1980 — quando minha mãe estava no ensino médio —, ela era uma jogadora espetacular de softball e ajudou seu time a vencer um campeonato estadual. Isso foi o auge da vida dela. Minha mãe falava de softball o tempo todo e até competia pela equipe de um bar local, na liga da cerveja. Eu a assistia jogar contra homens com bocas sujas e panças enormes de tanto beberem. Só algumas mulheres jogavam no campeonato, e minha mãe era milhões de vezes melhor do que todas. Também era melhor do que a maioria dos homens, se quer saber. Ela não conseguia lançar a bola muito longe, mas sabia aproveitar os buracos no campo e era ótima na segunda base — nunca cometia erros.

Bom, quando eu era pequena, minha mãe pôs na cabeça que iria me treinar e fazer de mim uma jogadora de softball incrível, que nem ela. Então me levou à loja de esportes e comprou luvas, taco, bola, boné e uniforme, além de um par de luvas de rebatedor, apesar de eu não ter pedido nada daquilo. Isso foi depois de meu pai ter nos abandonado, e nunca tivemos muito dinheiro, então a compra foi uma coisa meio que importante — eu entendia isso mesmo sendo pequena. Por isso entrei na onda, apesar de não ter nem um pouco de vontade de jogar softball.

No dia seguinte, minha mãe me levou para o parque com todo o equipamento novo. Ela me ensinou a usar o taco e a jogar e pegar a bola, mas — apesar de ela ser uma ótima técnica — eu não consegui pegar o jeito da coisa, e tentar jogar só fazia com que eu me sentisse uma completa idiota. Treinei com o taco por semanas, mas não conseguia rebater nenhuma das bolas que minha mãe jogava. Todas as bolas dela passavam por cima da minha cabeça, pelo meio das minhas pernas, ou batiam na minha cara ou na minha barriga. E todos os meus lançamentos iam para a direita ou para a esquerda, ou paravam nos pés da minha mãe. Ela nunca gritou comigo nem nada, mas, depois de algumas semanas de fracasso constante, depois de balançar o taco e não acertar pela milionésima vez, caí no choro.

Minha mãe correu até mim, me pegou no colo e me deu um beijo na bochecha.

— Amber, isso não acontece de um dia para outro. Você tem que se esforçar se quiser ser uma boa jogadora. Tem que treinar muito. Levei anos para conseguir!

— Mas eu não *quero* ser uma boa jogadora. Odeio softball. Odeio mesmo.

Minha mãe me olhou nos olhos, e percebi que ela estava surpresa com a revelação. Entendi que ela nunca tinha parado para pensar que talvez eu não quisesse jogar softball.

— Nunca mais quero jogar softball — gritei. — Nunca mais. Odeio isso! Tudo isso!

— Está bem — respondeu minha mãe.

— O quê? — perguntei, chocada, porque achei que ela me faria continuar tentando, já que é isso que os adultos costumam fazer.

— Amber, é só um jogo. Eu achei que você fosse gostar, mas, se não quiser jogar, tudo bem. Você não precisa jogar softball.

— Você não vai ficar chateada comigo?

— Por que eu ficaria chateada com você? — perguntou minha mãe, soltando uma risada.

— Porque você gastou aquela grana toda em equipamento, e agora eu não quero jogar softball.

— Se você não quer jogar, não quer jogar. Tudo bem.

— É mesmo?

— É.

Saímos do campo, compramos sanduíches e comemos à beira do lago, sentadas em um banco do parque. Jogamos um pouco de pão para os patos, e foi bem legal só ficar sentada ali com a minha mãe, depois de contar a ela como me sentia. Foi bom saber que eu podia dizer a verdade e mesmo assim alimentar os patos com ela. Adoro patos. Gosto de vê-los andando, desajeitados, pela terra. E o barulho que eles fazem me mata de rir. Sério.

Lembro-me de que o sol refletia tanto no lago que doía olhar para a água alaranjada.

— Valeu por não me forçar a continuar jogando softball — falei.

Minha mãe pôs o braço ao redor dos meus ombros.

Ela nunca mais tentou me fazer praticar esporte nenhum, mas comemos muitos outros sanduíches naquele banco e alimentamos verdadeiros bandos de patos por anos a fio — e são essas as lembranças que eu valorizo de verdade.

Quack, quack.

Patos.

Irado.

De volta ao presente, quando vejo que minha mãe e BBB estão demorando a voltar para o ônibus, decido me levantar e cuidar das coisas sozinha, para garantir que meu melhor amigo não seja comido

por um coiote desgarrado e traiçoeiro ou qualquer outro mamífero carnívoro e cruel. Mas, então, Bobby Big Boy entra correndo no ônibus e pula dentro das minhas blusas de novo, aquecendo minha barriga e meu peito. Tudo fica bem sob o cobertor que minha mãe jogara sobre mim antes de sair do ônibus, apesar de eu tê-lo deixado para ela no banco ao lado, pois só temos um.

Bobby Big Boy está bem quentinho por ter corrido e um pouco mais leve sem a bexiga cheia de xixi. Ouço minha mãe trancar o ônibus e andar até mim.

— É só por um tempo, Amber — diz.

— Eu gosto daqui. É como se estivéssemos acampando, mas em um ônibus escolar e sem os marshmallows que engordam, a fogueira que causa câncer e a cantoria irritante.

— Você comeu o suficiente hoje?

Essa pergunta me irrita, ainda mais porque ela deve ter gastado o pouco dinheiro que ganha em cigarros e vodca, sem se preocupar em trazer um jantar para mim e para Triplo B. Minha mãe só trabalha quatro horas por dia e recebe nove dólares por hora, mas paga bebidas para qualquer um, sem pestanejar, em qualquer bar vagabundo, antes de comprar uma refeição para si mesma ou para mim. É deprimente.

— Estou tentando manter a forma — respondo, roubando a piada do Franks —, mas Bobby Big Boy comeu um bife que peguei da mesa de jantar da Donna.

— Da sra. Roberts — corrige minha mãe, porque a mulher bêbada tem alguma noção sarcástica de etiqueta quando o assunto é sobrenome.

— Aham, claro — digo, com desdém, porque posso ser babaca, às vezes.

Minha mãe me dá um belo beijo na testa e diz:

— Bons sonhos, meu amor.

Então deixo as frustrações do dia para lá, junto as mãos em prece e, em silêncio, rezo por todas as pessoas e todos os cachorros que tenho certeza de que precisam que eu reze por eles: minha mãe, 3B, Ricky, Donna, Franks, Chad, Jared, Ty, a Porteira Lucy, o Velho Linder (meu empresário), o Velho Thompson, Joan das Antigas e todos os idosos da Casa de Repouso Metodista, o Padre Chee, as Divas Coreanas por Cristo, o sr. Doolin, o Soldado Jackson, a srta. Jenny, o Príncipe Tony, os professores da Escola Childress e toda a droga da cidade, até a equipe de futebol, até Lex Pinkston, ATÉ MESMO meu pai biológico ausente, Bob, que não sei nem se está vivo. Levo todos eles até JC em minhas orações e peço a Deus que ajude todos a serem quem precisarem ser. Depois, fico só ouvindo minha mãe respirar do outro lado do corredor, até Triplo B e eu chegarmos juntos à terra dos sonhos. Tenho sonhos com a cama de verdade em que Bobby Big Boy

e eu um dia descansaremos. Minha futura cama vai ser um mar de colchões, talvez até uma *queen-size*, cara! Juro.

CAPÍTULO

2

Acordar no Amarelão em um horário normal não é tão ruim. As várias janelas funcionam como cubos de luz quente que alcançam toda parte. É assim nos fins de semana. Sério. Mas, nos dias de escola, temos que acordar antes de o sol nascer, para que nenhum dos outros motoristas nos pegue dormindo no ônibus, o que com certeza faria minha mãe perder o emprego. Então a gente acorda supercedo — muito antes do amanhecer. Tenho feito isso há algum tempo; acordo automaticamente entre as quatro e meia e as cinco da manhã. Porém, não importa quanto ela beba, minha mãe sempre acorda antes do Triplo B e de mim.

Ela está tragando um cigarro de menta fora do ônibus, o cabelo louro tingido iluminado pelo luar, que desaparece aos poucos. (Mantenho a cor preta natural do meu cabelo e acho o máximo o jeito como ele às vezes brilha feito as penas de um corvo. Sério. Sou uns três ou cinco centímetros mais baixa do que minha mãe, quando ela está com a postura ereta, o que quase nunca acontece. Minha pele é bizarramente branca, já a dela é meio amarelada, de tanto fumar.) A brasa alaranjada da minha mãe brilha mais forte a cada tragada.

Como sempre, ela solta fumaça mentolada pelo nariz e pela boca.

BBB passa correndo por ela, disparando sem coleira pela manhã novinha em folha, quando não há coiotes, estupradores assassinos ou outros monstros não identificados. Ele ergue a perninha e faz xixi todo feliz no pneu direito dianteiro do ônibus escolar 260, deixando uma marca em sua roda favorita.

— Oi, mãe.

— Bom dia, querida — responde ela, da sombra escura e fumacenta.

Minha mãe está muito magra.

Esquelética.

Não é?

Pois é.

“Quando foi a última vez que você comeu?”, penso, mas não pergunto, porque não quero saber a resposta nem ouvir mais uma de suas mentiras estúpidas.

Minha mãe não come nem a comida que trago da casa da Donna.

Bobby Big Boy solta pelotas de cocô do tamanho de uvas, agachando-se com certa majestade e mantendo um olhar sério e determinado, como se fosse uma miniesfinge pensando em um enigma

genial. Aprendi sobre esfinges no ano passado, quando lemos *Édipo Rei*. Se você ainda não sabe disso, Édipo transa com a mãe, o que é muita, muita piração — ainda mais do que Billy Budd espirrando sopa em Claggart. Preciso dizer: fazem a gente ler uns livros muito doidos no ensino médio.

Vou até o porta-malas abaixo das janelas dos passageiros, abro a porta e tiro meu saco de lixo com roupas. Cheiro os sovacos das blusas e as virilhas das calças até achar a blusa roxa de gola canoa e uma calça jeans básica. Troquei de sutiã e calcinha ontem, então não preciso me preocupar. Trocar de roupa ao ar livre é um saco por causa do frio e dos restos de neve no chão. Fico com as meias molhadas não importa quanto tente me equilibrar nas botas enquanto troco de calça.

Vestida para a escola, ainda usando três jaquetas em vez de um casaco apropriado para o inverno, volto para dentro do ônibus com BBB atrás de mim, usando o elegante casaco xadrez. Pego a mochila, saio do ônibus com BBB e digo:

— Você vai comer alguma coisa hoje, mãe?

— Claro — responde ela, acendendo mais um canudinho de câncer.

Ela força um sorriso, mas está olhando para alguma coisa acima da minha cabeça e não faz contato visual. Tenho medo de que ela comece a chorar, então dou um beijo em sua bochecha e saio andando. Passo BBB por cima da cerca e pulo para fora do estacionamento de ônibus escolares.

Minha mãe parou de comer em um instante exato, que consigo apontar com clareza. Foi um momento bom que se transformou em ruim. Eis o sexto melhor momento entre Amber e sua mãe:

Dois Dias de Ação de Graças atrás, quando o babaca do Oliver só estava começando a mostrar quem realmente era, e minha mãe ainda estava começando a desistir da vida, ela decidiu fazer um daqueles jantares tradicionais espetaculares, com peru de verdade, recheio, molho de cranberry, carne, vinho, velas e tudo aquilo que a maioria das pessoas faz no Dia de Ação de Graças. Isso pode não parecer grande coisa para você, mas minha mãe e eu nunca tínhamos feito um jantar de Ação de Graças de verdade, e comprar todos os ingredientes acabou com as poucas economias que minha mãe tinha conseguido juntar. Sério.

Acordamos bem cedo na manhã do feriado para pôr o peru no forno do Oliver. E depois começamos a preparar todos os outros pratos ouvindo um CD de Natal do Frank Sinatra, que minha mãe tinha comprado no mercado enquanto torrava as economias, porque é muito fã do cara.

Aquela manhã na cozinha com minha mãe é uma das minhas lembranças favoritas, porque nunca a tinha visto tão feliz, eu e ela ouvindo Sinatra, ou Old Blue Eyes, como ela gosta de chamá-lo.

Oliver saiu da cama lá pelas dez e desceu direto para o saguão do prédio para beber com um amigo e assistir ao jogo de futebol. Isso não incomodou a mim nem a minha mãe, porque estávamos tendo um ótimo momento “mãe e filha”, e eu odiava Oliver desde sempre.

Arrumei a mesa bem bonita, até fiz cisnes de origami para marcar o lugar de cada um e acendi velas para que o pequeno apartamento malcuidado de Oliver parecesse um pouco mais vivo e festivo.

Quando o peru ficou pronto, no meio da tarde, minha mãe pediu para eu descer até o saguão e chamar o Oliver enquanto ela cortava a carne. Mas, quando bati na porta do apartamento do amigo dele, ninguém atendeu.

Esperamos Oliver por uma hora antes de começar a comer sem ele.

Eu sabia que minha mãe estava muito triste por Oliver ter estragado sua bela refeição — na qual ela tinha gastado tudo o que economizara a duras penas e que tinha passado um tempão preparando. Então tentei valorizar o jantar e comi até sentir que ia vomitar.

Minha mãe quase não tocou na comida e meio que ficou só encarando o prato enquanto eu fazia milhares de elogios.

Oliver ainda não tinha chegado quando guardamos as sobras em potes e lavamos a louça.

Então minha mãe e eu nos sentamos no sofá e assistimos à TV.

Estava passando *Parque dos Dinossauros* em um dos poucos canais que tínhamos, e eu estava toda enrolada em um cobertor com a cabeça no colo da minha mãe, vendo aqueles dinossauros incríveis, quando ela começou a chorar. Eu me sentei e a abracei por muito tempo, enquanto ela chorava sem parar.

Quando parou, minha mãe enxugou os olhos e disse:

— Amber, você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

Foi então que Oliver entrou em casa, completamente bêbado, e minha mãe se forçou a ir para a cozinha e preparar um prato de comida para ele. Eu fiquei olhando minha mãe paparicá-lo, fingindo não se importar com o fato de ele ter estragado o jantar que ela tinha preparado, enquanto Oliver enchia a pança de comida, depois de ter enchido a cara. Do sofá, observando os dois, decidi que nunca deixaria homem algum me tratar como Oliver tratava a minha mãe. E comecei a acreditar que minha mãe também sabia disso — que eu nunca seria igual a ela. Talvez saber que eu não teria um Oliver no meu futuro de alguma maneira tornasse a vida dela um pouco melhor.

Eu gostava de ser a melhor coisa que aconteceu na vida da minha mãe, apesar de desejar que a vida dela fosse muito melhor do que era de verdade. O fato de ela ter dito aquilo no sofá, enquanto a gente assistia a *Parque dos Dinossauros*, foi meio que um momento importante para mim.

De volta ao presente, enquanto caminho por um quilômetro e meio

na rua fria até a casa de Ricky, Triplo B anda ao redor dos meus calcanhares como um louco e, às vezes, passa por entre minhas pernas quando dou um passo mais largo. Como sou muito mulherzinha, gosto de fingir que sou Dorothy, que BBB é Totó e que estamos andando pela Estrada de Tijolos Amarelos, prestes a encontrar alguns amigos interessantes que vão nos ajudar a derreter a Bruxa Má do Oeste. É uma fantasia bem idiota, ainda mais porque Judy Garland era linda de morrer e a maioria dos garotos preferiria beijar o Homem de Lata — ou até um macaco voador — a trocar saliva com a mocinha que vos fala.

Mas gosto de saltitar e cantar.

Isso provavelmente é o que mais gosto de fazer.

Não tem ninguém na rua neste fim de mundo, então cantarolo alguns versos e, de repente, na minha imaginação, vejo o Mágico. Sou doida. Sério. Mas não estou fazendo mal a ninguém, e Bobby Big Boy também adora fantasiar. Sei disso porque, no instante em que começo a cantar e saltitar, ele fica maluco e passa a pular como uma pequena bailarina peluda. E BBB pula MESMO — tipo, quase um metro, o que é muito, levando em conta que ele só tem uns trinta centímetros de altura.

Então chego à casa do Ricky e entro pela porta dos fundos, usando a chave que Donna fez para mim um tempinho atrás.

As coisas do BBB ficam ao lado da geladeira: duas tigelas de um vermelho vivo, porque Ricky gosta de beisebol e do Philadelphia Phillies, e Donna também. Donna paparica 3B com comida enlatada molhadinha. Nada de porcaria seca para ele. Alimento meu cachorro, que fica todo feliz, o rabinho balançando como se fosse um limpador de para-brisa.

Depois tiro a louça da máquina, o que não leva muito tempo.

Hoje é dia de omelete, então quebro uns seis ovos em uma tigela grande e prateada, acrescento leite e bato tudo. Encontro tomates, cogumelos e pimentões vermelhos na gaveta de legumes e pico tudo como uma profissional, usando uma das facas supercaras da Donna e uma tábua irada.

Todos os legumes fatiados vão para a tigela prateada.

Adiciono pimenta, sal, uma pitada de tabasco e uma dose de tequila, meu mais novo ingrediente secreto para omeletes, que pego no armário de bebidas. Sou meio doida quando o assunto é culinária. O álcool vai evaporar, é só uma dose dividida em três porções, então não vou ficar bêbada antes da aula nem nada do tipo.

Espalho óleo pela frigideira e deixo que fique bem quente enquanto corto laranjas ao meio e ponho o espremedor automático da Donna para funcionar.

Bobby Big Boy já terminou de comer e está deitado de barriga para

cima no meio da cozinha, as perninhas para o ar. Vejo que ele está excitado, o que é nojento. Mas não quero que ele se sinta mal, ainda mais porque deitar de costas de barriga cheia é a segunda coisa que BBB mais gosta de fazer, depois de fazer xixi. Então finjo não notar.

São necessárias três ou quatro laranjas para fazer um copo minúsculo de suco, então acabo usando doze para Ricky, Donna e eu ingerirmos toda a vitamina C que precisamos para combater a droga dos resfriados e sabe-se lá mais o quê.

O óleo ainda não está quente o bastante, então pego o jornal na porta, retiro-o da embalagem plástica e coloco sobre a cadeira da Donna.

Ponho a mesa e começo a fazer o café.

Agora o óleo está fervendo, então jogo a mistura da omelete na frigideira e deixo que se espalhe, formando um O perfeito.

Quando a massa fica firme o bastante, dobro o O amarelo, formando um D, e o viro algumas vezes, até dourar bem.

— Amber, um dia você tem que me deixar cozinhar para você. Estou começando a me sentir igual ao Thomas Jefferson toda vez que desço para a minha cozinha e vejo você ralando no fogão. Está roubando todos os meus momentos maternais e me fazendo querer escrever uma proclamação, ou alguma coisa do tipo.

Dou um sorriso bobo para Donna e balanço a cabeça — ainda com a espátula na mão — como uma idiota.

Donna é minha heroína, simples assim.

Às vezes, quando ela é ainda mais legal do que já é, não consigo fazer muita coisa além de adorá-la.

Admiro Donna mais do que qualquer outra pessoa.

Quero ser ela.

Ela cresceu na sarjeta, como dizem por aí. O pai era motorista de caminhão, a mãe morreu de câncer quando ela tinha sete anos, mas Donna mandava muito bem na escola e ganhou uma bolsa para estudar na Bryn Mawr, uma faculdade para mulheres que não precisam de homens para cuidar delas. Ela também mandou muito bem na Bryn Mawr e conseguiu uma bolsa para estudar direito em Harvard, onde se tornou advogada. Queria ter um filho, mas não um marido, então recorreu ao banco de esperma e teve Ricky, que acabou nascendo autista. Isso não a assustou nem um pouco, apesar de o esperma ter sido analisado para possíveis defeitos congênitos, ou algo assim. Ela ama cada absurdo que Ricky diz e acaba com a raça de quem mexer com seu garoto.

Donna tem altura de modelo e um cabelo naturalmente louro que vai até os ombros. Ela usa uns terninhos muito legais, sexy com um ar de mulher séria, e desfila com saltos maravilhosos todos os dias. Os caras a adoram, tenho certeza. Ela dirige uma Mercedes SUV preta que

comporta todos os cinco integrantes da Federação Ferrenha do Franks — um dos nomes incríveis que eu e meus amigos mais próximos, meus meninos, usamos para nos definir. Todos cabemos na SUV, se pusermos Chad no colo de alguém, e Donna está sempre carregando a gente para lá e para cá, porque se amarra em adolescentes bizarros como eu e os outros dos Cinco.

Desde que fiquei amiga de Ricky, no ensino fundamental, ela me deixa chamá-la de Donna e está sempre fazendo coisas legais para mim, como comprar comida para Bobby Big Boy e deixá-lo ficar em sua casa enquanto estou na escola, mesmo depois de ele ter rasgado o sofá de couro, já que fica ansioso quando não estou por perto.

Além disso, eu roubava a maquiagem dela quando entrei na puberdade e comecei a sentir necessidade de ficar bonita. Donna usa, tipo, só os produtos mais caros. Não me orgulho de ter roubado as coisas dela, mas, um dia, quando eu devia ter uns quatorze anos, fui até o banheiro para roubar maquiagem e, quando abri o armário, havia uma plaquinha que dizia "Prateleira da Amber". Ali estavam todas as melhores marcas de maquiagem que ela usava. Só coisas novinhas. Eu me senti tão culpada que comecei a chorar, e quando ela me ouviu, entrou e me abraçou. Fiquei abraçada com ela por pelo menos dez minutos, porque estava muito envergonhada. Quando parei de chorar, ela me olhou nos olhos e disse:

— Se precisar de alguma coisa, é só pedir, está bem?

E pronto.

Nada de bronca.

Nada de ameaçar contar para minha mãe.

Nada de fazer com que eu me sentisse culpada.

Nunca mais roubei depois disso — nem mesmo um pedaço de papel na escola —, e nunca mais vou roubar, não importa quanto as coisas fiquem feias. Juro.

Enquanto termino de preparar a última omelete, Donna passa os olhos pelo caderno de negócios do jornal e murmura algo sobre todas as suas ações estarem indo de mal a pior.

Fico maravilhada com ela: uma mulher que tem ações, terninhos e casa própria. De repente, desejo secretamente que ela seja minha mãe. Sei que é horrível, mas não consigo evitar.

— Amber Appleton usa tabasco na omelete. É. Ela gosta de preparar omeletes toda terça de manhã. É. Amber Appleton é muito bonita, eu queria dar um beijo nela embaixo de uma macieira, porque ela é a Amber APPLEton! É.

— Bom dia, Ricky — cumprimento meu amigo, que está usando a camiseta de Chase Utley, jogador do Philadelphia Phillies, uma tradição das terças-feiras. É a de número 26.

— Amber Appleton vai levar Ricky Roberts para sair hoje à noite,

mas ele não sabe para onde, e mamãe Roberts não quer contar. Mamãe Roberts não quer dizer onde é. É!

— Temos uma missão hoje, lembra? — digo a Ricky, que se senta enquanto ponho uma omelete em frente a ele. — E quando a Federação Ferrenha do Franks tem uma missão, que informações Ricky Roberts recebe?

— Ricky Roberts só recebe as informações estritamente necessárias. Estritamente necessárias. É — responde Ricky, começando a comer a omelete. — Estritamente necessárias.

Não podemos contar as informações secretas ao Ricky porque ele fala tudo que pensa, ou seja, não consegue guardar segredo por nada nesse mundo.

Retiro um prato do forno e ponho na frente de Donna.

— Você vai poder mesmo hoje à noite? — pergunto.

— Como sua advogada, aconselho você a gravar o procedimento — responde ela, por trás do jornal.

— Mas não temos câmera...

— Como sua advogada, tomei a liberdade de adquirir uma, e vou documentar pessoalmente tudo que acontecer hoje à noite. — Ela abaixa o jornal e me encara. — Só faça com que todos os meninos saibam as falas. Conto com você para o sucesso dessa missão. Você é a líder dos Cinco, não é?

Donna dá uma piscadela para mim, e quase faço xixi nas calças enquanto ela experimenta minha omelete.

— Você pôs tequila nisto aqui? — pergunta.

Faço que sim com a cabeça e engulo em seco.

— Ficou bom. E o café?

Dou uma corridinha até a cafeteira e sirvo uma xícara grande para Donna. Ela toma café puro.

— Obrigada — diz ela. — Você não vai comer?

— Posso usar o banheiro antes?

Donna assente com a cabeça e volta a desaparecer atrás do jornal.

No andar de cima, no banheiro, tiro a roupa depressa, escovo os dentes com a escova guardada permanentemente na Prateleira da Amber, passo fio dental, uso enxaguante bucal e entro no chuveiro para lavar o cabelo, usando o condicionador caro de Donna, na tentativa de manter meu cabelo preto e comprido bem brilhante. Faço isso muito rápido para não gastar muita água quente, porque água quente custa dinheiro. Eu me enxugo, uso o desodorante, o perfume e a maquiagem que Donna compra para mim, me visto de novo e volto para a cozinha, onde BBB caiu no sono em cima do pequeno tapete trançado em frente à pia.

Meu cabelo está encharcado, mas nem Ricky nem Donna dizem alguma coisa sobre eu ter precisado usar o chuveiro. Ricky está

acostumado a me ver usando a casa dele como segunda casa, e Donna é elegante demais para questionar por que tenho que abusar de sua hospitalidade.

Devoro minha omelete, lavo toda a louça e limpo a cozinha enquanto Donna termina de ler o jornal e Ricky resolve equações no caderno. Ele é um baita gênio da matemática. Levo BBB para um último xixi lá fora e dou um beijo de despedida antes de trancá-lo em seu quarto — um cômodo não usado do primeiro andar que contém uma caminha, vários brinquedos mastigados, um pote com água e até um rádio, que deixamos na estação de música clássica para acalmar os nervos do Triplo B. (B3 adora Chopin. Sei disso porque ele começa a pular feito doido toda vez que o rádio toca um dos concertos de Chopin para piano.) Como toda manhã, BBB começa a chorar e a arranhar a porta assim que a fecho, o que parte meu coração e faz com que eu me sinta mal, porque a porta da Donna vai ficar toda arranhada, apesar de ela dizer que não dá a mínima para aquele cômodo e que tem dinheiro de sobra para comprar portas novas, e tal.

Entramos na SUV dela — bancos de couro aquecidos muito irados. Não é? Pois é. Dançamos ao som de Dinosaur Jr., uma banda indie obscura dos anos 1980. Donna gosta de bandas desconhecidas, como Dinosaur Jr. Até seu gosto para música é incrível. Ouvimos "Feel the Pain", que significa "Sinta a dor", três vezes, porque Ricky gosta muito dessa música, e então chegamos à escola. Donna desliga o rádio.

— Amber, o que você vai fazer hoje depois da escola?

— Tenho as Divas Coreanas por Cristo às três e meia.

— Pode levar o Ricky para casa antes disso?

— Tranquilo.

— Ricky, você vai se comportar hoje?

— Vo-o-u — responde Ricky, usando a voz de robô mais engraçada que sabe fazer.

— Vai repetir palavrões? — pergunta Donna.

— Nããããããããão!

— O que vai acontecer se você repetir?

— Amber Appleton não vai ao baile de formatura com Ricky Roberts. É.

— Isso mesmo. Então se comporte. Seja o cavalheiro que sei que você é. — Para mim, Donna diz: — Diga à Federação Ferrenha do Franks que vamos nos encontrar na minha casa às sete em ponto. Não posso buscar um por um porque vou passar o dia todo no tribunal. Tenho um caso de assassinato. Mas, se cumprirem a missão e não ferrarem com tudo, vamos ao Friendly's depois.

— Sim, senhora — respondo, como uma idiota.

— Friendly's. Sundae com pedaços de Reese's. É — diz Ricky.

— Está bem. Tenho que ir para o tribunal. Beijos e podem sair.

Ricky beija a mãe enquanto desço do banco de trás do carro e vou para a calçada. Ricky sai do carro, bate a porta com força demais e fala:

— Vou jogar Halo 3 com o sr. Jonathan Franks! É! Halo 3.

CAPÍTULO

3

Talvez você queira saber como os Cinco se juntaram. Certo?

A história dos Cinco.

Tudo começou quando Jared e eu repetimos o quinto ano.

Bom, tecnicamente, nenhum dos dois repetiu, mas fomos obrigados a fazer o quinto ano de novo e fomos parar na sala de Chad, Ricky e Ty. Jared não foi para o sexto ano porque gaguejava muito na época e mal conseguia completar uma frase sem repetir quase todas as sílabas um quinquilhão de vezes. Juro. E eu, porque perdi aulas demais, apesar de tecnicamente ter ido bem em todas as provas, quando eu aparecia na escola para fazê-las. Se alguém falta muitas vezes, automaticamente repete de ano ou, pelo menos, foi o que me disseram. Faltei a tantas aulas porque, na época, morávamos com Gerald, o Bom Namorado, que foi, de longe, a melhor escolha da minha mãe até agora, se você quer saber.

GBN dirigia um caminhão e fazia viagens longas pelo país. Minha mãe era louca por viagens, então, sempre que não queria ficar sozinha, sem Gerald, pedia para alguém substituí-la no ônibus escolar por uma semana, mais ou menos, e me deixava faltar à escola para viajar pelo país com eles no caminhão vermelho, grande e velho que GBN chamava de Melissa. Como GBN fazia essas viagens o tempo todo, perdi aula à beça.

Quando íamos para o Oeste, viajávamos a noite toda, quase sem parar, porque Gerald, o Bom Namorado, recebia mais se entregasse a carga cedo. Viajávamos no caminhão dele, minha mãe sentada no meio, segurando as mãos dos dois, e era divertido percorrer as estradas dos Estados Unidos daquele jeito, meio que como uma família. GBN era bem velho e falava pouco, mas tinha um rosto bondoso e enrugado. Adorava sorrir e, apesar de ser grande, durão e de ter uma barba cinzenta farta, era o tipo de cara em quem confiamos na hora, meio que como um Papai Noel, ou coisa do tipo.

Depois que ele entregava a carga, viajávamos de volta para o Leste com mais calma e GBN nos levava para ver coisas legais. A melhor coisa que ele nos mostrou foi o Grand Canyon. Juro. Fomos lá em dezembro, quando tem neve por toda a parte, e olhar para baixo, para aquela abertura linda no meio da terra, foi meio que uma experiência espiritual para mim. Eu me lembro de que havia tantos tons de marrom e dourado naquele buraco majestoso que nem parecia real. E

as nuvens... Eram algo tão belo e maravilhoso que parecia que nossos olhos de fato doeriam só de observá-las. Eu queria descer o Grand Canyon e ainda vou fazer isso — juro —, mas minha mãe foi contra, disse que não era seguro no inverno, apesar de muitas outras pessoas estarem descendo com mochilas enormes e cravos presos nas botas. *Hardcore*.

GBN pagou por um hotel no Arizona e, depois de jantarmos em uma lanchonetezinha engordurada e comum, minha mãe e eu fomos caminhar enquanto GBN tomava banho. Ele nunca tomava banho quando eu estava no quarto — dizia que não era certo, o que era meio nobre da parte dele e o fazia parecer um cavalheiro das antigas. Eu me lembro de caminhar de mãos dadas com minha mãe por uma cidadezinha sem graça. Depois de nos afastarmos da rua principal e andarmos bastante por uma estrada vazia, ela me falou para olhar para cima.

Segurando a mão dela, levantei a cabeça e observei minha respiração cinzenta subir em direção a bilhões de estrelas. Minúsculos diamantes azulados, da cor de chamas de gás, se espalhavam por todo o céu. Era *tão* lindo. Minha mãe e eu ficamos paradas na estrada, olhando para cima, por quase uma eternidade. E esse instante — quando olhamos para as estrelas do Arizona no inverno — é o quinto melhor momento entre Amber e sua mãe. Estava muito frio, mas eu não ligava. Nunca tinha visto tantas estrelas — e, ali, ao ar livre, sem ninguém por perto, lembro-me de rezar para JC e agradecer a Ele pelas estrelas, pela minha mãe, por aquele momento e por mandar GBN para nós, para que pudéssemos ver coisas como o Grand Canyon, que, na minha opinião, é uma das obras-primas de Deus. Foi um momento irado. Juro.

Naquele inverno, fizemos várias outras viagens com GBN, que não falava muito, mas que parecia gostar de nos ter por perto. Realmente achei que ele seria o homem da vida da minha mãe — aquele que faria dela uma mulher honesta. Mas aí, um dia, no fim do ano escolar, GBN saiu para uma de suas viagens e simplesmente não voltou mais. Minha mãe passou semanas esperançosa, dizendo que ele ia voltar, mas o dono do apartamento nos fez uma visita e disse que o aluguel fora pago pela última vez dois meses antes. Logo depois, minha mãe e eu nos mudamos para a casa de outro namorado dela: Craig Biruta, de quem não quero nem falar, porque ele era muito doido mesmo. E GBN se tornou apenas uma lembrança.

Sempre me pergunto o que aconteceu com ele, o cara que nos abandonou em silêncio e se mandou.

Na segunda semana da segunda temporada do quinto ano, fui retirada de sala por uma mulher estranha com uma blusa de babados. No corredor, ela se apresentou:

— Sou a sra. Pohlson. Não sou professora, sou assistente social, e gostaria de convidar você para fazer parte de um clube muito especial.

— Eu me meti em alguma confusão? — perguntei, porque parecia que a sra. Pohlson estava mentindo.

— Não. Por que você acha isso? Fez alguma coisa errada?

— A gente não precisa fazer alguma coisa errada para se meter em confusão — respondi.

Ela concordou e me levou para uma pequena sala no fim do corredor, um lugar que não tinha janelas e meio que lembrava um armário grande. Dentro da sala, uma mesa redonda ocupava quase todo o espaço e quatro meninos estavam sentados em volta dela, os mesmos que acabariam se tornando *meus* meninos: a Federação Ferrenha do Franks.

Nenhum deles se manifestou quando me sentei à mesa e os cumprimentei.

— Oi — eu disse.

— Meninos, essa é a nova colega de turma de vocês, Amber Appleton. Não querem dizer "oi" para ela? — perguntou a sra. Pohlson.

— Ricky Roberts diz "oi" para Amber Appleton. Oi. É.

— O-o-o-o-o-i.

— Oi, Amber — disse o menino na cadeira de rodas.

— Ei — cumprimentou o garoto negro.

— Estes são Ty, Jared, Chad e Ricky. Todos são seus colegas, apesar de estarem em outras turmas do quinto ano. Gostaríamos que você se juntasse ao nosso clube — disse a sra. Pohlson.

O único negro da cidade. O menino que não conseguia falar direito. O garoto pequeno e cabeçudo que andava de cadeira de rodas. O moleque retardado (eu não sabia o que era autismo, na época). E, de repente, eu. Eu não era muito esperta, mas percebi que tinha ido parar no Clube dos Estranhos. Não fiquei muito chateada por ter sido incluída naquele grupo, porque também era estranha e meio que já sabia disso — juro —, mas tinha receio de alguma punição para os integrantes, como deveres de casa extras.

— Que tipo de clube é este? — perguntei.

— Jogamos jogos de tabuleiro duas vezes por semana, bem aqui, nesta sala — respondeu a sra. Pohlson.

— Por quê? — perguntei, então olhei em volta, para os outros meninos, que encaravam os próprios colos. — E tudo bem a gente faltar às aulas? Ninguém vai ficar no nosso pé?

— Você não gosta de jogos de tabuleiro? Podemos jogar Banco Imobiliário, Scrabble, Jogo da Vida...

— Por que você tirou a gente da sala de aula para jogarmos jogos de tabuleiro? — perguntei.

— Bom, também aprendemos a falar direito e a interagir de forma correta com nossos amigos — respondeu a sra. Pohlson.

— Interagir?

— Brincar.

— Então neste clube a gente aprende a brincar uns com os outros?

— Mais ou menos — respondeu a sra. Pohlson. — É.

Durante todo o ensino fundamental, ela tirava nós cinco da sala duas vezes por semana. Às vezes jogávamos jogos de tabuleiro, às vezes líamos livros em voz alta e em outras vezes apenas conversávamos.

Comecei a notar que os Cinco quase nunca falavam fora da sala da sra. Pohlson. Mas, quando estávamos lá, meio que falávamos muito — ou pelo menos mais do que quando estávamos no refeitório, no ginásio ou no pátio, talvez porque não houvesse tantas outras pessoas com quem competir para falar. Comecei a adorar ir para a sala da sra. Pohlson, e não demorou muito para os pais dos Cinco começarem a marcar encontros depois da escola ou nos fins de semana. Logo passei a ficar na casa dos meus meninos o tempo todo, e era como se fôssemos amigos desde que nascemos. A gente ficou íntimo muito depressa. Juro. De repente, era como se eu tivesse quatro irmãos e um monte de outros pais cuidando de mim. De repente, também tinha Donna.

Com o tempo, Jared parou de gaguejar, mas nada muito além disso aconteceu por causa da intervenção da sra. Pohlson — além de todos nós nos tornarmos melhores amigos.

CAPÍTULO

4

Como em um passe de mágica, justo quando tivemos que deixar a sra. Pohlson, as sessões em grupo e o prédio do ensino fundamental para trás, Franks foi contratado para dar aulas de marketing na escola. Ele também era meio que um calouro (só que um professor calouro) quando começamos o ensino médio, e foi então que eu e os Cinco começamos a andar com Franks. Jared e eu estávamos na turma de marketing dele e, como Franks era muito legal e nos deixava jogar videogames durante a aula e tal, logo trouxemos o restante dos Cinco para ficar na sala dele antes da aula ou na hora do almoço. O resto é história, como dizem.

A sala de aula do Franks fica no porão da escola e não tem janelas. Dá para entrar no cômodo pelo lado de fora — basta descer uma pequena escada velha de concreto e bater na porta de metal sete vezes. Três batidas rápidas, duas lentas e outras duas rápidas. Isso faz com que Franks ou quem quer que esteja na sala saiba que um membro do Clube de Marketing está do lado de fora. Apenas cinco alunos da escola são integrantes do clube, e todos os cinco também fazem parte da Federação Ferrenha do Franks.

Assim que Ricky bate, recuamos dois degraus. Dois segundos depois, Jared abre a porta com um chute de leve; a porta é daquelas que não têm maçaneta, apenas uma barra metálica. Ele corre de volta para a cadeira diante de uma das seis TVs colocadas sobre carrinhos com rodas. Todos os aparelhos estão ligados a um Xbox, e cada Xbox é conectado aos outros através de uma rede maluca de fios. Ty e Jared estão sentados em frente à TV mais próxima da porta — os olhos grudados no extermínio dos alienígenas que está acontecendo na tela. Do outro lado da sala, Franks está sentado ao lado da cadeira de rodas super-robótica de Chad, que chamamos de Das Boot — mesmo sem saber o significado de *Das Boot*. Os quatro estão segurando seus controles e tentando matar uns aos outros no mundo virtual repleto de astronautas que as televisões levam a seus cérebros.

Ricky se senta diante de uma terceira TV e liga um terceiro Xbox.

— Ricky Roberts quer que Ty Hendrix e Jared Fox morram, então Ricky Roberts poderá entrar no jogo Halo 3 e se juntar à equipe do sr. Jonathan Franks, porque o sr. Jonathan Franks é o professor favorito de Ricky Roberts. É.

— Seu desejo é uma ordem — diz Franks.

Então acontece uma coisa no mundo virtual que faz Jared e Ty grunhirem e levarem as mãos à cabeça.

Chad e Franks se cumprimentam, e Ricky começa a pressionar os botões de seu controle, adentrando o novo mundo.

Sei que tenho pouco tempo, porque, assim que o jogo começar, vou perder a atenção dos meninos, então digo:

— Franks, vamos fazer um anúncio para divulgar o Clube de Marketing hoje?

O Clube de Marketing é basicamente uma extensão das aulas de marketing do Franks. Uma vez por ano, competimos contra outras escolas em debates sobre estratégias de marketing e fazemos apresentações para vários juízes valendo pontos. Meus meninos e até mesmo Franks usam ternos durante a competição, e eu costumo usar um dos terninhos maravilhosos da Donna. É muito doido. A equipe que consegue pontos o bastante vence, além de se classificar para a competição nacional. Nunca passamos da regional.

Franks está sempre tentando fazer com que mais pessoas entrem no Clube de Marketing, porque seu emprego está sempre em risco, já que a direção vira e mexe precisa cortar gastos. As aulas são eletivas e, apesar de costumarem ficar cheias — porque ele dá aulas como "Marketing de videogames", "Crie e divulgue seu próprio filme" e, a minha preferida, "O lado empresarial do rap" —, Franks não é exatamente o professor favorito da Associação de Pais e Professores, nem é levado muito a sério pela escola.

Ele mede mais ou menos um metro e setenta, pesa mais de cento e trinta quilos e não corta o cabelo há anos — mantendo um rabo de cavalo grisalho. Para piorar, usa óculos pequenos com lentes fotossensíveis que o fazem parecer uma mistura de Buda com Lennon (John, o cara dos Beatles. Não confunda com o tal russo, Vlad).

— Pode escrever que eu leio — diz Franks, os olhos fixos na tela, pronto para a batalha espacial com os adolescentes.

— Legal — respondo, sentando-me à mesa de Franks, próxima ao quadro-negro.

— Pode comer metade do meu sanduíche de salsicha e ovo. Está na gaveta número dois — diz Franks. — Estou tentando manter a forma. E a gaveta de cima está cheia de M&M's de amendoim, como sempre.

— A Donna me deu comida — respondo.

— Legal — diz ele.

Com exceção de alguns murmúrios ocasionais cheios de palavrões e das provocações pós-morte, é fácil escrever quando os meninos estão jogando Halo 3, porque o videogame os distrai e os mantém bem quietos.

Ricky nunca mata ninguém no jogo, e ninguém o mata, porque ele tem autismo e tudo o que faz é ficar correndo e fazendo movimentos

aleatórios. Devo dizer que adoro o fato de meus meninos levarem isso numa boa — adoro o fato de deixarem Ricky jogar Halo 3 de seu jeito pacifista. Meus meninos são gente boa. Juro.

Começo a escrever o anúncio sobre o Clube de Marketing. Tento fazer Franks soar legal, mas também quero fazer alguma coisa que não seja exatamente igual aos outros comunicados da escola. Nunca o decepcionei. Escrever anúncios é uma arte, porque sei que Franks não vai gostar de ler palavrões nem nada do tipo, então inserir esse tipo de linguajar no texto seria apenas inútil e mal-educado, o oposto de refinado.

Estou na metade do anúncio quando olho para a grande foto em um porta-retratos sobre a mesa de Franks. A pequena esposa do professor, ruiva e mal-encarada, está na praia, cercada pelos seis filhinhos ruivos do casal. A cabeça de Franks — um cabeção, óculos minúsculos — está rodeada de areia, aos pés do restante da família. Eles o enterraram até o pescoço e depois pediram para alguém tirar a foto. Penso no que aconteceria com os filhos de Franks — que têm menos de dez anos — se ele fosse demitido.

— Ei, Franks! — chamo, mas ele não responde, já que está vidrado naquele jogo idiota. Como sei que está me ouvindo, continuo: — Você vai à reunião do conselho hoje à noite?

Silêncio.

— Franks?

Ouço botões sendo apertados depressa pelos polegares dos meninos.

— FRANKS!

— É desse mundo — responde Franks.

Ele fala isso sempre. Quer dizer que só se preocupa com as coisas que vão acontecer depois deste mundo em que vivemos, quando Deus o levar para o céu, porque é católico, como eu, e tem a maior fé em JC.

Eu também tenho fé em JC, mas sei o que é morar em um ônibus escolar.

— Talvez você devesse ir, Franks. Pense nos seus filhos, cara — digo.

Hoje o conselho vai decidir se cortará o financiamento do departamento de marketing e, se fizerem isso, Franks vai perder o emprego no fim do ano. Mas está tudo certo. Eu e os Cinco não vamos deixar isso acontecer. Temos um plano excelente. Vamos cumprir uma missão.

Todos os meus meninos, com exceção de Ricky, lançam olhares nervosos para mim, porque não querem que Franks saiba o que vamos fazer por ele — preferem ser benfeitores anônimos. Ergo o polegar para garantir que sei o que estou fazendo.

— Minha família nunca ficou sem comer — rebate Franks, falando

como um homem que nunca ficou sem comer, que não sabe como é estar desabrigado.

Mas tudo bem, porque não vou deixar nada de ruim acontecer com Franks nem com os filhos ruivos dele.

— Posso dar um abraço em você hoje, Franks? — pergunto, porque sempre quis dar um abraço nele, desde que o conhecemos na aula de "A arte do marketing para fast-food".

— É contra a política da escola.

— Um dia vou dar o maior abraço em você. De urso.

— Talvez quando você se formar — retruca ele, quando Ty e Jared começam a grunhir de novo. — Campeões invictos de Halo 3! A nossa onda de vitórias continua, companheiro!

— Quem é que manda aqui? — diz Chad, da cadeira de rodas.

Chad e Franks comemoram batendo as mãos, os cotovelos e as mãos de novo. Coisa de homem.

Assim que termino a última frase do anúncio, o sinal toca. Então vou até a porta e, enquanto meus meninos saem da sala, entrego a cada um deles um pedaço de papel dobrado como um cisne, estilo origami. Dentro dos cisnes há instruções codificadas sobre onde e a que horas vamos nos encontrar, além dos discursos de cada um para mais tarde, escritos pela mocinha que vos fala. Jared inventou o código dois anos atrás, e todos nós o decoramos. (É só substituir as letras certas pelas que vêm logo depois, então *A*s são escritos como *B*s, *B*s como *C*s, e por aí vai. Não é totalmente seguro, mas engana a maioria dos idiotas da nossa escola. Sério.) Enquanto eles saem da sala, dou um tapinha na bunda de cada um dos meus meninos, como se fosse treinadora de futebol, ou coisa do tipo. O tapinha faz meus meninos ficarem corados e darem um sorriso. Tenho que dar um beliscão na bochecha de Chad, já que ele anda de cadeira de rodas motorizada, mas também o deixo corado.

— Ricky Roberts quer um cisne de papel, uma mensagem codificada como todos os...

— Que informações Ricky Roberts recebe? — pergunto.

— As informações estritamente necessárias. É.

— Você só tem cinco minutos para chegar à sala — digo, fazendo Ricky sair correndo.

Volto ao covil, entrego a Franks o anúncio sobre o clube e digo:

— Leia isso ao microfone. Se tiver coragem.

— Legal — responde Franks com um sorriso.

— Um abraço?

— Sala — diz Franks, erguendo a mão gordinha e vermelha.

Cumprimento-o com um tapa na palma da mão e corro para a sala.

* * *

— Tintininin, é o Clube de Marketing! Como tá tudo, tatu? Mal? Marketing de verdade na nossa sociedade. E isso é para todas as idades! Você vai conseguir resistir ao desejo crescente de fazer propaganda para toda a gente? Nos encontramos no porão todo dia, o que acha dessa alegria? Dê um pulo lá, venha pulular na sala do último andar. Entre para o Clube de Marketing hoje mesmo. Por hoje é só, pessoal! E não percam a esperança!

Sentada na sala de aula, dou um sorriso. Franks leu meu anúncio palavra por palavra, como prometeu. Ele é um homem honrado, um homem de palavra, o que é raro nesse mundo — ou pelo menos foi o que notei depois de dezessete voltas em torno da bola de fogo no céu (o Sol, cara!). Todos à minha volta estão conversando, sem prestar a menor atenção aos anúncios. Nem a supervisora, a sra. Lindsay, escuta ou dá a mínima, mas sei que pelo menos quatro adolescentes estão sentados em suas cadeiras, dando gargalhadas histéricas por causa do meu anúncio e do jeito maneiro com que Franks o leu. E sei que pode ser a única risada que vão dar hoje. A Federação Ferrenha do Franks vai se abastecer um pouco dessa energia, e talvez isso seja o bastante para aguentarem um dia inteiro na escola. "Não percam a esperança." Tenho quase certeza de que Jesse Jackson disse isso, quando concorreu à presidência nos anos 1980. É, aprendemos esse slogan legal na aula de história americana II, alguns meses atrás.

O dia passa sem grandes acontecimentos — aulas chatas de espanhol III, educação física sem graça, pré-cálculo entediante e química monótona. E, como segundas e terças são dias de socialização para Ricky, não almoçamos na sala do Franks, e sim no refeitório, porque o departamento de educação especial acha que Ricky deve interagir mais com os outros alunos. Ótima iniciativa, pessoal da educação especial, que não tem ideia de como os outros alunos podem ser cruéis com pessoas especiais como Ricky Roberts.

Enquanto estou na fila para pegar comida, observando Ricky, protegendo meu menino, Lex Pinkston me dá uma cotovelada nas costas e solta uma palavra nojenta de três sílabas que indica uma mulher, mas não vou repetir. Ele finge cobrir a boca e tossir, porque é um idiota, mas fica claro que está me chamando da pior das palavras, por isso respondo:

— Como se você soubesse o que é isso.

— Eu já vi a da sua mãe — retruca Lex, com cinco jogadores de futebol idiotas parados atrás dele. — Todo mundo na cidade já viu.

Dou um tapa na cara dele, forte o bastante para virar sua cabeça — *SLAP!* —, e isso me faz sorrir, apesar de ser católica e de JC não curtir

violência.

Então Lex leva a mão ao rosto. Não consegue acreditar que dei um tapão na cara dele.

Os idiotas do time de futebol ficam chocados — de queixo caído e olhos arregalados.

Ricky solta uma risada:

— Hi! Hi! Hi! Hi!

Os monitores do refeitório aparecem, entram no meio da discussão e, quando me dou conta, estou na sala do Príncipe Tony, esperando que ele termine alguma conversa estúpida ao telefone. Quando termina, Tony, do outro lado da mesa que mais parece um navio de guerra de tão grande, olha para mim e diz:

— O que foi desta vez?

— Seu quarterback me chamou de uma palavra de três sílabas nojenta para definir uma mulher, uma palavra que não vou repetir, e depois insinuou que tinha transado com minha mãe, então dei um tapa na cara dele — respondi, acrescentando: — Príncipe Tony.

— É diretor Fiorilli para você, mocinha.

— Ah, por favor, Príncipe, estamos entre portas fechadas. Somos só nós dois aqui — digo ao homem minúsculo, porque ele é fraco e pode ser manipulado se flertarmos com ele do jeito certo. Não de um jeito sexy, mas de uma forma meio pai e filha.

Ele fica vermelho, e sei que está na palma da minha mão.

— Soube que você deu um chute na canela dele ontem. O pai dele ligou para reclamar, e...

— Lex Pinkston é um moleque horrível que...

— Sei exatamente quem é Lex Pinkston, e o pai dele...

— Rezei por você ontem à noite, Príncipe Tony.

— Rezou? — Ele não sabe como reagir a isso. A igreja, o Estado e tal. Estamos em uma escola pública. — *Por que* você rezou por mim?

— Rezo por você toda noite. Sério.

— Obrigado — responde ele, ruborizando de novo.

— Quando você vai começar a proteger as pessoas legais da escola?

— O que você quer que eu faça?

— Expulse Lex Pinkston.

— Por quê?

— Porque ele é mau.

— Não é assim tão fácil.

— Então está admitindo que o Lex Pinkston é mau?

— O que eu *disse* é que não é assim tão fácil.

— É, sim.

— Primeiro, o pai dele é membro do conselho, e temos que ser cuidadosos quando... *Por que estou me explicando para uma menina de dezessete anos?*

— Vou dizer uma coisa para você, Príncipe Tony, e depois vou sair por aquela porta.

Olho bem nos olhos dele e o vejo engolir em seco. Ele me entende e sabe que Lex Pinkston tem que levar chutes na canela e uns tapas de vez em quando, nem que seja apenas para manter o equilíbrio de poder entre os alunos e não deixar que o mal saia do controle. O diretor sabe disso porque, no fundo, é gente boa — mesmo que seja um medroso que não consegue sair de cima do muro quando precisa tomar decisões na escola. Assim como Billy Budd, Príncipe Tony precisa de um capitão Vere para protegê-lo das pessoas más deste mundo. Acho que sou uma capitã menos brilhante e menos sonhadora do que Vere. Capitã Appleton, a seu dispor. Juro, seus bobinhos.

— Você é gente boa, Príncipe Tony — começo —, e acredito de verdade que vai fazer uma limpa na escola e proteger os alunos dos interesses egoístas de membros do conselho como o sr. Pinkston. Confio em você, Príncipe Tony. *Confio em você.*

Eu me levanto e ando até a porta.

— Você não pode ficar agredindo outros alunos na minha escola, srta. Appleton. Não vou aceitar essa sua mania de vingança contra...

— Pense bem, Príncipe Tony. Você sabe qual é a coisa certa a fazer. Eu acredito em você. E rezo por você. Toda noite.

Saio da sala, e sua secretária velha e enrugada, a sra. Baxter — que usa o batom mais vermelho que já vi e parece superpatriota por causa do cabelo azul e da pele branca — me pergunta:

— Como foi lá dentro?

A sra. Baxter é muito legal, e acho que posso dizer que é uma fã de Amber Appleton.

— Eu rezo pelo seu chefe. Ele é capaz de mudar esta escola.

— Se pelo menos ele tivesse coragem... — sussurra ela, tapando os velhos lábios com a mão, para que apenas eu possa ver o que está dizendo.

— *Viva la revolución*, sra. Baxter — digo, e ela me dá um bilhete para entregar ao próximo professor.

Então corro e vou para a aula de literatura americana avançada do sr. Doolin. Aprendo tudo sobre desobediência civil e Henry David Thoreau, um cara legal que admiro pra caramba, porque era *hardcore* e até foi para a cadeia pelo que acreditava — o que quer dizer muita coisa. Não é? Pois é.

CAPÍTULO

5

Aula de trabalhos manuais, na qual confecciono meu vestido para o baile de formatura.

Aula de história meio chata, e depois estou na frente do armário do Ricky.

— Amber Appleton deu um tapa NA CARA do Lex Pinkston. Menina má! Menina má! Menina má!

— Se não parar de repetir isso, vou fazer cócegas em você.

— Não! Ricky Roberts NÃO gosta de cócegas. Nada de cócegas.

Isso é o mais próximo que Ricky chega de fazer uma piada, porque ele adora cócegas. Eu o pego de jeito embaixo dos braços, e ele se abaixa e grita "Hi! Hi! Hi!" até que um professor barbado que não conheço sai da sala e me pergunta se está tudo bem.

— Tudo certo — respondo ao barbado.

— Amber Appleton é minha melhor amiga. Ela faz omelete com tequila para mim e me leva em missões, e vou levar a Amber ao baile de formatura em uma limusine! É — diz Ricky.

O barbado faz que sim com a cabeça uma vez, muito sério — como se Ricky tivesse dito que teria que doar um rim para o presidente porque era seu dever como cidadão, ou algo do tipo —, e depois volta para a sala.

Verdade seja dita: muitos professores têm medo do Ricky, porque ele às vezes surta e bate na própria cabeça, o que pode ser meio intenso.

Enquanto andamos juntos para a casa de Donna, Ricky conta em voz alta, e eu aproveito o sol da tarde de inverno em meu rosto.

Bobby Big Boy sempre faz xixi quando nos reencontramos, então pego algumas toalhas de papel do rolo antes de deixá-lo sair do quarto. No corredor ladrilhado, ele dá sete voltas ao meu redor, como se tivesse cheirado cocaína o dia todo, e depois urina no chão. Então limpo a poça amarela e dou um beijo em Triplo B. Ele tenta me dar uma lambida, mas não consegue passar a língua na minha boca nem nada do tipo.

Dou a Ricky um pacote de biscoito e um Gatorade azul.

Ele já está fazendo o dever de matemática, porque adora matemática.

— Tenho que ver as DCPC — digo, mas ele não tira os olhos do caderno. — Volto para preparar o jantar, está bem?

— Ricky Roberts está estudando matemática. Não fale com Ricky Roberts enquanto ele estuda matemática!

— Está bem — respondo, trancando a porta depois que eu e BBB saímos.

Ricky pode passar uma eternidade resolvendo problemas de matemática, então não fico preocupada por deixá-lo sozinho.

Tiro a bicicleta de dez marchas da garagem e ponho 3B na cestinha que Donna comprou para ele e prendeu ao guidão. Ele se encaixa perfeitamente e fica só com a cabeça para fora. É uma gracinha.

Disparamos pelo ar frio de janeiro, para fora da cidade, para o outro lado dos trilhos do trem, e entramos na periferia da cidade. Existem muitas pessoas pobres nessa região, e elas costumam olhar feio para mim quando passo de bicicleta.

Na primeira vez que isso aconteceu, fiquei muito assustada, porque meio que parecia que elas queriam me matar. Mas agora já aprendi um truque.

Sempre que alguém me encara como se quisesse me dar um murro, olho a pessoa nos olhos, abro um sorriso enorme, aceno e digo: “Espero que seu dia seja ótimo!” É muito doido, porque funciona mesmo. Se você não acredita, tente. Mesmo os mais emburrados ficam meio atônitos, e, depois, deixam um sorriso nascer no rosto, acenando de volta e dizendo algo legal, como “Deus a abençoe!” ou “O mesmo para você!”. É um truque muito legal, e talvez seja um estilo de vida muito maneiro, se você for uma maluca espiritual como eu. Não é? Pois é.

Hoje, grito “Espero que seu dia seja ótimo!” oito vezes e recebo dois “Obrigado!”, um “Jesus ama você!”, dois “É isso aí, garota!”, dois “O mesmo para você!” e um “Que ciclista linda! Continue pedalando, menina, continue pedalando”, o que me faz rir, porque o homem que gritou isso devia ter pelo menos noventa e sete anos.

Então chego à Igreja Católica Coreana, uma velha loja de sapatos que se tornou uma casa de Deus. Ela fica entre um McDonald’s e uma loja de bebidas. Em seu terno de pinguim, Padre Chee espera por mim do lado de fora, porque os homens que ficam em frente à loja de bebidas dizem coisas ruins para mim, e o truque do “Espero que seu dia seja ótimo!” nem sempre funciona com eles.

Tecnicamente, conheci o Padre Chee através do meu orientador vocacional, que disse para eu fazer muito trabalho voluntário se quiser entrar para a Bryn Mawr. Quero estudar inglês lá, porque se mandar muito bem na Bryn Mawr, vou poder ir para a faculdade de Direito. Bom, foi o que Donna fez. Mas, para ser sincera, já não estou nem aí para preencher as exigências da faculdade quanto ao trabalho voluntário, que são coisas deste mundo, como diz Franks. Ainda quero estudar na Bryn Mawr e tal, mas o que faço com o Padre Chee se

tornou parte da minha prática religiosa. Isso pode soar muito doido para algumas pessoas, mas acredito no que PC e eu fazemos, tipo, de verdade. Juro. Eu sempre rezei para ter a chance de fazer a diferença na vida de quem mais precisa, porque é isso que quero fazer da minha vida: ajudar a quem precisa, como pediu JC.

Há mais ou menos um ano, Padre Chee entrou em contato com a escola em busca de alguém para ensinar inglês às mulheres de sua igreja. De início, tentei ensinar da forma clássica: vocabulário, gramática e sei lá mais o quê, mas era tão chato e deprimente para elas que eu tive que pensar em uma alternativa genial ou desistir. Para sorte das frequentadoras da igreja do PC, sou muito boa em inventar coisas geniais. Além disso, Padre Chee e eu trabalhamos bem juntos — somos uma dupla maneira — e, desde que implementei minha nova técnica de ensino, o número de alunas mais que dobrou.

Padre Chee abre a porta da frente e entro na igreja de bicicleta.

O Homem de Deus tranca a porta depois de passarmos, o que é meio estranho, já que é uma igreja e tal.

— Oi, Bobby Big Boy — diz Padre Chee, fazendo carinho na cabeça de 3B.

Triplo B lambe a mão do padre, porque eles são meninos, e depois PC tira BBB da cesta para dar um abraço de homem nele, o que é legal, porque Triplo B adora abraçar Homens de Deus.

Meu cachorro é católico. E, se você vier me dizer que cachorros não têm alma e, por isso, não vão para o céu, dou um tapa na sua cara. Juro.

Talvez, antes de começarmos a história das Divas Coreanas por Cristo e do Padre Chee, você queira saber como me tornei católica e super-religiosa.

Bem, a única coisa que meu pai, Bob, deixou para mim quando foi embora foi uma série de livros infantis chamada *Jesus era um rockstar*. Os livros tinham ilustrações enormes, e cada volume da série — eram doze, no total — mostrava alguma aventura genial que Jesus viveu na Terra e como Ele sacudiu o mundo e foi crucificado por ser tão legal. Os livros eram o máximo, porque Jesus estava sempre fazendo milagres, como transformar água em vinho, andar na água e até ressuscitar gente — o que é, definitivamente, uma coisa irada de se fazer. Além disso, Jesus era muito bonito nas ilustrações (meio parecido com o Jack White, do White Stripes) e tinha um cabelo comprido, como o de um rockstar mesmo. JC sempre tinha uma galera com ele e nunca surtava quando o decepcionavam ou quando as coisas davam errado. JC era sempre muito tranquilo. Amava todo mundo e saía por aí salvando pessoas como minha mãe e eu, pessoas de quem todos já tinham desistido.

Na minha aventura favorita, Jesus impediu uma multidão de

apedrejar uma prostituta. Você já deve conhecer essa história: caras maus iam jogar pedras na cabeça da mulher até os ossos dela se desmancharem e ela morrer, só que Jesus fez um truque Jedi e só ficou escrevendo palavras na areia até os caras perceberem e perguntarem o que Ele estava fazendo. Então — supertranquilão, como um rockstar — Jesus disse que quem nunca tivesse pecado poderia atirar a primeira pedra na mulher. Com isso, os caras começaram a se sentir culpados, surtaram e foram embora — e essa é a melhor parte. Jesus nem teve que levantar a voz, muito menos cerrar os punhos. Quem poderia imaginar que escrever palavras na areia funcionaria? E JC nem berrou com a mulher por ela ter feito sexo demais. Apenas a salvou e mandou que ela tivesse uma vida digna, o que foi muito legal da parte dele. Não fez a mulher se sentir culpada nem nada do tipo.

Ainda tenho todos os volumes da série *Jesus era um rockstar*, e as páginas estão todas gastas por eu ter lido os livros milhares de vezes. Sério.

Minha mãe nunca foi muito fã de Jesus, talvez porque meu pai acreditasse muito em JC e mesmo assim partiu o coração dela — em milhões de pedacinhos, diga-se de passagem —, e a deixou sozinha com uma filha recém-nascida e uma série infinita de namorados fracassados.

Por isso minha mãe nunca me levou à igreja ou qualquer coisa assim.

Mas, quando estávamos no oitavo ano, Ty vivia reclamando de ter que ir às aulas sobre Jesus que a mãe o obrigava a frequentar, para que ele entrasse para a Igreja Católica e não fosse mandado para o Inferno. Perguntei se podia ir também, e isso deixou a sra. Hendrix muito animada. Comecei a frequentar as aulas sobre Jesus da Santa Dymphna, uma igreja grande e velha com uns vitrais incríveis, bancos de madeira antigos cheios de almofadas vermelhas confortáveis e um órgão enorme que pode explodir seus tímpanos e deixar você surdo. A Santa Dymphna, basicamente, tem de tudo.

Só que o padre de lá — o padre Johns — contava as histórias sobre Jesus do jeito errado. O padre Johns sempre falava que Jesus ficaria decepcionado se a gente pecasse ou não fizesse caridade suficiente. A maneira como ele falava de JC fazia o Filho de Deus parecer mais uma velhinha chata do que um rockstar. Mas a coisa que mais mexeu comigo foi o fato de o padre Johns ter dito que a gente iria para o Inferno se não entrasse para a Igreja Católica, se não fizesse caridade suficiente e se não tivesse uma vida digna. Essa parte meio que me assustou e me fez querer entrar mesmo para a igreja.

Nem preciso dizer que fui batizada, fiz a tal da confissão e a primeira comunhão com um monte de criancinhas cujos pais eram

bons católicos e não deixavam os filhos e as filhas chegarem ao fim do ensino fundamental sem a primeira comunhão. Então Ty e eu entramos para a igreja e os pais dele ficaram todos orgulhosos. A sra. Hendrix foi minha madrinha e até comprou um vestido e sapatos brancos para eu usar no grande dia. Tomei Maria como nome de batismo — nada original, admito — e depois fui a uma grande festa na casa dos Hendrix, e os parentes de Ty me deram presentes, só porque agora eu era oficialmente católica.

Minha mãe não foi ao meu batismo nem quis ver quando me tornei membro da igreja — provavelmente porque meu pai religioso a abandonou.

Durante mais ou menos um ano, fui à igreja com os Hendrix toda semana. Depois, parei de ir por alguma razão. Acho que foi porque o padre sempre esculhambava as histórias de Jesus, falando como se ele fosse um chato arrogante que não era nada legal, o que todos sabemos que não é o caso. Eu não sentia nada quando frequentava a Santa Dymphna, e como podia ler sobre Jesus em casa e rezar em qualquer lugar, parei de ir à missa. Acho que isso decepcionou a mãe do Ty, mas a religião e JC não foram feitos para impressionar a mãe dos outros. Sério.

Pensei em ir a outra igreja para ver se falariam de Jesus de um jeito diferente, mas acabei conhecendo o Padre Chee — e, no mesmo instante, percebi que tinha encontrado o padre da minha vida. Juro. PC é genial, assim como JC.

Dentro da igreja do Padre Chee, há uma pequena sala onde podemos pendurar os casacos. É ali que deixo a bicicleta de Donna. Depois tem o santuário. Há um grande crucifixo pendurado no centro, acima de um pequeno altar, e um púlpito simples. As paredes são blocos de cimento pintados de amarelo cor de vômito, e não há janelas nem genuflexórios, apenas lâmpadas compridas no teto — daquelas que parecem sabres de luz — e várias filas de cadeiras dobráveis coloridas, que agora estão ocupadas por pouco mais de dez coreanas. Todas se levantam de um pulo e começam a sorrir assim que entro na igreja.

Não quero me gabar, mas sou meio que uma rockstar para essas pessoas.

A primeira coisa que acontece sempre que entro na Igreja Católica Coreana é:

Todas as DCPC me dão um abraço de urso e me mostram o dever de casa que passei. Ao fim de cada aula, passo para elas uma folha com uma pergunta, que copio umas dez vezes, porque não tenho acesso a uma máquina de xerox. Padre Chee sempre explica a pergunta em coreano, o que é meio que uma cola, mas também é bom, porque queremos que as DCPC façam a tarefa para que seu inglês melhore e

elas possam expandir a igreja pelo resto dos Estados Unidos e tal.

Na semana passada, nenhuma delas conseguiu fazer a tarefa direito.

Eu tinha pedido que dissessem o que mais gostariam de fazer no mundo e que descrevessem como se sentiriam ao fazer isso usando um adjetivo genial. Mas todas aquelas mulheres bondosas — todas elas — disseram o que gostariam de fazer pelos maridos, filhos ou pais.

"Eu gostaria de comprar uma casa grande para meu filho ou minha filha."

"Eu gostaria de comprar um carro caro para o meu marido."

"Eu gostaria de pagar uma viagem para o Havaí para os meus pais maravilhosos."

Dei nota zero para todas e expliquei às DCPC que elas tinham que escolher adjetivos melhores e dizer o que queriam para *si mesmas*, porque ter sonhos próprios é uma coisa muito americana e, se elas iam morar nos Estados Unidos, tinham que pensar como as americanas.

Hoje, então, pergunto:

— Na Yung, fez o seu dever de casa?

— Fiz, Amber — responde Na Yung.

— E aí?

Na Yung, que tem idade para ser minha mãe, fica toda nervosa quando fala inglês perto de mim, e foi por isso que a chamei primeiro, para ela falar de uma vez e relaxar.

— Eu gostaria de ver homem bonito do cinema de Hollywood ao vivo. Como os homens *deliciosos* que vejo em revista americana.

— Muito bem — digo a Na Yung. — Bem americano! A pronúncia está ótima, e delicioso é mesmo um adjetivo genial. Nota dez. E você, Sun?

— Eu sonho em voar em lindo e enorme balão de ar *rotundo* para meu cabelo voar para trás da minha orelha.

— Isso foi *ótimo*, Sun. Rotundo é *muito* bom. Eu também ia gostar de voar em um lindo e enorme balão rotundo. Seria genial.

Enquanto ouço os sonhos de todas as coreanas, Padre Chee sorri para mim cheio de dentes. Dá para ver que ele gosta muito, muito de mim, mas não de uma maneira sexual, e sim de uma forma bom moço/padre legal. Talvez quisesse que eu fosse sua filha, já que não pode ter filhos. Ele seria um pai legal.

As DCPC adoram quando elogio seu inglês, e dá para ver que elas curtem se expressar na minha aula, o que é muito legal. Eu me divirto ouvindo os sonhos delas, mas, então, de repente, todas já falaram e estão formando duas filas ao lado do altar, com os livros de canto na mão. Estão muito animadas, porque praticamente todas vêm para cantar soul. PC e eu sabemos que elas gostam mais de cantar do que de aprender inglês, e foi por isso que inventamos essa aula alternativa maneira.

— Vamos lá? — pergunta Padre Chee, oferecendo o braço, como um perfeito cavalheiro.

Como sempre, ele me leva até o altar como se estivesse me levando para meu noivo no dia do meu casamento.

Quando já estou posicionada, Padre Chee faz uma reverência, toma seu lugar ao velho piano à minha esquerda e abre o livro de canto na música com que sempre começamos.

— Certo, meninas — digo. — No que vamos trabalhar esta semana?

Quando comecei a dar aulas, deixei cada uma das Divas Coreanas por Cristo escolher um nome de língua inglesa, assim como minha professora de espanhol nos deixava escolher um nome na aula de espanhol I (escolhi Juanita). Depois que comecei a dar aulas na igreja, fiz cada uma delas escolher o nome de alguma cantora famosa de R&B.

Hye Min, que escolheu Tina, ergue a mão. Faço que sim com a cabeça e ela responde:

— Demonstrar confiança através das palavras.

— Isso mesmo, Tina. Vocês têm que demonstrar confiança através de todas as palavras. E como vão fazer isso?

Kyung Ah, que gosta de ser chamada de Diana e fica sempre no centro e na frente, ergue a mão e, quando indico que pode continuar, diz:

— Os quadris e as mãos.

— A força está nos quadris e nas mãos. E?

Uma mulher excepcionalmente alta da fileira de trás chamada Sueng Hee — Beyoncé aqui no grupo — grita, antes mesmo que eu diga o nome dela:

— Os ombros!

Isso meio que me irrita um pouco, porque acho que essas explosões ameaçam minha autoridade, mas aprecio o entusiasmo, então deixo pra lá.

— Com os ombros. *E?*

A mais velha das DCPC, uma vovozinha enrugada conhecida como Ella, acena para mim. Então aponto para ela.

— Batendo palmas no ritmo do soul — responde ela.

— Batendo palmas no super-hiper-ritmo do soul. Isso mesmo — reforço, começando a bater palmas devagar e com entusiasmo.

Todas as DCPC me acompanham, porque são bizarramente profissionais.

Então faço um movimento com o ombro e dou um passo para a direita — *palma*!

As DCPC não perdem o ritmo e continuam no embalo.

Movimento do ombro e passo para a esquerda — *palma*!

Repetimos isso algumas vezes, e depois eu grito:

— Vamos mexer esse quadril, meninas! Mexam o que Deus deu a vocês: esse bumbum arrebitado!

Então todas fazemos o bumbum acompanhar o movimento da cabeça.

Esquerda, passo, palmas!

Direita, passo, palmas!

Quando estamos bem aquecidas, grito:

— Manda ver, Chee!

O padre começa a tocar piano, e as DCPC cantam “You Can’t Hurry Love”, das Supremes. Todas cantam quase em *staccato*, porque são coreanas e não sabem inglês muito bem, mas deixam a música empolgante com os movimentos que ensinei. Devo dizer que estou orgulhosa dessa mulherada, porque elas estão me fazendo requebrar.

Antes de ficarmos tão boas na cantoria, o padre pediu para a igreja comprar vinte cópias do songbook completo das Supremes para a gente. Depois, usando dicionários inglês-coreano, as DCPC e eu traduzimos todas as músicas, escrevendo a letra em coreano abaixo da letra em inglês, para que minhas alunas soubessem o que estavam cantando. Depois praticamos a pronúncia e, por fim, a apresentação no palco.

Eu não sabia que o Padre Chee tocava piano quando pensei em ensinar inglês com música, mas, no dia em que íamos começar a cantar, o piano apareceu na igreja como que em um passe de mágica. Quando perguntei de onde ele tinha vindo, Padre Chee disse que Deus o colocara ali. Quando perguntei quem ia tocar, Chee respondeu que Deus ia tocar através de seus dedos. Pode ser meio brega para você, mas gosto como Chee faz com que Deus seja algo mágico, tipo o Papai Noel para as crianças. Mais padres deveriam usar esse método, pois existe uma boa razão para o Papai Noel ser mais popular do que Jesus hoje em dia.

Faço as DCPC cantarem “I Hear a Symphony”, “Stop! In The Name of Love”, “Baby Love”, “You Keep Me Hangin’ On” e alguns outros clássicos antes de fazermos nosso círculo do poder, que é quando todas as mulheres põem os braços sobre os ombros umas das outras para ficarmos reunidas em um círculo feminino superpoderoso. Depois grito umas bobagens motivacionais que inventei um tempo atrás.

— O que nós somos? — berro.

— Fortes! — respondem as DCPC.

— Quem somos nós?

— As Divas Coreanas por Cristo!

— Quem nos ama?

— JC!

— Quem quer que a gente seja feliz?

— Deus!

— Quem é genial?
— As Divas Coreanas por Cristo!
— Quem são as melhores cantoras coreanas de soul do mundo?
— As Divas Coreanas por Cristo!
— *Como é que é?*
— É isso aí!
— COMO É QUE É?
— É ISSO AÍ!

Então me solto e corro por dentro do círculo, cumprimentando cada uma das divas coreanas com uma batida na palma de suas mãos erguidas. As DCPC vão à loucura com esse tipo de encerramento animado. Gostam de me dar abraços de despedida e, como me amarro em abraços, também piro com isso. Cada uma delas ganha um abraço de urso, o que leva pelo menos dez minutos.

Quando chega a hora de ir embora, já está escuro, então — ainda vestido de pinguim —, Padre Chee corre ao meu lado enquanto eu e BBB saímos do bairro de bicicleta. Ele gosta de saber que cheguei bem em casa. Sorrio para quase todos da vizinhança e faço o truque do “Espero que seu dia seja maravilhoso!”, o que faz Padre Chee sorrir e se iluminar com um orgulho quase paternal.

Enquanto pedalo, costumo me confessar.

— Perdoe-me, padre, pois eu pequei — digo ao PC.

— Confesse seus pecados e Deus vai perdoar você — responde ele.

— Chutei a canela do Lex Pinkston ontem e dei um tapa na cara dele hoje. Mas ele me chamou da palavra nojenta de três sílabas que não vou repetir, disse que transou com a minha mãe e fez o Ricky dizer uma bobagem sexual para uma colega.

Ainda correndo, Padre Chee assente, compreensivo, quase um milhão de vezes.

— Jesus nos deu um exemplo. Ele disse: “Dê a outra face.”

— É por isso que estou me confessando. O senhor acha que não li a Bíblia?

— Está perdoada.

— Sem penitência? — pergunto.

— Você já cumpriu a sua. Ensinando inglês para os membros da minha igreja.

— Mas eu *gosto* de fazer isso.

— Deus quer que a gente seja feliz! — afirma PC, o que me faz sorrir.

Quando chegamos ao meu bairro, ele diz:

— Vou voltar para a igreja.

Paro a bicicleta e olhamos um para o outro, sorrindo, sabendo que hoje fizemos uma coisa incrível por Deus, deixando as DCPC felizes e esperançosas.

Finjo que Padre Chee é meu pai, e talvez ele finja que sou sua filha.

— Pode me dar um abraço, Chee? — pergunto.

— É claro — responde ele, abraçando-me como qualquer bom pai faria.

— E que tal um pouco de carinho para o B3?

Padre Chee dá vários tapinhas de leve na cabeça de BBB, e digo:

— Você é um cara legal, Chee. — E saio pedalando.

Olho para trás e — como sempre — PC está me observando, garantindo que vou chegar bem na casa de Donna. Isso me faz sorrir e sentir que ainda há muita bondade no mundo.

CAPÍTULO

6

Quando chego em casa, Ricky ainda está resolvendo problemas de matemática sentado à mesa da cozinha, então dou comida enlatada molhadinha para Bobby Big Boy e começo a preparar o jantar de Donna. Decido que vou fazer arroz, pimentão vermelho e frango. Então, descongelo o frango, pico dois pimentões, cozinho o arroz e tiro a *wok* do armário.

Depois que corto o frango e os pimentões em tiras finas, ponho tudo na panela *wok* e salpico um bocado de molho *shoyu* e sementes de gergelim.

Em seguida, jogo uma dose de Jack Daniel's na mistura.

"Ah, quer saber?", penso, jogando mais Jack Daniel's na *wok* já quente, o que provoca um chiado de fervura e produz um aroma gostoso e quentinho de trigo.

Frito tudo, e o cheiro fica maravilhoso.

Ricky AINDA está resolvendo problemas de matemática e BBB está deitado no tapete da cozinha, olhando para mim, observando cada movimento meu, porque esse vira-lata elétrico é completamente apaixonado por mim.

Donna chega em casa exatamente às seis e meia. É uma mulher muito disciplinada.

— Como já disse milhares de vezes, você não tem que cozinhar para a gente, Amber. Mas o cheiro está maravilhoso — diz, enquanto apoia a bolsa, pendura o casaco e joga as chaves em um velho cinzeiro de cristal ao lado da porta. Ela passa a mão no cabelo de Ricky e beija a testa dele. Fico com certa inveja, devo admitir, porque minha mãe é muito ruim, se comparada à do Ricky.

— Como está o meu menino?

— Fazendo o dever de matemática. Não fale...

— Que horas são?

Ricky olha para o relógio na parede e fecha o caderno de exercícios.

— É hora de Ricky Roberts jantar com a mamãe Roberts e Amber Appleton.

— Esse é o meu garoto — diz Donna. Ela se vira para mim e pergunta: — Como foi o seu dia, Amber?

Faço que sim com a cabeça e dou de ombros, como se fosse um robô.

— Ok — continua Donna. — Vamos comer?

Sirvo a todos e começamos a jantar.

— Tem Jack Daniel's nisso? — pergunta Donna, depois de provar meu mais novo prato.

— Tem.

— Está divino — diz ela. — Ricky, comprei um presente para você.

— A mamãe Roberts comprou um presente para Ricky Roberts!

— Está vendo aquela sacola ao lado da minha pasta? Perto da porta?

— Ricky Roberts está vendo a sacola!

— Por que não vai ver o que tem dentro dela?

Ricky se levanta e vai até a sacola. Ele a pega e a sacode, e depois a leva à orelha. Por fim, põe a mão lá dentro, e ela sai cheia de um tecido camuflado.

— Ricky Roberts ganhou uma camiseta.

— O que está escrito na camiseta? — pergunta Donna, com o garfo na mão.

Ricky ergue a peça de roupa e lê as palavras escritas em laranja.

— Federação Ferrenha do Franks!

É a camiseta mais legal que já vi.

— Quantas camisetas há na sacola, Ricky? — pergunta Donna.

Ricky conta.

— Sete!

— Uma para cada integrante envolvido na missão.

Engulo em seco. Amo Donna demais. Ela ficou o dia inteiro no tribunal cuidando do caso de assassinato, mas ainda assim mandou fazer camisetas para a equipe inteira usar na missão. Ela é o máximo!

— Há CINCO integrantes na Federação Ferrenha do Franks. A mamãe Roberts comprou SETE camisetas. Sete.

— Bom, sua advogada tem que se vestir de acordo com a equipe. E achei que o Franks também ia querer uma, então pedi para a minha assistente fazer sete. Que se dane... Não é, Amber?

Faço que sim com a cabeça, embasbacada. Um dia, quero ter uma assistente que providencie camisetas legais para adolescentes, para que eles possam fazer coisas legais com estilo. Quero ser a Donna. Muito, muito, muito.

Donna pisca para mim, depois come mais da minha comida.

Ricky arranca a camisa do Utley e põe a nova, camuflada.

— Federação Ferrenha do Franks!

— Gostou? — pergunta Donna.

— Ricky Roberts adorou!

— Amber?

Faço que sim com a cabeça cinquenta vezes, como uma idiota.

— Tem uma para você — diz Donna.

Corro até a sacola e vejo que há uma *baby look* para mim. Entro no

cômodo, visto-a e confiro meu visual no espelho do corredor. O corte da camiseta faz meus seios ficarem mais empinados, e a cor me faz parecer perigosa, meio que como Sarah Michelle Gellar em *Buffy, a Caça-Vampiros* ou talvez Uma Thurman em *Kill Bill*. Eu me sinto pronta para lutar pelo bem.

Volto para a cozinha, e Donna diz:

— Você está linda. Como vou usar uma *baby look* se tiver que ficar do lado dessa adolescente bonitona?

— Amber Appleton é bonitona! — fala Ricky.

— Sério? — pergunto, ruborizando como uma boboca.

— Sério — responde Donna, assentindo de um jeito gângster genial, o que me faz acreditar nela.

— Au! — late BBB, concordando.

— Legal — digo, sorrindo.

Jantamos, e depois Ricky e eu lavamos a louça, enquanto Donna responde a um zilhão de e-mails no celular. Seus polegares se mexem na velocidade da luz, e acho o máximo o jeito que ela murmura as palavras enquanto digita, como uma criancinha.

Jared chega com o irmão, Chad, preso às costas, como um bebê em um canguru. Chad nunca cresceu de verdade, e sua cabeça é quase do tamanho do corpo. Pedimos que ele deixasse a Das Boot em casa, para termos um efeito dramático. Ty chega logo depois dos irmãos Fox, e todos ficam doidos para vestir as novas camisetas.

Os meninos conversam sobre Halo 3 enquanto levo BBB para fazer xixi lá fora e Donna troca de roupa.

Depois que ponho Triplo B para ouvir música clássica e o tranco no quarto, ouço Donna me chamar, então subo e entro em seu quarto.

Ela tem uma cama *king-size* enorme, apesar de ser magra e solteira. É supermaneiro. Quando entro, Donna está conferindo a maquiagem no espelho. Ela está usando a *baby look* camuflada com uma saia preta e botas de couro até o joelho, com saltos de uns cinco centímetros.

— Sente-se — pede ela. Então me sento na beirada da cama. — Aqueles meninos lá embaixo... Eles estariam fazendo o que vamos fazer hoje se você não estivesse por aqui para liderá-los?

Dou de ombros. Meu coração está disparado.

Donna me olha nos olhos. Ela é uma deusa.

— Eles não estariam fazendo nada disso hoje se não conhecessem você. Estariam jogando videogame, se masturbando ou fazendo qualquer outra coisa que os adolescentes fazem quando não há ninguém por perto.

Não sei o que dizer, então não digo nada.

— Vejo em você uma coisa de que gosto muito, Amber. Você não é igual à maioria das pessoas. Vai fazer alguma coisa muito especial da vida. Vai fazer uma coisa muito especial hoje, porque nasceu para

isso.

Quase me mijo de nervoso e sinto que estou tremendo um pouco.

— Vou contar um segredinho, já que somos amigas — diz Donna, abaixando-se para sussurrar no meu ouvido. — A maioria das pessoas, até os adultos, é igualzinha a um bando de adolescentes. Elas só fingem que não. — Ela se endireita e pisca para mim. — Pessoas como você e eu têm que lhes dizer o que fazer para que o mundo não vire uma bagunça. Elas querem receber instruções. Precisam que você faça isso. E você sabe o que é preciso ser feito, porque tem um bom coração. E coragem. Vi seu bom coração agindo várias vezes nesses últimos anos. Você é toda bondade. Cem por cento. Confie nos seus instintos e fale o que pensa. Seja corajosa. Esses meninos admiram você. Você é a pastora. Guie as ovelhas. Entendeu?

Faço que sim com a cabeça trinta vezes em dez segundos e pisco, tentando afastar algumas lágrimas, porque ninguém nunca falou assim comigo. E acho que entendo o que Donna disse, porque às vezes sinto uma coisa no peito, e realmente não sou muito igual às outras pessoas.

— Vamos lá — diz Donna.

Quando chegamos à sala, os meninos param de falar e analisam a sensualidade de Donna. Aquilo os deixa mudos no mesmo instante. Donna deixa que eles assimilem a presença dela. Fico observando tudo. Esse é um de seus truques: Donna espera os outros perceberem sua sensualidade antes de falar — sempre. É a melhor pessoa que conheço e, se não fosse ateia, eu diria que é perfeita, ou talvez até mesmo a encarnação de Deus.

* * *

No caminho para a reunião do conselho, percebo que meus meninos estão tensos. Estou no banco traseiro com Ty, Jared e Chad — e seu silêncio coletivo e nervoso me assusta um pouco. Além disso, Donna não pôs música para tocar e nem está falando, o que é estranho, já que ela sempre fala ou ouve música enquanto dirige, e é por isso que sei que ela está testando minha capacidade de liderança. Ricky está quieto, contando os postes por que passamos — alheio.

Começo a me perguntar se meus meninos precisam de um incentivo:

— Como estão se sentindo? — pergunto

— Tudo bem — responde Ty.

Jared e Chad assentem. Chad está sentado no colo do irmão.

— Vocês decoraram os discursos? — pergunto.

— Decoramos — afirma Chad.

— Vamos mandar bem hoje? — indago.

— Não se preocupe — diz Jared.

— Estamos falando do salário do Franks. Se ele for demitido, nada de Halo 3 no ano que vem — lembro.

— É — responde Ty —, a gente sabe disso.

— E Franks tem seis filhos — acrescento. — Pensem neles hoje à noite. A gente não quer que eles acabem morando na rua, não é? Usem as crianças como motivação. Imaginem todas elas.

— A gente já entendeu — diz Jared.

— Alguma vez já deixamos você na mão? — pergunta Chad.

Eles não estão nem um pouco nervosos. Talvez porque sejam adolescentes e não saibam tudo que está em jogo. Além do mais, nenhum deles alguma vez já dormiu na rua. Nenhum deles alguma vez já ficou sem comer. Seus pais advogados e banqueiros estão por perto para lhes dar casa, comida, roupas e todas as outras coisas. Esses meninos não sabem o que eu sei.

Seguindo meu próprio conselho, penso nos filhos ruivos de Franks enquanto estacionamos. Meu peito começa a queimar e meus olhos, a se encherem de lágrimas.

— Deixem os casacos no carro, meninos — pede Donna. — Quero que todo mundo veja as camisetas.

Tiramos os casacos e colocamos Chad no canguru nas costas de Jared.

— Chegou a hora — diz Donna. — Farei uma breve introdução, e vocês seguirão as ordens da Amber. Entenderam?

Meus meninos assentem. Eles entenderam.

— Está pronta para começar a filmar? — pergunta Donna.

— Esperem — peço. — Vamos rezar primeiro. Antes de entrar.

— Se você insiste — responde Donna, começando a andar até a porta.

Ricky segue a mãe, porque também é ateu.

Estamos tremendo, porque está frio e vestimos apenas uma camiseta, mas estamos preparados para a missão.

Chad, Ty e Jared não gostam de JC tanto quanto eu, mas todos acreditam em Deus, então baixam a cabeça e fecham os olhos quando pego em suas mãos e começo:

— Meu Deus, estamos aqui reunidos por uma boa causa. O emprego do Franks está em jogo. Acreditamos que a escola precisa do Franks, que ele faz mais bem do que mal a este lugar, o que é legal e importante. Se a nossa causa for justa, nos dê forças para usar os talentos que o Senhor nos concedeu. Nos ajude a mandar bem no conselho. Tranquilidade, Deus. E que a paz esteja com o Senhor.

Largamos as mãos uns dos outros e abrimos os olhos.

— Prontos? — pergunto.

— Vamos lá! — responde Chad, atrás da cabeça do irmão.

Andamos até Donna, que já pegou a câmera e está gravando, o que me faz perceber que ela filmou tudo o que acabei de falar. Não sei se gosto do fato de ela ter gravado minha oração, mas não digo nada.

— Apresentem-se, meninos — pede Donna.

— Chad Fox, ou Desert Fox, pronto, disposto e tranquilo.

— Ty Hendrix, Torre do Poder, apesar de ser baixinho.

— Jared Fox. Só Jared.

— Meu nome é Ricky Roberts. O matemático gostosão — diz Ricky, me fazendo rir, porque inventei esse apelido para ele.

— Amber Appleton. Só uma garota com Deus a seu lado.

Donna vira a câmera para si mesma e se filma dizendo:

— Donna Roberts, advogada. Estamos na reunião de conselho da Escola Childress. São sete e quarenta e seis da noite, hoje é terça-feira, vinte e sete de janeiro de 2009. O resto será autoexplicativo.

Mantendo a câmera virada para si, Donna entra no imóvel ao lado do prédio do ensino básico: uma casa convertida em prédio de escritórios. É lá que o conselho se reúne.

Há membros da comunidade e um ou dois repórteres locais sentados em cadeiras dobráveis. Príncipe Tony está na primeira fila com alguns outros membros da direção, e o conselho escolar está sentado à uma mesa comprida, cheia de coisas tipicamente adultas.

Todos estamos usando nossas camisetas camufladas, e as letras alaranjadas na frente deixam bem claro quem somos. O sr. Peterson se levanta. Ele está com um terno de três peças e a corrente de seu relógio de bolso forma um sorriso dourado e maldoso sobre a barriga, como se ele tivesse saído de um filme velho e brega sobre esperas por trens que nunca chegam. O homem retira o relógio do colete e — enquanto checa as horas — pergunta:

— Quem são vocês e o que pensam que estão fazendo?

Donna fica parada diante do sr. Pinkston, no meio da sala, usando a camiseta camuflada, filmando a si mesma, deixando, confiante, que todos os presentes absorvam sua sensualidade.

— Sente-se — diz Donna, como se estivesse falando com Bobby Big Boy.

Por incrível que pareça, o sr. Pinkston olha para ela, surpreso, e se senta.

Um silêncio absoluto reina no ambiente.

— Sra. Roberts — interrompe Príncipe Tony, com a voz calma e tranquilizadora. — O que está acontecendo? Não permitimos que essas reuniões sejam gravadas. A senhora com certeza sabe o motivo.

Donna simplesmente o ignora e fala com toda a sala.

— Meninos e meninas. Sou da Roberts, Bradley e Wong. Caso não tenham ouvido falar da nossa firma, garanto que seus advogados já ouviram, e eles vão querer saber o que foi dito hoje, então anotem.

Veio à nossa atenção que os senhores estão considerando cortar o financiamento das aulas de marketing do sr. Jonathan Franks. Eu represento o sr. Franks e todos os cinco alunos que vão falar hoje à noite. *Pro bono* e pelo tempo que for necessário. Os senhores precisam saber duas coisas antes de começarmos. Primeira: Roberts, Bradley e Wong. Não está em ordem alfabética. Segunda: primeiro nome. A pessoa responsável, Roberts. Sou eu. Amber?

Donna começa a me filmar.

Estou totalmente embasbacada.

— Amber? — repete Donna.

Ty me dá uma cotovelada nas costas.

— É a sua vez — diz Donna.

Olho para todos os membros do conselho. Com tantos alunos bizarros à sua frente, e todos representados por uma das advogadas mais temidas da região, os adultos entram em pânico. Dá para ver em seus rostos. Todos se impressionam com Donna, com exceção do sr. Pinkston, que é meio parecido com Dick Cheney e me encara como se quisesse me assar viva e me comer no jantar. Tal pai, tal filho. Então, recupero as forças.

— Como minha colega deixou bem claro — "Chamei Donna de colega. Foi um erro? Fui longe demais?" —, estamos aqui para defender o sr. Jonathan Franks. Os senhores...

— Está bem. Chega de bobagem. O conselho escolar tem o direito de fazer a reunião hoje — interrompe o sr. Pinkston. — É perfeitamente legal considerar...

— Não interrompa a minha cliente outra vez, sr. Pinkston. — Donna olha nos olhos do homem. Ela não pisca. — E acho que a minha cliente sabe mais sobre as leis do que o senhor ou qualquer outra pessoa nesta sala, porque informei à srta. Appleton sobre os direitos dela. Como colaboradora e cidadã preocupada, estou tentando evitar que o senhor cometa mais uma gafe clássica e extremamente custosa.

Donna vira a câmera para o sr. Pinkston.

— Não ouse me filmar! — grita ele.

Donna sorri, mantém a câmera no sr. Pinkston até que ele fique vermelho e depois a volta para mim.

Pigarreio e continuo:

— Os senhores podem pensar que o sr. Jonathan Franks é dispensável, mas ele serve a pelo menos dois grandes propósitos. Um deles é proteger vocês de possíveis processos. "Processos?", posso ouvir os senhores pensarem. Sim, processos. Sou a menina mais pobre da escola. Não vou ao médico ou ao dentista há uma década, porque minha mãe não pode pagar um plano de saúde. Pelo que sei, posso ter câncer ou precisar de um transplante de pulmão. Mas nunca vou saber, porque não tenho dinheiro para ir ao médico. Talvez, se ela

trabalhasse para um bom empregador, eu tivesse um plano de saúde. Mas ela trabalha para esta escola há quinze anos, dirigindo os ônibus, o que não paga quase nada e não oferece qualquer benefício. Então não tenho dinheiro para as roupas chiques que seus filhos e filhas usam, nem para consertar meus dentes tortos, e isso me levou a ter sérios problemas de autoestima. Mas será que posso ser tratada por alguns dos ótimos terapeutas que tratam meus colegas? Não. Porque não tenho plano de saúde. Juro. Vou dizer uma coisa: esta escola é um inferno diário para mim, mas existe um lugar em que sou sempre bem-vinda, onde não me sinto como se estivesse prestes a surtar: a sala do sr. Franks. Sou líder do Clube de Marketing e supervisiono a equipe da escola. No ano passado, ficamos em segundo lugar na competição regional de marketing para fast-food. O sr. Franks orienta o clube sem receber quase nada, se formos contar as horas que ele gasta com isso, além do custo dos troféus, medalhas e pizzas que ele paga para levantar nosso ânimo. E é a única coisa nesta escola que me dá alguma autoestima. Então não tirem a única coisa boa do meu dia. Ou eu posso simplesmente surtar e começar a precisar de toda a terapia que vocês não oferecem aos filhos dos seus empregados. Ty?

Dou um passo para trás. Analiso os membros do conselho e vejo alguns olhares solidários. Uma mulher gorda até acena e pisca para mim, como se fosse minha mãe e estivesse orgulhosa. "Legal", penso. Estamos emocionando as pessoas.

Ty dá um passo para a frente e diz:

— Eu tenho um sonho. Sonho com o dia, em um futuro próximo, em que esta escola vai ter uma equipe de professores que preze a diversidade e reconheça o Dia de Martin Luther King. Sou o único negro da escola, e o único lugar em que me sinto à vontade é a sala do sr. Franks. Se o sr. Franks perder o emprego, não haverá um lugar seguro para mim, e talvez eu tenha que começar a escrever cartas para os jornais locais sobre como é difícil ser negro nesta instituição, um lugar que não faz absolutamente nada para respeitar minha herança cultural. Um lugar que, mesmo sem saber, me informa todos os dias que ser branco é o correto. Não há autores negros nas aulas de inglês. Os treinadores estão sempre me chamando para entrar para o time de basquete. A sra. Watts está sempre tentando me fazer cantar músicas escravocratas em seu coral de brancos. Estou cansado disso. A única coisa que já fiz nesta escola para valorizar minhas origens foi reunir doações para o Fundo Universitário Negro, porque desperdiçar mentes é algo horrível. Organizei um torneio de pingue-pongue beneficente, no ano passado, e sabem quem foi o único funcionário que me ajudou a divulgar e realizar o projeto? O sr. Franks. Ele também fez a maior doação da equipe de professores. Não demitam o sr. Franks, ou vão se arrepender quando o Dia de Martin Luther King chegar e vocês não

respeitarem o feriado outra vez! Porque eu vou reclamar, se o Franks for demitido.

Ty dá um passo para trás, olha para mim e faço que sim com a cabeça, o que o faz sorrir. Então dou uma piscadela para ele, no estilo de Donna, e digo:

— Jared e Chad.

— Eu sou só um menino branco comum. Gosto do Franks e tudo, mas vocês já devem ter notado que estou carregando meu irmão mais novo em uma mochila — afirma Jared. Tenho medo de Jared se esquecer da frase de *Scarface*, mas ele se lembra. — Digam “oi” para o meu amiguinho!

— Oi — cumprimenta Chad, por cima dos ombros de Jared. — Eu poderia ter vindo até aqui na minha cadeira de rodas elétrica, se o prédio fosse acessível. Mas não é. O vestiário do ginásio também não é. E Das Boot, a minha cadeira, não consegue passar nos corredores da biblioteca, então não posso folhear os livros, nem nada. Se quiser pegar um livro para ler, tenho que ser carregado pela biblioteca, o que é humilhante. Ninguém da escola, além dos adolescentes que estão aqui, fala comigo de verdade. Eu me atraso para todas as aulas porque tenho que pegar o elevador, e os outros alunos apertam todos os botões quando entram… ha-ha… então passo uma eternidade esperando. Vocês são péssimos em acomodar as pessoas com necessidades especiais. Mas sabem quem me faz sentir querido todos os dias? O sr. Franks. É, jogamos videogame, mas querem saber? No videogame, tenho pernas e braços normais. Posso correr, pular e andar no mundo virtual que Franks cria para mim com o equipamento que compra com o próprio dinheiro, porque vocês nunca fazem nada para financiar os projetos dele. Experimentem ficar sem andar por dezessete anos, depois me digam que videogames são bobagem. Se Franks for embora, não haverá mais Xbox na escola, e, com isso, nenhum lugar neste prédio em que eu possa socializar e interagir normalmente com outros adolescentes, fazendo algo que seja apropriado para a minha idade.

— E não temos um Xbox em casa — acrescenta Jared, antes de dar um passo para trás.

Aceno com a cabeça e dou uma piscadela quando eles olham para mim. Meus meninos estão arrasando hoje. Estou muito orgulhosa.

— Ricky?

Donna entrega a Ricky um discurso já preparado, pede que o filho leia, e é o que ele faz.

— Meu nome é Ricky Roberts. Sou o único aluno da escola diagnosticado com autismo e não gosto muito dos professores de educação especial. Além disso, Alex Pinkston, filho do sr. Pinkston, membro do conselho, me atormenta todos os dias, o que às vezes me

deixa triste e irritado. Mas eu adoro o sr. Franks, porque ele sempre me deixa entrar na sala dele e faz com que eu me sinta querido e que tenha muitos amigos. E faz com que meus amigos também se sintam importantes na escola. Não gosto de comer no refeitório porque Alexander Pinkston me atormenta. Gosto de almoçar com o sr. Franks. O sr. Franks é o meu professor preferido. Por favor, não o demitam. Por favor. Obrigado. É.

Donna dá um passo à frente e diz:

— Eu sou integrante da comunidade e pago meus impostos. O filho do sr. Pinkston gosta de manipular meu filho e fazer com que ele repita ofensas sexuais para as colegas de classe. Meu filho repete praticamente tudo que dizem para ele, ainda mais quando é incentivado pelo capitão da equipe de futebol americano, ou seja, não é muito difícil fazê-lo falar tudo que quiserem. Na segunda-feira, o filho do sr. Pinkston mandou que meu filho dissesse à caloura Ryan Gold, e estou citando, que os peitos dela eram lindos. Ricky repetiu isso, o que fez Ryan Gold cair em prantos no meio do refeitório.

Sr. Pinkston se levanta e diz:

— Como você ousa invadir nossa reunião e acusar meu filho sem...

— Sente-se, sr. Pinkston! — retruca Donna.

Sr. Pinkston observa a multidão, procurando apoio. Como não recebe nenhum, se senta.

— Visitamos Ryan Gold e os pais, ontem — conta Donna. — Ela é integrante da Organização Nacional de Estudantes, que reúne os melhores alunos do país. Ela vai à igreja toda semana. É a menina mais boazinha e educada que vocês poderiam conhecer. E está disposta a testemunhar em um tribunal. Eu já conversei com o diretor Fiorilli várias vezes, já mandei várias cartas sobre o assédio que o filho do sr. Pinkston comete contra meu filho e os outros alunos. Essas cartas foram registradas, é claro. Tenho as respostas. Então, se demitirem o sr. Franks, ou se o filho deste homem chegar a menos de sessenta metros do meu filho com a intenção de fazer alguma maldade, ou de Ryan Gold, ou de qualquer uma dessas crianças que estão aqui, vou processar a escola e acabar com o orçamento dela tão rápido que vocês vão ter que demitir toda a droga da equipe de professores para encerrar o processo. Está claro? — Os olhos de Donna analisam a multidão. Ela deixa que eles absorvam sua sensualidade. — E, se algum desses alunos tiver algum tipo de experiência ruim nos próximos dias letivos, este documento será enviado a todos os jornais e emissoras de TV da região. Tenham uma boa reunião, moças e rapazes. Mantenham Franks na escola. Evitem problemas legais. Todo mundo vai sair ganhando.

Quando Donna sai da sala, nós a acompanhamos e, ao chegarmos ao lado de fora, ela cumprimenta a todos. Meus meninos sorriem de

orelha a orelha.

— O que você acha, Amber? — pergunta Chad.

— Fizemos os discursos direito? — indaga Ty.

— Você acha que vai funcionar? — pergunta Jared.

Por alguma razão maluca, em vez de responder, sorrio e dou um abraço de urso em cada um dos meus meninos, o que faz Ricky rir:

— Hi! Hi! Hi!

— Vamos para o Friendly's! — anuncia Donna.

E todos entramos na Mercedes.

Quando chegamos ao Friendly's, pegamos uma mesa grande e Donna pede todos os sundaes do cardápio e seis colheres. Tomamos os sorvetes como uma equipe, brincando de espadachim com as longas colheres geladas e cheias de chantili, morrendo de rir, sujando os queixos adolescentes com calda de chocolate, chantili e caramelo enquanto passamos as taças uns para os outros e experimentamos todas as misturas maravilhosas. Falamos sobre a noite, sobre como nos saímos bem, sobre como o Franks com certeza vai continuar no emprego e sobre como a Federação Ferrenha do Franks é *hardcore*, ainda mais com as novas camisetas camufladas, que decidimos usar para ir à escola no dia seguinte, como as equipes esportivas usam os uniformes antes dos grandes jogos. Mas quando nos perguntarem por que estamos usando aquilo, não vamos contar, porque será nosso segredo. Não é? Pois é.

Por isso tento não deixar pedaços de sundae caírem na minha camiseta nova e percebo que não consigo tirar os olhos de Donna. Ela não está dizendo muita coisa nem tomando muito sorvete, mas está sorrindo toda satisfeita e, de vez em quando, passa os dedos pelo cabelo de Ricky — o que me deixa com ciúme outra vez. Deus do céu, como eu queria que ela fosse minha mãe... Eu seria tão mais legal e mais esperta e... Mas aí me lembro de agradecer pelo que JC fez por mim hoje, sorrio e passo meus dedos pelos cabelos de todos os meus meninos.

— Pare! Você está com as mãos sujas de sorvete! Nojenta! — dizem eles.

Então rio e continuo tentando passar a mão pelo cabelo deles, fingindo tentar pegar o de um e, no último segundo, passando a mão no cabelo de outro, o que acaba em muitos pulsos agarrados e gritos.

Uma garçonete se aproxima quando quase derrubamos a cadeira infantil de Chad. Ela deve ter a nossa idade.

— Vocês têm que se acalmar ou o Kevin vai meio que surtar — diz ela.

— Amanhã vocês têm escola, pessoal — diz Donna, que paga a conta enquanto tentamos bagunçar o cabelo uns dos outros no gramado em frente ao Friendly's.

Enquanto brincamos, penso no quanto gosto desses meninos. Eles são gente boa. Amo muito, muito esses meninos. Todos do mesmo jeito. Meus meninos. Meus amigos. A Federação Ferrenha do Franks.

Depois que Donna deixa Ty, Jared e Chad em casa, pergunto:

— Como você soube que o Lex fez o Ricky dizer aquelas coisas para a Ryan Gold? — pergunto a Donna.

— Lex Pinkston é um garoto mau! — comenta Ricky. — Garoto mau! Garoto mau! GAROTO MAU!

— Ué?! — exclama Donna. — Meu filho foi diagnosticado com autismo. Não existem segredos na casa dos Roberts.

— Você foi mesmo conversar com a Ryan Gold e os pais dela?

— Fui.

— Mas você tinha o julgamento do caso de assassinato hoje, e...

— Mandei a Jessica nos representar na casa dos Gold.

Jessica é a assistente jovem, bonita e extremamente inteligente da Donna. Odeio essa menina, porque Donna fala o tempo todo sobre o futuro maravilhoso que ela vai ter.

— Legal — digo, querendo muito ter uma Jessica um dia, para que ela me ajude a fazer ainda mais bem a quem merece.

— Você não se incomoda de verdade com os dentes, não é? — pergunta Donna.

— Não, inventei aquilo na hora. Gosto dos meus dentes.

— Ótimo, porque eles são muito branquinhos e certinhos.

— Obrigada.

— Quer que eu leve você para casa, Amber?

— Tenho que pegar o Bobby Big Boy, não consigo dormir sem o meu filhote — respondo.

— Que tal eu levar você e o Bobby Big Boy depois disso?

— Não, obrigada.

— Está bem frio lá fora.

— Eu sei, mas tenho que passar na casa do Franks.

— Sr. Jonathan Franks! — exclama Ricky.

— Ah, é? — pergunta Donna, porque sabe que estou mentindo descaradamente.

Tenho quase certeza de que Donna sabe que moro no ônibus escolar. Ela é superinteligente. Como não digo nada, ela continua:

— Amber, sei como você se sente sobre pedir a minha ajuda, mas *posso* ajudar você e a sua mãe, se estiverem precisando. Conheço pessoas que...

— Não precisamos da sua ajuda — digo. Fico surpresa por ter falado que nem uma idiota. Eu me sinto mal por isso, ainda mais depois de tudo que Donna fez por mim, mas não consigo deixar de acrescentar: — Nem todo mundo precisa da sua ajuda, sabia?

Sou uma babaca.

Mas minha mãe vai se acertar, um dia desses. Acredito em *mi madre* e só penso em *mi madre*, cara!

— Ser orgulhosa não é nada bonito — diz Donna.

— Não sou uma menina bonita — respondo, sem conseguir evitar, citando Ani DiFranco.

— Você é maravilhosa — responde Donna. — Você tem brilho, só não sabe disso ainda.

O que Donna disse é estranho, então me fecho, escuto Ricky contar em voz alta e me pergunto o que ele deve estar contando.

CAPÍTULO

7

Quando chegamos à casa de Donna, deixo B3 sair do quarto, enxugo a poça de boas-vindas, ponho o casaquinho xadrez nele e vou até o quarto de Donna, onde ela está se trocando.

— Donna — chamo.

— Oi.

— Desculpe por ter sido uma completa idiota no carro.

— Você não foi uma completa idiota no carro.

— Você arrasou na reunião do conselho — digo.

— Não, *você* é que arrasou na reunião do conselho — retruca ela.

— Eu não teria conseguido sem você.

— Teria, sim. Você só não sabe disso ainda.

— Já vou embora — digo, porque não quero que Donna fique falando essas coisas para me deixar feliz, mesmo que ela esteja tentando ser legal, como sempre.

Eu nunca poderia fazer o que ela faz. Durmo em um ônibus escolar. Sou um fiasco. Não consigo nem ficar em primeiro lugar no campeonato regional de clubes de marketing.

— Está bem — diz Donna. — Vejo você amanhã?

— Com certeza — respondo, saindo sem me despedir de Ricky, porque, de repente, não sei bem por quê, me sinto meio mal.

Está frio do lado de fora. Frio como no Polo Norte. E não tenho um casaco de inverno decente.

Enquanto ando para o estacionamento, lembro-me de ter dito que passaria na casa do Franks e, como não quero que JC ache que sou uma mentirosa descarada, dou a volta. Franks mora na vizinhança, em uma casa de um andar pintada de verde-abacate e com um belo puxadinho nos fundos, com quartos para todos os filhos ruivos.

É meio tarde para um dia útil, mas B Triplo e eu atravessamos o jardim do Franks e batemos na janela do porão. Ele está jogando Halo 3, provavelmente contra Ty, da Federação Ferrenha do Franks, e outras pessoas do mundo inteiro — o que meninos e homens fazem através de uma coisa chamada Xbox Live. Ele me encara, aponta para o relógio e balança a cabeça. Mas, antes que eu possa bater de novo, ouço a esposa ruiva e má do Franks gritar:

— Vou chamar a polícia se você não sair da minha propriedade! Eu sei quem você é, Amber Appleton. Vá para casa e deixe meu marido em paz! Ele não está trabalhando agora!

— Eu estou completamente apaixonada pelo seu marido — grito para a mulher de Franks, só para deixá-la irritada. — Ele vai deixar você e se casar comigo assim que eu fizer dezoito anos!

— Eu mato você com as minhas próprias mãos! — berra ela, vindo da cozinha e saindo na noite fria. Está usando um roupão deprimente e chinelos, o que a faz parecer muito triste e simplória.

— Só estou brincando, Ruiva. O seu marido é um homem honrado, que ama você de paixão e nunca deixaria você e as crianças. Nem por um milhão de dólares. Por isso quero tanto dar um abraço nele. Não espero que você entenda, mas saiba que rezo por você e pela sua família todas as noites.

— Do que você está falando? — pergunta a sra. Franks.

— Você é uma mulher de sorte — digo a ela.

E, em seguida, BBB e eu vamos embora.

B3 fica um pouco desanimado à noite. Ele é um cão matutino. Então, converso com JC durante minha longa caminhada para casa, até o ônibus escolar.

— JC — começo a rezar —, o senhor viu a gente na reunião do conselho? O que achou disso, cara? — Dou uma risada, porque é meio divertido chamar JC de "cara" quando estou rezando. — Ficou orgulhoso de mim, Pai Nosso que Estás no Céu? Sua filha O deixou orgulhoso?

Olho para o céu e não há estrelas. Apenas luzes de postes e escuridão.

Não sinto que JC está me ouvindo hoje, então paro de rezar e começo a chorar.

Choro muito quando estou sozinha, provavelmente porque sou menina e tal, mas talvez porque não seja tão forte como Donna e pense demais nas coisas. Por exemplo: às vezes tenho a impressão de que meu pai tem olhado por mim nos últimos dezessete anos, meio que como um anjo da guarda ou alguma coisa assim. Só que ele está vivo, esperando que eu mereça ter um pai. Quando ele vir que fiz coisas boas o bastante, vai correr até mim e me surpreender com um abração de urso paternal, me pegar no colo e me girar, como naqueles filmes bestas. Às vezes, depois de fazer alguma coisa muito incrível, me viro bem rápido, porque meio que acredito que ele pode estar ali, pronto para me abraçar. Mas ele nunca está.

Não quero me virar hoje à noite, porque tenho dezessete anos e sei que essa fantasia é boba e talvez até meio maluca, mas, enquanto caminho de volta para casa, penso em como protegi Ricky de Lex Pinkston hoje, no quanto as DCPC pareciam felizes quando cantavam "You Can't Hurry Love". Sei que o Padre Chee se orgulha muito de mim e que hoje fiz com que meus meninos salvassem o emprego de Franks, e que qualquer bom pai se orgulharia disso. Então, enquanto

desço a rua, começo a sentir que meu pai está mesmo atrás de mim — por um instante acredito até mesmo ouvir seus passos.

Não quero me virar e ficar decepcionada de novo, mas, ao mesmo tempo, ainda acredito na esperança e na possibilidade de coisas bonitas acontecerem no mundo. Ainda acredito que JC e Deus têm um plano incrível para cada um de nós.

— Pai? — chamo.

Com muita esperança no coração, eu me viro no meio da calçada e não vejo ninguém — como sempre.

Então choro — choro tanto que BBB se assusta e começa a latir. Eu o pego no colo e o carrego até o ônibus escolar.

Minha mãe está dormindo debaixo do cobertor, então a deixo em paz.

Não faço meu dever de casa.

Fico sentada no escuro, em silêncio, por um bom tempo.

Por alguma razão, começo a pensar na vez em que pedi uma barraca para minha mãe, a cena que caracteriza o quarto melhor momento entre Amber e sua mãe:

Quando eu tinha uns sete anos, vi uma série na TV em que mãe e filha passavam a noite no quintal. A menininha ganhava uma barraca de aniversário e queria dormir lá fora, não no quarto, então a mãe montava a barraca para ela, e as duas se divertiam muito fingindo que eram exploradoras atravessando os Estados Unidos, na época em que o país ainda era habitado por índios. Aquilo me pareceu divertido, então implorei por uma barraca à minha mãe.

Minha mãe não comprou a barraca para mim, mas, em uma noite de verão, improvisou uma com cobertores e cabos de vassoura, e tentamos acampar atrás do complexo de apartamentos em que morávamos, quando minha mãe estava com um namorado diferente, Trevor, que só ficou com ela alguns meses.

Com uma lanterna, nós duas lemos livros que eu tinha pegado na biblioteca, e ela me contou histórias bobas de fantasmas antes de dormirmos.

Acordei no meio da noite sentindo uma gosma no rosto.

— Mãe? — sussurrei. — Mãe?

— O que foi? — perguntou ela.

— Acho que tem alguma coisa no meu rosto.

— Volte a dormir — pediu minha mãe.

— Eu acho *mesmo* que tem alguma coisa no meu rosto. Você pode dar uma olhada?

Minha mãe ligou a lanterna e começou a gritar.

Eu me sentei e comecei a gritar.

Havia lesmas por toda a cabana, em nossos lençóis e algumas sobre a gente.

Saímos correndo da barraca, gritando sem parar.

Por fim, a polícia chegou, armas em punho, pois alguém tinha denunciado um problema.

Estávamos tão assustadas que mal conseguíamos falar.

Minha mãe simplesmente apontou para a tenda.

Os policiais apontaram as armas para a barraca e começaram a falar com as lesmas de um jeito bem sério:

— Vocês estão cercados. Saiam com as mãos na cabeça. Podemos resolver isso de forma tranquila.

Foi muito engraçado ouvir os policiais falarem daquele jeito com as lesmas, então comecei a rir.

Os policiais não gostaram e começaram a duvidar da gente. Assim que entenderam que tinham sacado armas para uma barraca cheia de lesmas, tiveram que rir também.

Após explicar a situação, minha mãe se ofereceu para pagar uma xícara de café para os policiais, para se desculpar pela confusão. Como eles aceitaram, passeamos de viatura. Perguntei a eles se podiam ligar as luzes e a sirene.

— Claro — responderam eles.

Chegamos super-rápido na loja de donuts que ficava aberta vinte e quatro horas, onde minha mãe flertou com os policiais e eu comi doces no meio da noite — o que foi o máximo.

Quando os policiais nos deixaram em casa, entramos e, como Trevor tinha que trabalhar de manhã, minha mãe dormiu na cama comigo. Isso foi muito legal, ainda mais porque a cama parecia muito confortável, depois da tentativa de passar uma noite na grama.

O que eu não faria para estar em uma cama hoje...

Voltando ao presente, depois de levar BBB para fazer um último xixi, sempre preocupada com a possibilidade de o estuprador-assassino local me pegar, volto ao ônibus e — apesar de não estar muito a fim — me forço a rezar por todos na minha lista, pedindo que Deus nos ajude a ser quem precisamos ser. Rezo com muita fé, apesar de não estar sentindo Deus aqui, hoje, e me pergunto se ele está irritado comigo ou alguma coisa assim, o que me faz sentir que talvez meu pai não fosse tão incrível assim.

Sinto frio sem o cobertor, mas BBB me mantém aquecida — seu corpinho inspira e expira em meu peito —, e acabo pegando no sono.

Quando acordo, não consigo me lembrar dos meus sonhos. Minha mãe está lá fora, fumando, e começa tudo de novo.

DOIS

Show de horrores

CAPÍTULO

8

Depois de outra droga de noite congelante no Amarelão, minha bunda finalmente esquentou e agora está bem tostadinha. Estou cantando no banco traseiro do carro de Donna. Repito: assentos de couro aquecidos. Uma delícia.

Estamos ouvindo "Freak Scene", que significa algo como "Show de horrores", do Dinosaur Jr., minha música favorita deles — basicamente porque também é a favorita de Donna, e gosto de ouvi-la cantar como uma adolescente.

Donna está dirigindo bem rápido, balançando a cabeça no ritmo da música, cantando com toda a força dos pulmões, as mãos acompanhando a batida no volante enquanto Ricky conta baixinho.

Acho engraçado Donna escutar músicas sobre pessoas bizarras, porque ela é superlegal, divertida, estilosa, inteligente e confiante e, na minha opinião, é definitivamente o que toda mulher quer ser — em vez de uma pessoa estranha, como eu.

Talvez ela só escute músicas desse tipo para se identificar com o filho, Ricky, e com os Cinco.

Talvez.

Ela está animada pra caramba hoje — tanto que passa direto por uma placa de "Pare". Não digo nada porque não quero quebrar o clima, que está maravilhoso. Com que frequência a gente consegue curtir um rock de verdade? Ainda mais quando se é uma advogada famosa que tem que se preocupar com um caso de assassinato. Às vezes a gente tem que abstrair quando os adultos agem como adolescentes, porque isso pode ser lindo. Não é? Pois é.

Quando chegamos vivos à escola, Donna abaixa o volume da música, dá um beijo em Ricky e joga para mim a camiseta GGG que mandou fazer para Franks.

— O Franks deve estar orgulhoso hoje — comenta Donna, piscando para mim antes de aumentar o volume de novo e sair com o carro.

— Vou jogar Halo 3 com o sr. Jonathan Franks! — exclama Ricky.

Logo depois, estamos batendo na porta do porão.

É Ty quem abre a porta com um chute dessa vez. Franks e Chad matam os astronautas de Ty e Jared, para Ricky poder se juntar à ação — como toda manhã.

Antes que eu perca meus meninos para o videogame, digo:

— Franks, dê só uma olhada nisto.

Mostro a camiseta camuflada.

— É para mim? — pergunta Franks.

— A mamãe Roberts fez uma camiseta para o sr. Jonathan Franks e para os cinco membros da Federação Ferrenha do Franks!

— Irado — responde Franks, pegando a camiseta das minhas mãos, admirando as letras em laranja e esfregando o tecido entre o polegar e o indicador, como se a peça fosse feita de um material precioso, como se fosse a própria bandeira americana original, que é confeccionada por uma tal de Betsy Ross, ou algo do tipo. — *Muito* irado.

— Viu que todos estamos usando a mesma camiseta? — pergunto.

— Isso também é irado — responde Franks.

— Vamos jogar ou não? — pergunta Ty.

Então meus meninos entram no mundo virtual.

“Será que meus meninos se esqueceram da noite de ontem, ou será que já falaram sobre a reunião do conselho com Franks?”

Antes que eu possa tocar no assunto, logo antes de suas mentes serem sugadas pelos vários Xboxes distribuídos pela sala, Lex Pinkston bate na porta que dá para o corredor e põe a cabeça para dentro.

— Hum, sr. Franks, posso entrar para dizer uma coisa?

— Sr. Pinkston, todos os alunos são bem-vindos na minha sala. Entre.

Lex entra devagar. Ele é alto, todo musculoso e tem cara de idiota, mas hoje está com uma expressão muito sincera no rosto.

— Escutem — começa ele, dirigindo-se para todos na sala —, às vezes falo umas besteiras porque acho que tenho que fazer isso na frente dos outros. É que sofro muita pressão, já que eu sou o quarterback e tal. Bem, sei que o que tenho mandado o Ricky repetir... Hã, não é legal.

— Você está tentando pedir desculpas? — pergunto.

— Foi mal por ter dito aquelas coisas para você, Amber.

— Eu rezo por você toda noite — respondo.

— Por quê?

— Porque você precisa.

— Bom, também foi mal ter mandado o Ricky dizer aquelas coisas para a Ryan. Me desculpem. Não vai acontecer de novo, tudo bem?

— O seu pai fez você vir até aqui? — pergunto, como uma bela babaca.

— Olha, eu já pedi desculpas. Não vai acontecer de novo, tudo bem?

— Não. Não está nada bem, porque você não pode simplesmente apagar...

— Você gosta de jogar Xbox, Lex? — pergunta Franks.

— Hã? — indaga Lex.

— Gosta de jogar videogame? — continua Franks.

— Gosto. Quem não gosta?
— Você é bom em Halo 3? — continua Franks.
— Sou melhor do que qualquer um aqui — responde Lex.
Meus meninos trocam olhares e sorrisos contidos.
— Por que não joga um pouco com a gente? — propõe Franks.
— Agora?
— Você só tem que estar na sala daqui a quinze minutos.
— Está falando sério? — pergunta Lex.
— Você fica na equipe do Ricky — diz Franks. — Amber, por que não puxa uma cadeira?
Eu me sento ao lado de Franks e, durante os dez minutos seguintes, observo os astronautas virtuais dos meus meninos acabarem com o de Lex de todas as maneiras possíveis. Se tivesse que fazer uma média, diria que Lex foi morto umas cinco vezes por minuto e não conseguiu matar ninguém.
Meus meninos são impiedosos.
Meus meninos estão triunfantes.
Meus meninos são lindos.
— Vocês mandam muito bem — comenta Lex, quando o jogo acaba.
— Traga seus amigos da próxima vez — sugere Franks. — Jogamos todos os dias antes das aulas e na hora do almoço. Todos são bem-vindos.
Quando o sinal toca, meus meninos saem correndo como se alguém tivesse gritado “fogo” ou coisa do tipo — aqueles ratos de laboratório —, mas eu fico na sala.
— Por que você disse ao Lex que ele pode vir passar um tempo na *nossa* sala? — pergunto ao Franks.
— A sala é de todos. Todos são bem-vindos — responde ele.
— *Lex Pinkston?* Sabia que ontem mesmo ele me chamou daquela palavra nojenta de três sílabas para definir uma mulher, uma palavra que não vou nem repetir?
— Talvez, se ele passasse mais tempo nesta sala, não chamaria você assim. Talvez vocês possam ser amigos.
— Está falando sério, Franks?
— Não, estou brincando — retruca ele, rindo da própria piada que nem um idiota.
— Você ficou sabendo o que o conselho decidiu ontem à noite?
— Não.
Ele não comenta o fato de termos salvado o emprego dele, então imagino que meus meninos não tenham contado nada.
— Não está preocupado com a votação? — pergunto.
— É desse mundo.
— Sua mulher ficou bem irritada quando fui à sua casa ontem.
— Você não devia ir à minha casa, Amber.

— Ela não acha que estou apaixonada por você de verdade, acha? Por que não posso dar um abração em você, Franks? Só um.

— Por que você faz isso? Por que insiste em me deixar constrangido quando estamos sozinhos?

— Abraços são coisas boas, Franks.

— Nem sempre.

— Tipo... *Quando* um abraço não é uma coisa boa?

— Quando deixa alguém constrangido.

— Eu adoro abraços — retruco. — Abraço todo mundo indiscriminadamente.

— Nem todos querem ser abraçados.

— Isso é idiotice.

— Por quê? Só porque você está dizendo? — pergunta ele. — Você abraçaria Lex Pinkston?

Começo a ficar meio irritada com Franks, ainda mais depois de tudo que fiz por ele ontem — sem contar o fato de ele ter convidado Lex e os amigos para o covil. O segundo sinal toca, o que significa que estou atrasada, então simplesmente o deixo sem resposta e vou para a sala, onde há um bilhete rosa esperando por mim. Dou meia-volta e ando até a sala do Príncipe Tony.

Todos os meus meninos estão no banco do castigo, com exceção de Chad, que está na Das Boot.

— Amber — diz a sra. Baxter, com os lábios vermelhos, antes que eu consiga falar com os outros —, pode vir até aqui?

Ando até a mesa da secretária do Príncipe Tony.

— Eu soube de ontem — sussurra ela. — Vocês têm mesmo muita coragem.

— Obrigada — respondo, e depois me junto aos meninos, que estão mais do que um pouco nervosos, sentados no banco da disciplina.

— Espero que a gente não leve esporro — diz Ty.

— Ricky Roberts precisa ir para a aula de cálculo daqui a quantos minutos?

— Não parece coisa boa — fala Chad, na Das Boot.

— É melhor do que fazer educação física — comenta Jared.

— Gente, é o Príncipe Tony — digo. — Deixem comigo. Não se preocupem.

— E se ele chamar um de cada vez? — pergunta Ty.

— Duvido — retruco.

— Como você sabe? — pergunta Jared.

— Quantos minutos faltam para a aula de matemática? — repete Ricky.

— Conheço o Príncipe Tony. Ele vai querer ganhar tempo. É um cara eficiente até o último fio de cabelo.

A porta se abre.

— Todos vocês. Entrem — diz Príncipe Tony.

Lanço um olhar para meus meninos como se quisesse dizer: “Não falei?”

Entramos, nos espalhamos nas várias cadeiras, Chad leva a Das Boot para o meio da sala e Príncipe Tony se acomoda na mesa enorme.

— O conselho decidiu manter o departamento de marketing.

Todos batemos palmas e festejamos!

— Vocês vão ficar felizes em saber que o sr. Franks receberá um orçamento maior.

Sorrio e concordo com a cabeça, confiante. É isso aí!

— Agora, vamos tratar de todas as outras coisas de que vocês reclamaram ontem à noite — começa Príncipe Tony. — Estavam falando sério? Realmente se preocupam tanto com aqueles assuntos ou foi só uma iniciativa coletiva para salvar o sr. Franks?

— Só uma iniciativa coletiva — responde Ty.

— Gostamos muito do Franks — completa Jared.

— Quantos minutos faltam para a aula de matemática? — pergunta Ricky.

— Halo 3 durante o almoço e antes da aula. É pedir demais? — acrescenta Chad.

— Então essas questões estão resolvidas? — indaga Príncipe Tony. — Vocês não vão mais invadir as reuniões do conselho? Estão satisfeitos?

— Bastante — responde Ty, já que ninguém mais se pronunciou.

— Que bom — diz o Príncipe Tony, e acrescenta: — Vocês foram impressionantes ontem. De verdade. Agora vão para as suas aulas.

Todos os meus meninos se levantam de um pulo e, alegres, seguem Das Boot e Chad para fora do escritório do Príncipe Tony, mas eu fico sentada e balanço a cabeça, triste.

Mesmo depois de matar tanto no mundo virtual do Xbox, meus meninos simplesmente não têm instinto assassino.

— Srta. Appleton?

— É assim que funciona com os adultos? — pergunto.

— Não sei se entendi.

— É só fazer umas ameaças para a gente conseguir o que quer, mas ninguém se preocupa de verdade com nada que não afeta a si mesmo? Ninguém liga para fazer o que é certo pelo simples fato de ser certo?

— Do que a senhorita está falando? O projeto do sr. Franks foi assegurado por pelo menos mais um ano, até vocês se formarem. Vocês conseguiram o que queriam. A senhorita devia estar muito feliz.

— Talvez.

— Qual o problema?

— Não sei.

— Pode falar comigo, Amber — diz Príncipe Tony, daquele jeito

que os adultos fazem.

— Vocês não acham que devíamos reconhecer o Dia de Martin Luther King e diversificar a equipe de professores? Não acham que deviam tornar toda a escola acessível para deficientes? Não acham que as outras crianças não deviam ter que aturar o assédio de pessoas como Lex Pinkston?

— É claro. Sim para todas essas perguntas.

— Então por que não resolvem tudo isso?

O diretor se inclina para a frente, olha nos meus olhos, todo paternal, e diz:

— Não acha que eu faria isso, se pudesse?

— Mas você é o diretor da escola. Pode fazer o que quiser.

Príncipe Tony sorri, meio triste, e diz:

— Você é uma boa pessoa, Amber. E vai ser uma grande mulher, um dia.

— Por que todo mundo me diz isso? Como se eu fosse uma garrafa de vinho, ou coisa do tipo.

— Um dia você vai entender.

— Que resposta idiota.

— E um dia vai dar essa mesma resposta a alguém mais novo que você.

— Não vou, não.

— É melhor ir para a aula, srta. Appleton — diz Príncipe Tony.

Então ele começa a abrir a correspondência como se eu não estivesse mais lá. E me pergunto se o que fizemos ontem à noite significou alguma coisa.

CAPÍTULO

9

Lex Pinkston realmente traz os amigos da equipe de futebol americano para o Covil do Franks na hora do almoço. Meus meninos, superfelizes, jogam Halo 3 com o inimigo e — para piorar ainda mais a situação —, sob a supervisão do Franks, todos parecem se dar superbem. Isso me deixa muito irritada, então volto para o refeitório e leio *As bruxas de Salém*, de Arthur Miller.

John Proctor era um homem admirável, na minha opinião. Preferiu ir para a forca, em vez de denunciar os amigos durante a caça às bruxas. Proctor era um homem de princípios, diferente do Príncipe Tony e dos meus meninos, que aproveitaram a primeira oportunidade de jogar videogame com os garotos mais populares — os mesmos garotos que me chamaram daquela palavra nojenta de três sílabas para definir uma mulher e fizeram Ryan Gold chorar, menos de quarenta e oito horas atrás.

É tudo muito deprimente.

Confuso.

Estranho.

* * *

Depois das aulas, encontro Ricky perto do armário dele e vamos até o covil. Franks costuma buscar os filhos na escola — porque a mulher dele não é professora e trabalha no horário comum dos adultos —, então não fica muito tempo depois do último sinal, mas eu o encontro no corredor, pouco antes de ele ir embora.

— Soube o que a gente fez por você ontem? — pergunto.

— Sim — responde Franks, as mãos cheias de pastas. — O diretor Fiorilli me contou.

— E?

— *E?*

Tento abstrair a falta de gratidão, mas não posso controlar a expressão chocada em meu rosto, que diz: “Você não vai nem agradecer?”

— Obrigado por me defender, Amber. E você também, Ricky.

— O sr. Jonathan Franks é o professor favorito de Ricky Roberts.

Franks cumprimenta Ricky com um tapa no ar, um gesto rápido, mas cheio de empolgação.

— Então por que você não está, tipo, feliz pelo que fizemos? — pergunto.

— Bem, prefiro pensar que vou manter meu emprego porque sou um bom professor de propaganda e marketing, e não porque vocês ameaçaram o conselho da escola sem se darem o trabalho de me perguntar o que eu achava disso tudo. Talvez o conselho escolar tenha votado a meu favor simplesmente porque acha que sou um bom professor.

Não posso acreditar que ele não vai me agradecer direito, ou que não está surtando de felicidade. Achei que Franks fosse me abraçar. Achei mesmo que esse seria nosso momento.

Alguma coisa explode dentro de mim.

— O quê? — começo. — *A gente* salvou seu emprego, Franks. *A gente*. Nós. A Federação Ferrenha do Franks. Você acredita de verdade nessa historinha de bom professor? Você joga videogame o dia inteiro e passa trabalhos fáceis para os alunos aumentarem as médias. A gente salvou a sua pele. Você não entende isso? Teriam demitido você, se não fosse a gente.

Assim que as palavras saem da minha boca, eu me arrependo.

— Por que você foi à reunião do conselho, Amber? *De verdade*. Por mim ou por si mesma? Eu não preciso ser salvo. *E você?* — pergunta Franks, muito frio. Então acrescenta: — Se precisar de qualquer coisa, estou disposto a ajudar aqui na escola. Em qualquer horário entre as seis e meia da manhã e as três e quinze da tarde. É só pedir. Minha porta estará sempre aberta para você. Mas pare de ir até a minha casa. Isso é passar dos limites, Amber. *Isso é passar dos limites*.

Ele se afasta de mim e de Ricky.

— Amber Appleton está chorando. Por que Amber Appleton está chorando? Aonde Amber Appleton vai? Por que Amber Appleton está chorando? Por que Amber Appleton está chorando?

Choro lágrimas de raiva durante todo o caminho até a casa de Donna, com Ricky atrás de mim.

— Por que Amber Appleton está chorando? Por que Amber Appleton está chorando? Por que Amber Appleton está chorando?

Ele só para de repetir a pergunta quando abre o caderno de exercícios de matemática e se senta à mesa da cozinha.

Deixo BBB sair do quarto. Ele mija por um minuto inteiro, criando um rio amarelo, e depois pula nos meus braços.

Dou um abraço demorado nele e enxugo o rio com papel-toalha.

Antes de sair, dou a Ricky uma tigela de *pretzels* e uma lata de água tônica sabor laranja e tangerina. Depois subo na bicicleta de Donna, com BBB na cestinha.

— Pare de chorar — digo a mim mesma. — Você tem que animar os velhinhos. Eles acreditam na sua capacidade de manter as lágrimas sob controle. Já ficam muito deprimidos por serem velhos. Engula esse choro, Amber! Engula o choro! Você não vai conseguir lutar se estiver chorando. Tem que defender seu título. Pare de chorar!

No último segundo, eu me lembro de parar na banca de jornal do Alan e comprar um copo grande de chocolate quente e uma barra de Snickers. Alan me pergunta se eu estava chorando.

— Chorando? — respondo.

Solto uma gargalhada, para ver se ele se convence do contrário. Por fim, eu me controlo e pedalo as últimas quadras até a Casa de Repouso Metodista.

Consegui esse voluntariado às quartas depois que vi um anúncio em uma das árvores grandes e antigas em frente à casa de repouso. Estava andando depois do trabalho, e o folheto rosa pink chamou minha atenção. Quando cheguei mais perto, vi que o anúncio dizia mais ou menos o seguinte: “Esse é o momento perfeito para fazer um novo amigo. Idosos têm histórias maravilhosas para contar e estão sempre prontos para compartilhar uma grande variedade de experiências de vida. Se quiser ser amigo de um idoso, se quiser ser presenteado com histórias de um tempo que não volta mais, por favor, apresente-se na recepção. Faça um novo amigo hoje.”

Estou sempre disposta a fazer novos amigos, sou uma ótima companhia e adoro ser presenteada, então fui até a recepção e me inscrevi no programa. Comecei a frequentar a Casa de Repouso Metodista quando o Rita’s fechou por causa da chegada do inverno e parei de servir sorvetes depois da escola.

Na primeira vez que fui à casa de repouso, os enfermeiros me disseram que eu só tinha que ficar com os idosos no salão — montar quebra-cabeças, ouvir histórias sobre os netos, a Grande Depressão, o custo do leite setenta anos atrás, um monte de assuntos que começaram a me deixar muito deprimida. Aquelas pessoas não precisavam de alguém para ouvir suas histórias tristes. Precisavam de uma faísca, de algo que as fizesse lembrar que ainda estavam vivas. E ficou muito óbvio que os enfermeiros quase não davam atenção a elas, ainda mais porque quase todo dia morria uma pessoa. Sempre que eu voltava, faltava alguém. Mas, por um tempo enorme, eu não soube ao certo o que fazer para dar uma animada no lugar.

Então conheci Joan das Antigas, que, por fora, é a pessoa mais amarga que já vi, mas, por dentro, é muito filosófica. Só pude descobrir isso rompendo a barreira da maldade e sendo má com ela também, o que fez com que ela me respeitasse. Percebi isso um dia, por acidente, quando contei que queria estudar na Bryn Mawr, e Joan respondeu que eu nunca seria aceita porque não era inteligente o

bastante.

A grosseria me surpreendeu, porque em geral esperamos que as idosas sejam vovozinhas fofas e bondosas, então perdi a paciência, xinguei bastante e a chamei de umas coisas horríveis, o que a fez sorrir. Aquilo foi estranho, mas me fez ter uma ideia genial: transformar o salão da casa em uma arena para um combate de palavras, onde a esperança lutaria contra o desespero uma vez por semana. No começo pareceu maluquice, mas sempre confiei nas minhas ideias, então lancei a proposta para alguns dos homens mais velhos, os que sempre passavam os braços em volta de mim e espremiam meus ombros. Eles adoraram o projeto e o tornaram realidade.

Como adora ser má, Joan das Antigas concordou no mesmo instante em cumprir seu papel. E as batalhas melhoraram muito o ânimo da casa de repouso — pelo menos é o que os residentes dizem.

A fachada do lugar tem colunas enormes da época dos escravos e uma varanda cheia de cadeiras de balanço de madeira que dá para um gramado extenso. Mas uso a entrada dos fundos, onde tenho que assinar o ponto e passar pela segurança, que — nas tardes de quarta-feira — é feita basicamente pela Porteira Lucy.

Paro a bicicleta de Donna atrás de um arbusto, para que ela não seja roubada. Pego BBB e vou até a entrada de visitantes com meu filhote em uma das mãos e o chocolate quente na outra.

— Não permitimos cachorros no prédio — diz a Porteira Lucy, de trás da mesa, balançando a cabeça devagar e me encarando. — Você conhece as regras, srta. Appleton. Não sou eu quem as faz, e preciso do meu salário, então esse seu ratinho tem que ficar do lado de fora.

— PL — é assim que chamo a Porteira Lucy. Bem na cara dela. E acho que ela gosta do apelido, porque sempre sorri quando faço isso —, está frio lá fora.

— Claro que está.

— Frio demais para um cachorrinho.

— Isso eu não sei dizer.

— Aposto que fica frio toda vez que alguém abre a porta.

— Fica mesmo — concorda a Porteira Lucy, arqueando uma das sobrancelhas.

— Acabei de comprar esse chocolate quente, mas não estou com muita vontade de tomar essa bebida de inverno deliciosa. Mas seria um desperdício jogar tudo fora. Eu odiaria ter que jogar um copo de chocolate quente e fresco no lixo.

— Srta. Appleton, como sabe, não posso aceitar subornos de visitantes. Mas, se deixar a bebida na minha mesa, mesmo sabendo que isso não vai mudar o fato de esse seu cachorro ter que ficar do lado de fora do prédio, posso cuidar para que ela não seja

desperdiçada.

Devagar, coloco o copo na mesa dela e a barra de Snickers sobre a tampa, como um bônus, adocicando o acordo. Faço isso só porque me amarro na Porteira Lucy. Assino a prancheta com a lista das pessoas que visitaram a casa hoje, registro o horário da minha entrada e me afasto devagar, entrando no prédio com BBB embaixo do braço.

— Obrigada por ter deixado o cachorro lá fora, srta. Appleton. Tenho certeza de que a senhorita entende que regras são regras — comenta PL.

— Claro que entendo.

BBB solta um latido, para mostrar que também entende.

Então Triplo B e eu passamos por uma segunda porta e entramos na casa.

Andamos por alguns corredores deprimentes, com plantas falsas empoeiradas, mas não vemos nenhum dos enfermeiros.

Ouço uma salva de palmas quando entro no salão.

Não quero me gabar nem nada do tipo, mas sou meio que uma rockstar para essas pessoas.

Passo BBB para Carol Tricoteira, que esconde o filhote no colo coberto de lã. Triplo B adora dormir na lã, então não há problemas. E Carol Tricoteira adora cachorros, ou seja, é a combinação perfeita. Com 3B no colo, ela sorri como uma menininha na manhã de Natal. Não é? Pois é.

— Está bem, garota — diz o Velho Linder atrás de mim, massageando meus ombros. — A velha coroca passou a semana toda murmurando umas bobagens sobre você. Vai atacar com força total hoje. Não a deixe atingi-la com golpes baixos, porque a velha enrugada está cheia deles, como você bem sabe.

O Velho Linder é meu empresário. Ele deve ter uns cento e quinze anos e arrasta um tanque de oxigênio que manda ar puro para seus pulmões através de tubos transparentes que ficam enfiados no nariz. Ele tem um bafo fedido e manchas no rosto todo, mas é um empresário incrível e acredita em mim. É duro feito pedra, por isso confio nele para cuidar dos meus interesses.

Bernice Bunduda fecha as portas do salão, para os enfermeiros não ouvirem as palmas e interromperem a batalha no meio da minha conversa com Joan das Antigas.

Sem pressa, todos os idosos posicionam as cadeiras e cadeiras de roda, para poderem nos ver e ouvir. Isso significa que todos têm que estar supermegaperto da batalha, porque os velhinhos não veem nem ouvem muito bem. Juro.

O salão está cheio de cabelos brancos, suéteres feitos à mão, tênis sem marca, pastilhas para tosse, pelos nas orelhas, unhas amareladas, membros trêmulos, rugas, fraldas e um cheiro forte de hospital que

resseca as narinas em mais ou menos dez segundos.

Joan das Antigas está em sua cadeira de rodas, no meio de todos, e me encara com as pálpebras enrugadas e rosadas, tentando me assustar. Nem com as roupas encharcadas ela passaria dos quarenta quilos. Está de preto, como sempre, ainda de luto pelo marido que morreu há mais ou menos uns trinta anos. Sério.

Ela faz um sinal com o dedo velho e rosado, pedindo que eu me aproxime, e depois balança a cabeça, fazendo a boina cair um pouco para a esquerda, e a ajeita com as mãos trêmulas e ossudas.

Minha adversária não tem empresário, já que todos os moradores da casa a odeiam. Ela está de mau humor na maior parte do tempo e gosta de citar aquele depressivo do Nietzsche vinte e quatro horas por dia, o que, é claro, não a ajuda a fazer amigos.

Assumo minha posição ao lado da janela mais iluminada do salão, e o Velho Linder começa:

— Lembre-se, o público nem sempre entende as suas referências de menina da geração MTV, então faça piadas apropriadas para a nossa idade. Você está lutando pela nossa felicidade. Passamos a semana toda esperando por isso. Tirando essa batalha semanal, quase morremos de tédio. Essa é a única coisa diferente e animadora que acontece por aqui, então não nos decepcione. Você vai fazer aquela velha durona sorrir, precisamos acreditar nisso. É o que acaba com a sequência de dias ruins. Então, por nós, não pare até ela sorrir. Não tenha piedade!

Faço que sim, alongo o pescoço, estalo os dedos e dou alguns socos no ar — como fazia Cassius Clay (também conhecido como Muhammad Ali, cara!).

Todos os velhinhos estão sentados, esperando a batalha começar. Então o Velho Thompson — que até usa gravata-borboleta às quartas-feiras, só para entrar no personagem — levanta-se e vira para encarar o público. Ele é corcunda, mas cheio de energia.

— Sejam mais uma vez bem-vindos à Batalha de Quarta-Feira entre a Esperança e o Pessimismo. À minha esquerda, temos a esperançosa, a indomável, a menina de otimismo insuperável, a adolescente divertida, a favorita dos fãs, a garota que vocês queriam que fosse sua neta ou bisneta, a única menor de idade que visita a casa de repouso quando não é feriado, a indiscutível campeã das Quartas-Feiras: Amber “Princesa da Esperança” Appletoooooon!

Levanto as mãos e dou alguns pulinhos.

Todos aplaudem, e os velhos que ainda têm os dentes da frente assobiam.

— E agora a desafiante — continua o Velho Thompson, e todos começam a vaiar. — Esta mulher dispensa apresentações. É a mulher de preto. A esposa de luto constante. A niilista declarada. Aquela que

diz que o prédio é frio demais e força a gerência a manter a calefação em uma temperatura tão alta que temos que nos vestir como se estivéssemos de volta à primavera de 1936, quando a onda de calor bateu recordes. A mulher que uma vez fingiu sofrer um ataque cardíaco porque achou que estávamos nos divertindo demais na festa de Natal. Vocês a conhecem bem. Com certeza foram vítimas de seus insultos pelo menos uma vez nas últimas vinte e quatro horas. A coroca durona que amamos odiar: Joan! Das! Antigas!

Vaias tomam o recinto. Alguém joga uma agulha de crochê em Joan, mas erra a cabeça dela por pelo menos um metro.

Joan abana as pequenas mãos ossudas esfoladas para os vários críticos, que não consegue identificar, já que é cega.

— Tudo certo, senhoras — prossegue o Velho Thompson. — Agora é com vocês!

Joan das Antigas vem com a cadeira de rodas até mim, e eu dou um passo para a frente.

— A batalha tem que seguir as regras — diz o Velho Thompson. Seu bafo fede como se ele tivesse passado a língua no fundo de um frasco de antiácido. — Política e religião são assuntos proibidos. Estamos em uma casa de repouso metodista, então vamos fazer o máximo para evitar os palavrões. Vocês conhecem as regras. Se Joan das Antigas sorrir, a menina ganha de novo. Se Amber Appleton chorar, a velha vence a batalha pela primeira vez. A desafiante decide.

— Coroa — pede Joan das Antigas.

O velho Thompson joga uma moeda para cima e depois a agarra, batendo-a nas costas da mão cheia de manchas e veias.

— Cara!

— Como vou saber que você não está mentindo? — pergunta Joan. — Sou cega, lembra?

— Pode passar a mão para sentir o topo da moeda, se quiser — oferece o Velho Thompson, estendendo a mão para Joan.

Ela encosta na moeda.

— Droga! — exclama ela.

— Vai atacar ou defender, Amber? — pergunta o Velho Thompson.

— Defender — responde o Velho Linder por mim e depois me dá um tapinha na bunda e diz: — Manda ver, garota.

Então ele se senta.

— Que comece a batalha! — anuncia o Velho Thompson.

Todos os velhinhos aplaudem e gritam.

— O problema com as mulheres da sua geração — começa JDA — é que vocês desperdiçam tempo fazendo trabalho voluntário e alimentando sonhos de ter educação superior, mas deviam estar tentando arranjar um marido que coloque um teto sobre a sua cabeça e comida no seu prato. Fique esperta, menina. Vir aqui é uma perda

de tempo. Vamos morrer em algumas semanas, mesmo. Agora é a hora de você arranjar um marido, enquanto ainda é magra, porque vai virar um tribufu em menos de dez anos. Quer mesmo acabar virando uma solteirona?

— Uhuuuuuul! — exclama a multidão, e Joan das Antigas balança a cabeça, confiante.

— Está bem. Está bem — começo. — A Joan das Antigas é tão velha...

— Quão velha? — berra meu empresário, como o ensinei.

— Tão velha que, na escola, sua professora tinha que usar pedra e cinzel para escrever as notas dela no boletim. E a Joan ia para a escola na garupa de um dinossauro, todos os dias.

— Isso aí! — grita a multidão, aplaudindo, repetindo minha piada boba e assentindo em aprovação.

Talvez isso não seja engraçado para você, mas há de se levar em conta meu público: velhinhos adoram piadas bobas e inofensivas.

Nenhum sorriso de Joan. Nada.

— Quando eu era mocinha não havia dinossauros, mas havia muitas meninas sem graça e solitárias que nunca eram convidadas para dançar pelos garotos bonitos, pelos bons partidos. Todas as garotas feias acabaram levando vidas virginais, crescendo em apartamentos deprimentes, pequenos e subsidiados pelo governo, já que nenhum homem queria se casar com elas. Quando eu tinha a sua idade, víamos essas meninas com cara de dinossauro em casas de repouso para velhinhos, fazendo trabalho voluntário.

— Uuuuuu! — reclama a multidão.

Engulo em seco. Essa me pegou.

“Será que tenho mesmo cara de dinossauro? Como ela pode saber, se é cega? Será que alguém *disse a ela* que tenho cara de dinossauro?”

É verdade que nunca fui chamada para dançar. Não ligo muito para meninos nem nada — e como poderia ligar, depois de ver o que o babaca do Oliver e companhia fizeram com minha mãe? —, mas também não quero ficar sozinha para o resto da vida. Ainda mais depois de todos os meus meninos (os Cinco) se casarem com mulheres burras, versões mais novas de Joan das Antigas.

E realmente não quero acabar como minha mãe.

Engulo em seco e olho para meu empresário. O Velho Linder está com uma toalha branca sobre os ombros, mas faz que sim com a cabeça, confiante, mostrando as palmas rosadas das mãos envelhecidas.

— Relaxe — diz ele.

Então alongo o pescoço, olho para a multidão e vejo que todos parecem muito preocupados.

— A Joan é tão velha — retruco — que peida pó.

— Uhul! — ruge a multidão.

Levanto as mãos bem alto.

Mas Joan das Antigas não se abala. E não sorri. Apenas diz:

— Friedrich Nietzsche escreveu: “A ideia do suicídio é um grande consolo. Por causa dela, conseguimos atravessar muitas noites ruins.” Ofereço essa pequena enunciação a você como forma de futuro consolo, quando todos nós estivermos mortos e enterrados e você estiver sozinha em um apartamento minúsculo do governo, sem marido ou filhos, pensando nesse útero inútil.

— Isso é golpe baixo! — grita meu empresário.

— Cuidado, Joan — avisa o Velho Thompson.

— Joan, você não saía com o Nietzsche no início do século XIX? *Depois* que seu marido morreu? — pergunto.

Alguns homens aplaudem, mas a maioria dos velhinhos geme, o que indica que minha piada não deu muito certo.

Sacanear maridos mortos é meio que passar dos limites por aqui. É uma proibição não declarada.

— Cuidado, Amber — lembra o Velho Thompson. — Vamos manter o nível. É uma diversão saudável.

— O que é que você sabe da vida, menina? — pergunta Joan das Antigas. — “A vida sempre fica mais difícil perto do auge. O frio aumenta, assim como as responsabilidades.” Isso também é de Nietzsche. Você ainda nem começou a sentir dor, minha jovem, mas vai sentir. Vai sentir dor. A vida é um inferno, e a sua acabou de começar.

Joan meio que me encara através das pálpebras rosadas e enrugadas e, de repente, percebo que essa velha que cita Nietzsche me dá arrepios. Talvez ela esteja certa. Talvez não exista nada além de dor em meu futuro. Uma dor infinita, e, depois, a morte. Será que isso é mesmo a verdade?

O salão cai em um silêncio mortal, e eu não consigo pensar em piada nenhuma. Acho que esse pode ser o fim, que estou prestes a ser derrotada por Joan das Antigas pela primeira vez, e que a esperança logo vai morrer na Casa de Repouso Metodista, junto com tudo e todos.

Mas aí eu me lembro de que tenho Deus ao meu lado, então rezo em silêncio.

“Por favor, JC. Só uma piadinha. Permita que eu mantenha viva a esperança para esses velhinhos que estão prestes a morrer. Permita que eu dê a eles um pouco de esperança — o bastante para que não percam a fé até baterem as botas.”

E aí surge uma piada!

Ando até Joan e digo:

— Tudo bem. Você pode ser pessimista, se quiser, JDA. Amo você

mesmo assim.

Então dou um beijo desajeitado na bochecha dela. A boca de Joan se escancara de um jeito muito dramático, e sei que a peguei. Todos caem na gargalhada.

— Sua velha coroca lindinha, enrugada e depressiva, eu amo você!

Tasco mais um beijo babado na outra bochecha de Joan. Ela começa a enrubescer e...

— Ela está sorrindo! — exclama Thompson. — Joan das Antigas sorriu por pouquíssimos segundos. Temos alguma testemunha?

— Temos! — berra metade dos velhinhos da sala.

— Essa é a minha garota! — grita o Velho Linder, enquanto ergue minha mão esquerda e me declara vitoriosa mais uma vez: — Amber Appleton é a vencedora, a campeã invicta!

Os idosos que conseguem se levantam. Todos começam a me parabenizar, o que logo leva a histórias de netos que nunca os visitam — o que é acompanhado por exibições intermináveis de fotos guardadas nas carteiras, mostrando os netos em várias fases da vida. As fotos são (ou costumam ser) apresentadas em ordem cronológica: uma por ano em que a criança frequentou a escola. Isso tudo acompanhado por conversas sobre o preço dos produtos no supermercado cinquenta anos atrás, o clima nas últimas oito décadas, remédios caseiros para artrite, a pouca praticidade dos cheques de aposentadoria, quem morreu naquela semana e, é claro, a recapitulação dos quebra-cabeças mais complicados montados nos últimos tempos.

Antes de sairmos do salão, Bobby Big Boy visita o colo de praticamente todos os idosos do prédio. Eles sorriem enquanto fazem carinho na cabeça de BBB e coçam sua barriga. Meu cachorro é ótimo com velhinhos — muito gentil e calmo. É quase como se ele soubesse que idosos são frágeis e estão prestes a morrer.

Pouco antes de sair da casa de repouso, ando até o canto do salão em que Joan das Antigas está sentada, sozinha, diante de uma parede que acredita ser uma janela.

— Joan?

— O que *você* quer, srta. Esperançosa? Veio se gabar? Veio esfregar a vitória na minha cara?

— Quer fazer carinho no meu cachorro antes de a gente ir embora?

— Aquele bicho nojento? Ah!

— Você quase me fez chorar hoje com aquela história de os meninos não gostarem de mim. Isso realmente fez minhas entranhas revirarem, como vocês, velhinhos, gostam de dizer. Você não conseguiu ver, porque é cega, mas meu lábio ficou tremendo. Sério.

— É mesmo?

— Aham. Foi por pouco. Senti as lágrimas vindo.

— Você só está dizendo isso para fazer com que eu me sinta melhor.

— Talvez eu chore por causa disso mais tarde, quando estiver sozinha.

— Você não precisa dizer isso — comenta Joan —, mas obrigada.

— Você é mesmo muito má e deprimente, JDA.

— Bom, eu tento. E odeio admitir isso — responde JDA —, mas você é muito cheia de esperança e engraçada, Amber Appleton. O beijo foi um truque barato, e vou pedir a anulação da batalha. Só para você ficar avisada.

Vejo que Joan está sorrindo outra vez, mas não me gabo disso.

O sorriso some como uma chama ao vento, e Joan das Antigas continua, com uma voz muito triste:

— Você sabia que é a única pessoa que conseguiu me fazer sorrir desde que meu Lawrence morreu, em 1982?

É uma notícia deprimente, apesar de eu perceber que é um elogio meio estranho. Dou um suspiro.

— Eu queria poder dizer que você foi a única pessoa que um dia me fez ter vontade de chorar, mas não posso lhe conceder essa honra, Joan das Antigas. Desculpe.

— "Apenas por ser obrigado a se manter constantemente alerta, um homem pode ficar tão fraco que se torna incapaz de continuar a se defender." Isso também vale para as mulheres como nós. Lembre-se disso, Amber. Lembre-se disso.

— Nietzsche?

Joan das Antigas faz que sim com a cabeça e continua:

— Espero não morrer antes de conseguir fazê-la chorar, Amber. Vou acabar com essa sua esperança um dia desses.

— Espero que a gente tenha muitas outras batalhas — digo, antes de pegar BBB do colo de Agnes, a Louca das Plantas.

Agnes conversa com todas as plantas e finge que elas são seu filho, que mora na Califórnia e nunca a visita.

Enquanto visto os casacos, o Velho Linder me dá mais um apertão nos ombros e diz:

— Você foi maravilhosa, menina. E nos mantém jovem com essas suas piadas infantis e todas as brincadeiras.

— Pode me dar um abraço, Velho Linder?

— Isso é o mesmo que perguntar se o papa é católico — retruca ele, me dando um abraço bem demorado.

O bafo do Linder deixa meu pescoço meio molhado, mas tolero isso porque ele tem tubos de oxigênio enfiados no nariz e deve morrer em breve. Além disso, gosto muito de abraços.

— Até semana que vem, Velho Linder.

— Se eu viver até lá! — responde ele, dando uma piscadela enrugada.

— Tchau, seus velhinhos pirados! — grito para todo o salão.

Então BBB e eu passamos pelos corredores deprimentes com as plantas falsas e empoeiradas nos cantos.

— Como foi que esse cachorro entrou no meu prédio? — pergunta a Porteira Lucy, quando passo por ela, o que me faz rir.

— Gostou do chocolate quente e do Snickers?

— Não sei do que você está falando.

A Porteira Lucy e eu sorrimos uma para a outra. Ela é gente boa. Sério.

Pego a bicicleta do arbusto, ponho BBB na cestinha e começo a voltar para a casa de Donna.

Enquanto pedalo, começo a ter uma sensação ruim. Começo a achar que entendi tudo errado, e que todo mundo — todas as muitas pessoas que não são como eu — está certo, que essa minha esperança é só uma besteira infantil.

Quer dizer, é claro que alguns gostam de me ver fazendo essas coisas — invadir a reunião do conselho e domar o Príncipe Tony, cantar com as Divas Coreanas por Cristo, derrotar Joan das Antigas toda semana —, mas, no fim das contas, isso não significa nada, porque sou uma só, e existem muitas pessoas que não são como eu. Talvez eu seja apenas uma distração divertida para elas. Talvez eu seja só uma menina estranha. Uma pequena atração antes do show de verdade.

Falando em pequenas atrações, aí vai o terceiro melhor momento entre Amber e sua mãe:

Quando eu era pequena, minha mãe me levava ao circo todo ano, tendo ou não dinheiro — e isso aconteceu durante todo o ensino fundamental. Em alguns anos a gente não podia nem ligar o aquecedor e vez ou outra tínhamos que ficar sem comer. Mas minha mãe sempre conseguia ingressos para o circo, e sempre comprava algodão-doce, pipoca, amendoim, refrigerante e uma lembrancinha — às vezes um elefante ou um macaco de pelúcia, às vezes uma camiseta, um chapéu ou um pôster de alguém sendo lançado de um canhão ou andando na corda bamba, ou ainda de um milhão de palhaços saindo de um carro minúsculo.

Eu nem gostava tanto do circo, mas adorava ver o rosto da minha mãe enquanto ela assistia aos números, porque ela sempre parecia uma criança. Ficava tão empolgada quando o cara entrava na jaula com o leão, quando o motociclista andava super-rápido dentro da bola de metal ou quando o trapezista se balançava e fazia piruetas. Todas essas coisas a deixavam impressionada — minha mãe ficava o tempo todo sentada na ponta da cadeira, e, olhando para o rosto das crianças à nossa volta e depois para o dela, eu percebia a mesma expressão de assombro.

Eu me lembro de quando *realmente* entendi que minha mãe tinha alma de criança. Foi na última vez que nós duas fomos ao circo, quando eu estava no sexto ano e começava a ficar velha demais para aquilo e para outras coisas infantis. Não estava muito a fim de ir ao circo naquele ano, mas, como era tradição, não disse nada a ela. Então lá estávamos nós, no meio daquilo tudo, na tenda enorme, vendo os mesmos números cansativos. Eu estava de saco cheio, no limite. Foi então que notei quanto minha mãe gostava de estar ali — quanto aquilo significava para ela. Dava para perceber só de olhar para seu rosto: minha mãe era apaixonada.

Eu queria ser capaz de deixar o rosto da minha mãe iluminado da mesma forma que o circo fazia.

Foi um momento importante para mim.

Talvez tenha sido naquele dia que passei a tentar ser algo além do que já era, mas, sinceramente — cinco anos depois —, ninguém me leva a sério de verdade. Sou no máximo um detalhe interessante na vida dos outros, uma nota de rodapé divertida. E deve ser por isso que meu pai foi embora, que minha mãe não consegue ficar sóbria e que todos os namorados dela dispensam a gente depois de alguns meses. Às vezes eu me pergunto por que ainda tento. Para quê?

Na tentativa de me preparar para as batalhas com Joan das Antigas, fui à biblioteca pesquisar um pouco sobre Nietzsche. Ele era ateu, como Donna e Ricky, e uma vez escreveu: "É preciso decidir: o homem é um erro de Deus ou Deus é um erro do homem?"

No começo, a frase me deixou irritada, porque sou católica. Mas também me fez pensar. Como podemos ter certeza de que não inventamos Deus? Que prova temos da existência Dele? E, se Deus não existe, será que existe alguma razão para ter esperança?

Fiz essas perguntas ao Padre Chee, algumas semanas atrás, e ele falou que fé é exatamente isso — não saber com certeza. Eu teria dito que era uma resposta idiota se aquilo não viesse do PC, porque meu Homem de Deus tem alguma coisa de especial. Ele parece iluminado, e não é só porque é asiático. Acredito no PC (e em Deus), então, por alguma razão, mantive e continuo mantendo a esperança, apesar de as coisas ficarem cada vez mais difíceis à medida que vou chegando ao auge da vida — como disseram Nietzsche e Joan das Antigas. Não é? Pois é.

Pensar em tudo isso me deixa pra baixo. Não estou nem um pouco a fim de preparar o jantar para Donna e Ricky. Não consigo sequer pensar em uma receita.

Talvez eu devesse esquecer o jantar e ir até a casa do Soldado Jackson.

Ele mora nos limites da cidade, perto da periferia. É para lá que vou sempre que estou triste.

CAPÍTULO

10

Conheci o Soldado Jackson no ano passado, quando meu professor de história nos colocou em contato com alguns veteranos da região. Teríamos que escrever para eles no Dia dos Veteranos para ganhar pontos na média final. Fomos instruídos a copiar uma carta-padrão que o sr. Bonds digitara e distribuíra. Ele queria, basicamente, que nós copiássemos aquelas palavras com nossas letras, de forma que parecesse que tínhamos pensado bem naquele texto, escrito com tanto cuidado. A carta dizia que nos orgulhávamos de ser americanos, que agradecíamos por tudo que o veterano (insira o nome aqui) tinha feito ao lutar na guerra (insira o nome aqui), e que, apesar de não sermos capazes de entender bem o que eles enfrentaram pelo nosso país, agradecíamos pelos benefícios da cidadania americana que eles tinham lutado para proteger.

Recebi a tarefa de escrever para o soldado Paul Jackson e soube que ele lutara no Vietnã. Então copiei a carta e preenchi os espaços, mas aquilo fez com que eu me sentisse meio estranha. Quer dizer, como é que eu ia saber que ele tinha feito alguma coisa boa na guerra? Talvez tivesse sido um péssimo soldado, alguém que fizera mais mal do que bem, e eu estaria agradecendo-o por isso. Como é que eu ia saber? Fiquei meio irritada quando fui obrigada a escrever a carta, mas, sinceramente, esqueci tudo depois que ela foi escrita, colocada em um envelope e enviada — ainda mais porque a maioria dos meus colegas de turma recebeu respostas incríveis em agradecimento, e eu não recebi porcaria nenhuma.

Mais ou menos um mês depois, após o Natal, o sr. Bonds chamou alguns veteranos do Vietnã para falar para a nossa turma. O Soldado Jackson não veio, mas os quatro caras que apareceram contaram umas histórias muito doidas, que fizeram a maioria dos alunos chorar, porque os veteranos falaram sobre amigos que tinham sido mortos de jeitos horríveis e sobre os hippies contra a guerra que cuspiam nos soldados que voltavam para casa. Eles também contaram o quanto todos os veteranos do Vietnã odeiam Jane Fonda, uma atriz das antigas conhecida como Hanoi Jane por ter posado com os inimigos para algumas fotos durante a guerra — o que é a *maior loucura*. Juro. Quando vi aqueles quatro homens com idade para ser meu pai lutando contra as lágrimas na frente de um bando de adolescentes, ainda sofrendo por uma guerra que acabou tantos anos atrás, percebi que as

cartas tinham sido superimportantes para eles. Então comecei a pensar muito no Soldado Jackson e em por que ele nunca tinha me respondido.

Então escrevi outra carta, contando sobre os homens que tinham ido falar para a turma e perguntando se ele conhecia algum daqueles caras, mas não chamei ninguém de “cara” na carta. Depois contei várias coisas sobre minha vida: que meu pai me abandonou antes mesmo de eu saber falar, que às vezes me sentia sozinha... Falei que era muito leal e que seria uma boa amiga de correspondência, se ele quisesse escrever para alguém que dava valor aos sacrifícios que ele tinha feito pelo nosso país durante a Guerra do Vietnã. Mas que tudo bem se ele não quisesse falar sobre aquilo tudo — eu só queria que ele soubesse que americanos como eu ficavam felizes por ele estar em casa agora, e que qualquer outro que não sentisse isso devia ter vergonha. A carta era muito formal e emocionada, mas também era de arrasar.

Quando pedi ao sr. Bonds o endereço do Soldado Jackson, ele não quis me dar, mas disse que leria minha carta e, se a considerasse apropriada, a enviaria por mim. Eu disse a ele que aquilo era inaceitável, e a gente meio que começou a discutir sobre censura e liberdade de expressão, um direito protegido pela Primeira Emenda — justamente uma das coisas que o Soldado Jackson lutou para proteger. Por fim, Bonds concordou em me ouvir ler a carta em voz alta. Depois — se a considerasse apropriada —, eu poderia observar o professor endereçar o envelope que nós dois deixaríamos na caixa de correio, para eu ter certeza de que ele a enviara. Assim, o professor não seria forçado a revelar os dados pessoais do sr. Jackson, que não estavam registrados na lista telefônica ou na internet. Sei disso porque conferi na biblioteca. Juro. O acordo era que nós, alunos, escrevêssemos cartas de apresentação para os veteranos e, se eles quisessem nos responder, aí, sim, poderíamos ficar à vontade para escrever novas cartas sempre que quiséssemos. Como meu veterano não tinha respondido, eu não tinha direito a uma segunda chance.

Então li minha segunda carta para o sr. Bonds e, como sou uma correspondente genial, pulei todas as partes mais pessoais sobre meu pai e tal. O professor disse que a carta estava bem-escrita, que era apropriada e que valia o selo que ele colaria no envelope da escola, depois que pusesse minha carta dentro daquele retângulo branco.

Quando chegamos à caixa de correio perto da escola, perguntei se podia jogar o envelope lá dentro, porque adorava enviar coisas pelo correio, uma mentira qualquer que inventei.

— Claro — respondeu ele.

Espiei o endereço antes de deixar a carta cair na caixa de correio e, quando o sr. Bonds voltou para a escola, parti em direção à casa do

Soldado Jackson.

SJ mora em uma casa bem pequena, pintada de um vermelho vivo, que fica nos limites da cidade, perto da periferia, como falei antes. Não há nada de muito interessante na casa — SJ cultiva alguns arbustos no jardim da frente, tem um pequeno bordo e um carro comum. Qualquer um andando por ali tentando adivinhar que casa pertence a um veterano da Guerra do Vietnã passaria batido, sem nem pensar duas vezes. Eu meio que esperava que fosse uma daquelas casas com bandeiras pretas do lado de fora, para homenagear os soldados que desapareceram em combate, mas nada disso.

Então tive que procurar pelo número, ou seja, usar a velha tática de busca de endereço, e, quando encontrei o 618, fui até a porta e bati.

Ninguém atendeu, então bati de novo e de novo.

Eu já estava indo embora, pensando “Dã, esse cara deve estar no trabalho”, quando a porta se abriu e apareceu um homem de aparência bem normal, quase idoso, usando uma camisa de botão amarela, óculos prata e calça de moletom bege.

— Pois não? — perguntou ele.

— O senhor recebeu uma carta de uma aluna maluca chamada Amber Appleton? — perguntei.

— Recebi. Por quê?

— O que achou do talento dela para escrever cartas?

— Nada.

— Foi por isso que não respondeu?

— Você é a Amber?

— A gente aprendeu sobre a sua guerra na escola, e eu conheci alguns dos seus amigos.

— Meus amigos?

— Caras que lutaram no Vietnã, assim como o senhor. Eles foram à nossa sala e contaram várias coisas. — Eu não quis falar sobre os amigos dele que morreram nem sobre as pessoas que cuspiam neles, então fui para a parte que mais parecia ter unido os caras que tinham ido falar na nossa turma. — Tipo, sobre aquela idiota da Jane Fonda.

Ele olhou para mim como se eu fosse doida.

— O senhor sabe, a Hanoi Jane?

— O que você quer?

— Eu só queria pedir desculpas por ter escrito aquela carta capenga para o senhor. O meu professor me obrigou, mas isso foi antes de os seus amigos aparecerem e contarem como foi lutar na selva. Se eu soubesse como realmente tinha sido, nunca teria escrito uma carta-padrão tão ridícula. Escrevi uma carta melhor hoje, mais interessante e pessoal. Mas meu professor me fez mandá-la pelo correio, então o senhor só deve receber daqui a uns três dias, acho.

O Soldado Jackson olhou para mim por um segundo e depois disse:

— Isso é algum tipo de brincadeira?

— Claro que não! É sério. Eu só achei que talvez o senhor quisesse, sei lá, me conhecer.

— Por quê?

— Por que não?

— Não vou contar histórias da guerra para você, se é isso o que quer. Não quero mais falar sobre a guerra. Isso ficou para trás.

— Não, não vim atrás de histórias do Vietnã nem nada do tipo. Eu fiquei impressionada com todas as coisas que os seus amigos contaram quando foram lá na escola, e foi muito difícil escutá-los, ainda mais porque todos choraram pelo menos uma vez, e é muito difícil ver homens adultos chorando. Eu já ouvi o suficiente. Sério. O senhor tem filhos?

— Não.

— Posso entrar?

— Não acho uma boa ideia.

— O senhor quer, sei lá, dar uma volta? — perguntei.

— Por que eu iria querer dar uma volta com você?

— Não sei. Fiquei interessada em saber mais sobre o senhor hoje.

— Por quê?

— Porque não gosto de escrever para estranhos e, já que fui forçada a escrever para o senhor, acho que devia pelo menos saber alguma coisa a seu respeito, para a gente poder continuar se escrevendo ou, quem sabe, até se encontrar de vez em quando.

— Sinto muito — respondeu o Soldado Jackson, e fechou a porta na minha cara.

Aquilo me deixou muito triste e fez com que eu me sentisse como um zé-ninguém.

— Isso foi maldade! — gritei, esmurrando a porta. Mesmo assim, ele não voltou a aparecer. — Você vai se arrepender de ter batido a porta na minha cara quando ler a carta que vai chegar, ainda mais porque levei horas para escrever, e ela ficou muito emocionante! E se o senhor não tivesse lutado pelo nosso país no Vietnã, se não tivesse passado um ano ou sei lá quanto na selva, eu o chamaria de um palavrão agora! Tchau!

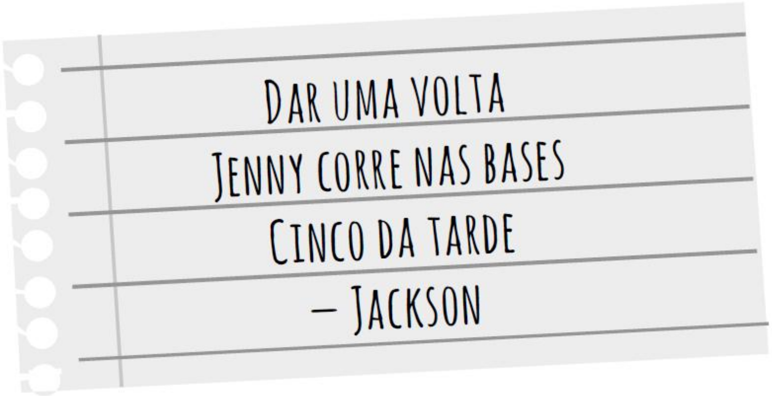
* * *

Mais ou menos uma semana depois, quando eu já tinha quase esquecido o Soldado Jackson, o sr. Bonds me chamou bem na hora que todos os alunos estavam em fila para sair da aula de história.

— Srta. Appleton. Tem uma carta para você aqui.

Ele me entregou um envelope endereçado a mim, aos cuidados do sr. Bonds, da Escola Pública de Ensino Médio de Childress.

Abri o envelope e, na folha de papel dentro dele, havia onze palavras escritas à mão:



No mesmo instante percebi que o Soldado Jackson escrevera um haicai para mim — uma forma de poesia japonesa que tem três linhas e dezessete sílabas. Eu aprendera tudo sobre haicais lá pelo terceiro ano, uns mil anos atrás, mas não fazia ideia de por que o Soldado Jackson escrevera um haicai, nem o que aquilo significava. Mas *sabia* que teria que ir à casa dele naquele mesmo dia.

Eu me dei conta de que receber haicais de um homem estranho era uma situação extremamente doida, mas achei que o Soldado Jackson era meio assim porque tinha lutado no Vietnã. Vários homens não voltaram muito bons da cabeça, mas ainda são nossos homens, caramba! Achei que era meu dever cívico conferir o que o haicai do Soldado Jackson queria dizer. Como cidadã do mundo livre, eu devia aquilo a ele.

Então, às cinco da tarde, eu estava parada do lado de fora da casa do Soldado Jackson, esperando para ver o que ia acontecer.

SJ apareceu pontualmente, usando um casaco marrom e uma daquelas boinas que os velhinhos usam voltadas para a frente e os negros, para trás. SJ usava a sua à moda dos velhinhos.

Mas o detalhe mais legal daquele momento foi que ele trazia uma coleira com um minúsculo cachorrinho cinza de aparência engraçada. Quando vi o animal, corri até ele — o que foi uma atitude bem mulherzinha da minha parte, eu sei — e me abaixei para dar um baita beijo e fazer carinho em sua cabeça.

Como você já deve ter percebido, eu piro quando estou perto de cachorros.

— Você passou no teste — comentou o Soldado Jackson. — Ela

gostou de você. E é muito exigente na hora de julgar o caráter dos outros.

— Então esta é Jenny? — perguntei, esfregando a cabeça da cadelinha.

— É.

— Qual é a raça dela?

— É uma pequena lebrel italiana.

— O que o senhor quis dizer com "Jenny corre nas bases"?

— Você vai ver se me acompanhar.

Começamos a descer a rua, seguindo a cadelinha.

— Então o senhor gosta de haicais? — perguntei.

— Gosto.

— É bem interessante ver um cara da sua idade escrevendo haicais.

— Por quê?

— Não são coisa de criança?

— Por que você acha isso?

— Os alunos do ensino básico escrevem haicais quando estudam sobre o Japão. Uma vez, tive que ler um em voz alta enquanto usava um quimono feito com lençóis, no Festival de Culturas do Mundo, uma eternidade atrás, quando eu era bem pequenininha.

— Você se lembra do haicai que leu?

— Não.

O Soldado Jackson não disse mais nada.

— Por que o senhor me respondeu dessa vez? — perguntei. — Por que me mandou o haicai?

— Não sei. Eu não queria. Para ser sincero, preferia não ter escrito.

— Por quê?

— Não gosto muito de gente.

— Por quê?

— Cachorros são melhores que pessoas. Eu tenho uma cadela. Só preciso dela. Cachorros são fáceis. Pessoas são complicadas.

— É mesmo. Cachorros são muito melhores do que pessoas.

— Foi grosseria minha bater a porta na sua cara. Minha atitude me deixou incomodado por vários dias. Foi grosseria. Maldade. Sinto como se tivesse atraído um carma ruim.

— Sem problemas. As pessoas são grossas comigo o tempo todo. Estou totalmente acostumada. O namorado da minha mãe batia a porta na minha cara toda hora. Pelo menos o senhor não me chamou de vagabunda, não é? O Oliver era muito babaca.

O SJ não riu da piada, mas disse:

— Você me pareceu o tipo de pessoa que gosta de cachorros.

— Como o senhor sabia disso?

— Tem um olhar gentil, de quem gosta de cachorros.

— Obrigada.

— Não era um elogio. Só um fato.

— Desobrigada, então.

Ele deu uma risada leve por causa daquilo, cobrindo a boca como se tivesse arrotado, e continuou:

— Achei que, se mandasse um haicai para você e você entendesse o que ele significava, isso provaria que você gostaria de ver minha cadela correr. Então, depois que você tivesse visto a srta. Jenny correr pelo campo, ficaríamos quites.

— É um plano muito elaborado, Jackson.

— Não zombe de mim, por favor.

— Não estava zombando do senhor. É só um fato — retruquei, porque adoro fazer piada com repetições.

— Não vou escrever mais cartas para você. Só fiz isso uma vez. Quero deixar isso claro. Não pretendo fazer amizade. Só quero acabar com o carma ruim que criei quando bati a porta na sua cara. Não pedi para você aparecer na minha porta, mas o Universo a mandou, e eu agi mal, então tenho que reverter essa situação antes de voltar para a minha casa, onde vou poder ficar sozinho com a srta. Jenny.

— Tudo bem. Cartas são um saco — respondi, apesar de, na verdade, ser uma fã delas.

Àquela altura, eu meio que já tinha reparado que SJ era um pouquinho pirado, mas ainda assim tinha gostado dele. SJ não parecia ser má pessoa e estava tentando compensar o fato de ter batido a porta na minha cara. Os outros não costumam me compensar em nada.

— E por que o senhor me mandou um haicai?

— Escrevo haicais o dia inteiro. É o que eu faço. É só o que faço.

— Como assim é só o que o senhor faz?

— Bem, eu me levanto de manhã, passeio com a srta. Jenny, dou comida para ela, escrevo haicais até as cinco da tarde, mantendo os pensamentos concentrados e puros, passeio com a srta. Jenny, dou comida para ela, leio haicais de outros poetas mais talentosos à noite, mantendo os pensamentos concentrados e puros, e vou para a cama às oito da noite.

— Todos os dias?

— É.

— É sério?

— É o que faço. Não é muito interessante, acho.

— Está brincando? Foi a coisa mais interessante que ouvi em, sei lá, *semanas*.

SJ sorriu com aquilo, mas de um jeito meio confuso, como se tivesse soltado um pum.

— Você está me provocando.

— De jeito nenhum. Gosto muito de haicais. Cinco. Sete. Cinco.

Dezessete sílabas. Essa é a regra.

— Você está zombando de mim.

— Por que eu zombaria do senhor? — perguntei.

— Não estou acostumado a caminhar com os outros.

— Nem eu.

— Chegamos — disse SJ.

Quando olhei em volta, percebi que estávamos no campo de beisebol da cidade. *Jenny corre nas bases*.

— Veja só isso. É lindo. É o oposto de uma porta batendo na sua cara — comentou o Soldado Jackson.

Quando ele soltou a srta. Jenny da coleira, aquela coisinha começou a correr pelas bases do campo. Ela corria bem rápido, empolgada, mas as pernas eram tão pequenas que ela demorava muito para dar a volta. Era tão fofinho que tive que segui-la na segunda volta, fazendo-a latir e começar a correr em volta de mim enquanto passávamos pelas bases. Quando cheguei à quarta base, olhei para o Soldado Jackson. Ele sorria para mim de um jeito muito estranho e quase sombrio, então peguei a cadelinha e a levei até o rosto para um beijo, antes de andar de volta até o SJ.

— Então você me perdoa por ter batido a porta na sua cara? Estamos quites? — perguntou ele.

— Pode apostar que sim. Isso foi incrível!

SJ meio que deu um sorriso muito triste, e eu não consegui pensar em mais nada para dizer. No caminho de volta para a casa dele, Jenny fez xixi em uma árvore e cocô em um arbusto, mas nós dois não dissemos nada.

— Se o senhor quiser escrever outro haicai para mim, saiba que eu adoraria ler mais do seu trabalho — falei, quando chegamos.

— Não zombe de mim — pediu ele.

— Não é zombaria. Posso mandar alguns haicais meus para o senhor? Talvez o senhor possa fazer algumas críticas sobre um ou dois deles — sugeri, apesar de não ter escrito nenhum haicai desde o terceiro ano. Sério.

— Eu só queria compensar o fato de ter batido a porta na sua cara, mas agora que acabei com o carma ruim, gostaria que você me deixasse em paz. Por favor. É o que mais quero.

Essa parte me deixou muda.

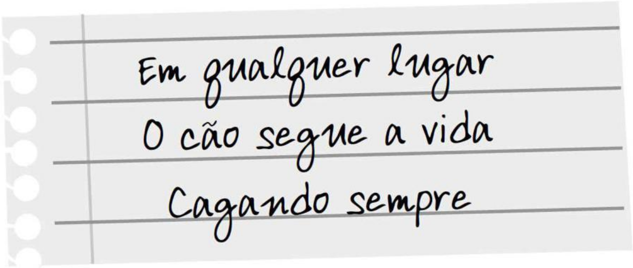
Ele se virou e começou a andar até a porta. Fiquei esperando que ele olhasse por cima do ombro e dissesse alguma coisa legal, ou meio que me desse um sinal de que queria muito me ver de novo e ser meu amigo, mas ele não olhou nem nada. Isso me deixou meio irritada no início, mas aí a irritação se transformou em uma tristeza que ficou no meu peito por vários dias, até eu ter uma ideia maluca: ia mandar um haicai esperançoso por dia para o Soldado Jackson, todos sobre

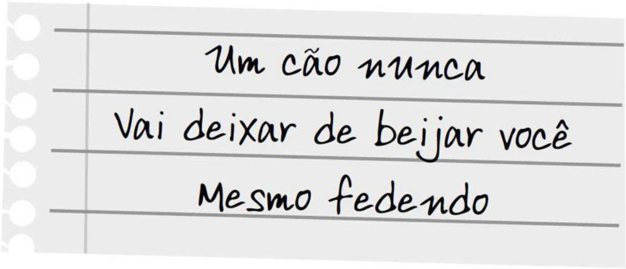
cachorros, porque era a única coisa que eu tinha certeza de que ele gostava.

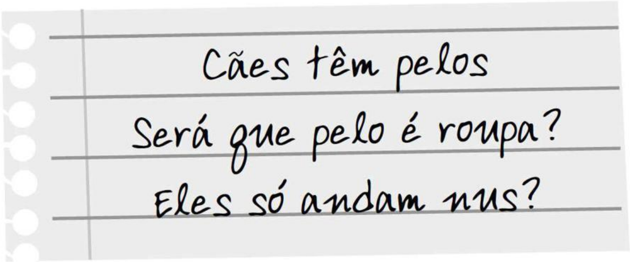
Lavei e encerei a Mercedes da Donna por vinte dólares — ela me deixa fazer isso às vezes — e usei o dinheiro para comprar uma caixa de envelopes e dois livros de selos.

Comecei a mandar um haicai canino por dia para o Soldado Jackson.

De acordo com SJ, estes são os meus melhores haicais caninos (entre os melhores que já escrevi):



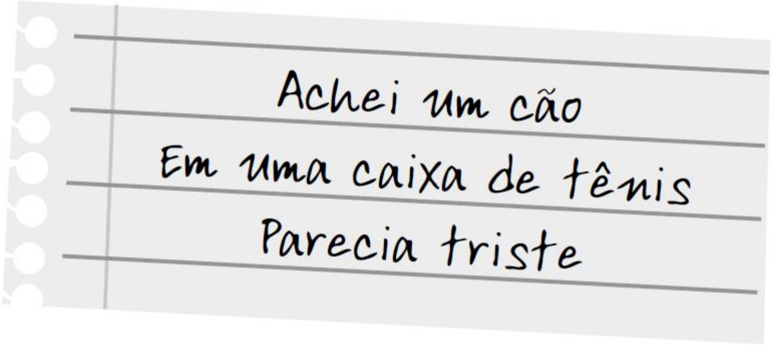




Está bem, sou péssima em escrever haicais, mas cumpri a promessa e escrevi para o Soldado Jackson todos os dias por mais de um mês.

Ele não me respondeu nenhuma vez.

Então, um dia, encontrei uma caixa de tênis com uma coisinha peluda e molhada dentro, que chamei de Bobby Big Boy e cuidei dele até que ficasse bom, como você já sabe.



(Também mandei este haicai para o Soldado Jackson, mas não recebi resposta).

O que você não sabe é que BBB ficou bem traumatizado por causa do tempo que passou na rua, morando em uma caixa de tênis colorida. Então, depois que salvei o cachorrinho das garras da fome, Triplo B passou um tempo muito triste, mesmo depois de termos feito com que ele recuperasse o peso.

Eu cantava para BBB, dava banhos na banheira de Donna, presenteava-o com colheradas extras de manteiga de amendoim, fazia carinho no seu corpo todo, contava histórias felizes, e até mesmo fiz uma jaqueta para ele. Donna comprou todo tipo de brinquedo, de tigela e de ração chique, mas nada parecia animá-lo. Eu não conseguia descobrir o que podia deixar BBB feliz.

Então vi dois góticos dando uns amassos tensos na escada do prédio A da escola. Pareciam tão felizes e apaixonados quando pararam de trocar saliva para me deixar passar que, por alguma razão, soube que precisava encontrar uma namorada para Bobby Big Boy.

Quando pensei no tamanho e no peso da companheira perfeita para BBB, eu me lembrei imediatamente da srta. Jenny. Então levei Triplo B para o campo de beisebol às cinco da tarde e o apresentei ao Soldado Jackson e à cadelinha dele.

Chegamos quando a srta. Jenny já estava correndo, então ela não nos notou logo de cara.

— Quem é este? — perguntou o Soldado Jackson, sem mencionar todos os haicais que eu tinha mandado, o que me deixou meio chateada.

— Este é o Bobby Big Boy.

O Soldado Jackson se abaixou e fez carinho na cabeça de BBB.

— Onde você arranjou esse cachorrinho?

— Achei na rua, em uma caixa de sapatos — respondi, me perguntando se o SJ não tinha recebido nem lido nenhum dos haicais que eu mandara sobre BBB.

— Você resgatou o bichinho — comentou ele.

— Sim, senhor.

— Isso traz um carma bom.

Foi então que a srta. Jenny viu Bobby Big Boy, e a flecha do Cupido acertou os dois. Ela saiu correndo do campo de beisebol e veio cheirar o rabo de BBB. Ele estava na coleira, e começou a chorar.

— Solte o seu cachorro — pediu SJ.

— E se eles brigarem?

— Não vão brigar. A srta. Jenny é um amor.

Então soltei BBB, e os dois cachorrinhos começaram a brincar. Eles correram em círculos e rolaram por pelo menos meia hora, enquanto SJ e eu assistíamos à cena e nos divertíamos.

— Eu nunca tinha visto o Triplo B tão feliz desde que o peguei na rua.

— Acho que a srta. Jenny está apaixonada — disse SJ.

Nós dois concordamos, então, que, pela felicidade dos cachorros, nos encontraríamos no campo de beisebol pelo menos uma vez por semana, para os dois brincarem.

Mas, quando chegou a hora da despedida, não pude deixar de perguntar se ele tinha gostado dos haicais caninos que eu enviara.

— A srta. Jenny não vê a hora de encontrar o Bobby Big Boy de novo — respondeu ele, antes de pôr a coleira na cadelinha e ir embora.

Eu estava muito orgulhosa do BBB, já que ele não tentou cruzar com a srta. Jenny no primeiro encontro, então considerei a experiência um sucesso e deixei por isso mesmo.

Começamos a visitar o campo de beisebol com muita frequência e, depois de algumas semanas, passamos a caminhar com SJ e a srta. Jenny de volta para casa. Aí, um dia, entramos para tomar chá, e vi que o Soldado Jackson tinha pendurado meus haicais na sala de estar e coberto uma das paredes só com os *meus* poemas!

— Por que o senhor pôs meus haicais na parede?

— Você gosta de chá verde? — perguntou ele.

— Gosto — respondi, apesar de nunca ter tomado chá verde na vida.

Então tomamos chá juntos, em silêncio, enquanto BBB e a srta. Jenny tiravam um cochilo juntos, de conchinha, no tapete debaixo de uma mesa de centro com tampo de vidro.

Pouco depois — após muitas visitas —, o Soldado Jackson começou a me deixar ler seus cadernos de haicais. Fiquei muito impressionada, porque ele escreve poemas lindos.

Este é o melhor haicai do Soldado Jackson, na minha opinião:

Cinza e marrom
Brincam bem juntinhos
Assistimos bem quietos

Simples e verdadeiro. Como uma bela foto. Jackson escreveu esse para mim e me deu de aniversário no ano passado, em um pedaço de papel muito bonito. Carrego esse haicai na mochila e leio sempre que estou muito para baixo. Já sei de cor, é claro, mas gosto de olhar para a letra do Soldado Jackson, porque ela é muito meticulosa — como a de uma criança. É como se ele estivesse fazendo esforço para se lembrar de como escrever cada sílaba ou, talvez, como se desse tanta importância a cada sílaba que cada letra tivesse que esperar um segundo a mais para nascer e, por isso, tenha ficado um pouquinho mais longe da outra do que devia. Você provavelmente nunca viu nada assim, e a letra incrível dele deixa o haicai ainda melhor.

Até hoje, quando faço alguma pergunta ao Jackson sobre o passado, sua família ou qualquer coisa assim, ele diz alguma bobagem zen como "Não existe passado" ou "Estou aqui, no presente" ou "Assim como nossos cães brincam na grama, eu sou". Isso me irritava muito, antes de eu me acostumar com toda a besteirada zen. Mas, agora, eu meio que gosto. Sério.

E isso é tudo que faço com o Soldado Jackson — os cachorros correm, tomamos chá e eu leio os haicais dele. Ainda escrevo para ele, mas entrego os poemas em mãos, para economizar dinheiro, já que os selos são caros, e agora moro em um ônibus escolar.

Mas tem uma coisa legal: já cobri três paredes e meia da sala de estar de SJ com haicais caninos. Vou cobrir as quatro antes de acabar o segundo ano do ensino médio. Juro.

Enquanto levamos a bicicleta da Donna de volta, depois de sair da casa de repouso, pergunto ao BBB se ele está precisando de amor, e ele late uma vez em resposta. Então tomo outro caminho, e partimos em direção à casa do Soldado Jackson.

Já passou das cinco, então BBB não vai correr no campo de beisebol hoje, pois já perdemos o percurso diário da srta. Jenny, mas ainda dá para Triplo B dar uns beijinhos e dormir de conchinha. Quando chegamos, guardamos a bicicleta nos fundos e batemos na porta do SJ.

Quando ele atende, BBB corre para dentro da casa, procurando a

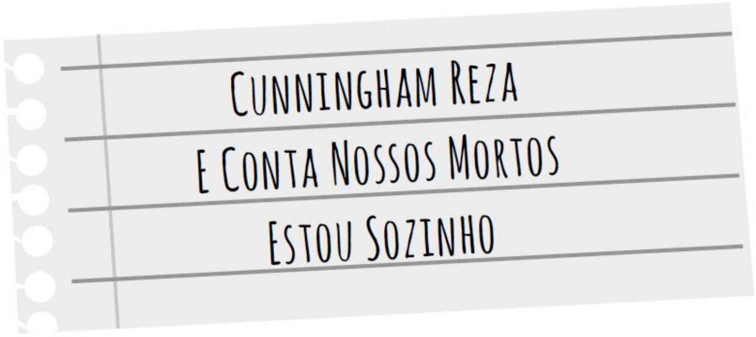
srta. Jenny, e desaparece no corredor que leva aos quartos. Meu cachorro fica bem ansioso, de tempos em tempos. De vez em quando precisa se aliviar.

— Vou preparar o chá — diz SJ, enquanto entro na casa e me sento no sofá velho.

Ouço-o preparar o chá no outro cômodo — o barulho da água caindo em uma chaleira de metal, o clique do acendedor elétrico do fogão, o gás sendo ligado —, imagino as chamas azuis e as bolhinhas subindo na chaleira e começo a me sentir melhor.

O tempo meio que para quando estou na casa do SJ. É um pouco parecido com uma igreja de verdade — não a loja transformada em igreja do Padre Chee, mas um lugar sagrado de pedra antiga que cheira a séculos de orações, esperanças e crenças. Um pouco como a Santa Dymphna, a igreja católica onde fiz a primeira comunhão. E é estranho a casa do SJ parecer abençoada, porque — depois de ler tantos poemas dele — já percebi que o Soldado Jackson faz companhia a Nietzsche, Donna e Ricky. Tenho quase certeza de que SJ é ateu.

Este foi o haicai mais triste que já li:



O Soldado Jackson escreveu esse ainda no Vietnã. Ele não sabe que li, porque o encontrei ao folhear a última seção de um dos cadernos enquanto ele fazia chá.

Ele tinha dito que eu podia ler qualquer poema das seções marcadas por divisórias azuis, vermelhas e pretas, mas que não queria que eu folheasse as páginas entre as divisórias verdes. Então é claro que abri a seção verde assim que SJ saiu da sala. Como ele ficou muito tempo na cozinha — muito mais do que o necessário para fazer chá —, acho que talvez quisesse que eu lesse os haicais do Vietnã, sei lá. Pelo que entendi quando li os poemas — porque ele não fala nada sobre a própria vida —, parece que o Soldado Jackson começou a escrever haicais na selva, como uma maneira de não enlouquecer, e não parou depois que voltou para casa.

CAPÍTULO

11

— Então, o que está chateando você? — pergunta SJ, me entregando uma xícara de chá verde fumegante.

— Como assim? Não posso simplesmente visitar você, sem motivos?

— Você só vem aqui quando está triste.

— Joan das Antigas me atacou com um monte de novas citações depressivas de Nietzsche, mas acabei conseguindo fazê-la sorrir — comento, tomando um gole de chá, que tem gosto de grama moída.

Chá verde é um gosto adquirido que eu ainda não adquiri, mas bebo pelo Soldado Jackson — até porque é a única coisa que ele tem em casa, além de água. SJ só come arroz e raízes, então nada de lanchinhos por aqui.

— Como você a fez sorrir dessa vez? — pergunta ele.

Faço uma pausa, porque ele nunca me faz perguntas. Este é o mais animado que SJ fica em uma conversa. Isso é o Soldado Jackson sob efeito de drogas.

— Dei um beijo nela. E disse várias coisas engraçadas. Ei, você acha que tenho cara de dinossauro? Pode ser sincero comigo. Se tivesse dezessete anos, você ia querer dar uns amassos comigo? Ou não? E, se a resposta for não, é porque tenho cara de dinossauro? Pode ser bem sincero.

— Você é exatamente como deveria ser. É perfeita para esse momento.

— Mais bobajada zen.

— Tem algum poema para mim?

Ponho a mão no bolso e entrego a ele uma folha de papel com oito haicais caninos escritos pela mocinha que vos fala.

O Soldado Jackson lê meus poemas bem devagar, enquanto bebe o chá, com um olhar muito determinado no rosto — quase como se estivesse fazendo cocô, ou algo do tipo.

— Qual é o seu favorito? — pergunto, depois de uns quinze minutos.

Ele ainda está lendo, contemplando cada grupo de dezessete sílabas como se fossem novas constelações que apareceram de repente no céu. Ele às vezes é um cara muito sério.

— São todos perfeitos — responde, sem olhar para mim.

— Nada dessa besteirada zen. Qual é o seu favorito?

— Aprecio todos da mesma forma e vou pendurar todos na parede

assim que você for embora. Encontrarei o lugar perfeito para as suas palavras.

— Qual deles você acha mais engraçado?

O Soldado Jackson lê todos os haicais de novo, e um pequeno sorriso brota em seu rosto. Ele lê o número quatro de forma muito dramática:

— Cães vão pro quarto/ fazer amor selvagem/ bebemos o chá.

— Tentei capturar o momento presente — explico.

— E certamente conseguiu.

— Quer conhecer a Donna? — pergunto, porque andei dizendo ao Soldado Jackson que poderia apresentá-lo à mulher mais sexy que ele já viu na vida. E ainda por cima cheia da grana!

— Não.

— Não sabe o que está perdendo e...

— Como está o chá? — pergunta ele, educado.

— Tem gosto de grama.

— Grama é natural. Grama é bom.

Bebemos em silêncio, até a srta. Jenny e BBB saírem do quarto, andando como se estivessem um pouco bêbados, com um olhar maníaco nos olhos.

— Só os cachorros são capazes de amar de verdade — comenta SJ.

— Você poderia conhecer o amor, meu amigo — respondo. — Donna é um partidão. Sério, ela é muito linda.

— Vou lavar sua xícara agora — diz o Soldado Jackson.

Eu entrego a xícara a ele.

— Posso dar um abraço em você antes de ir embora? — peço.

— Eu ficaria honrado em apertar a mão de uma poetisa tão talentosa — responde ele, como sempre.

Então, quando o Soldado Jackson estende a mão, eu a seguro com as minhas pelo tempo que ele deixa.

— Você é gente boa, Jackson — comento, olhando nos olhos dele —, e um grande poeta.

— Agora vou lavar as xícaras de chá — diz SJ, então larga minha mão, dá meia-volta e entra na cozinha.

BBB e eu subimos na bicicleta de Donna e pedalamos até a casa dela.

Quando chegamos, não sinto vontade de entrar, mas Triplo B precisa comer, então entro, pelo bem da saúde do meu cachorrinho.

Quando ouve a porta dos fundos se abrir, Donna corre até a cozinha.

— Aconteceu alguma coisa, Amber? — pergunta ela.

— Não, por quê? — respondo, sem fazer contato visual, apesar de perceber que ela está preocupada por eu não ter feito o jantar.

Ando até o armário onde ficam as latas do BBB, abro uma delas e

dou comida para ele, que começa a se empanturrar, porque sempre fica com fome depois de fazer amor com a srta. Jenny.

— Joan das Antigas finalmente fez você chorar? — pergunta Donna, parecendo genuinamente preocupada.

— Quase, mas fiz a velha sorrir lascando um grande beijo babado e surpreendente nela. Ela vai tentar anular a batalha, disse que beijar é contra as regras, mas é uma alegação besta. Além disso, o Velho Thompson nunca vai ceder, por causa daquela vez em que ela ligou para a polícia e tentou expulsá-lo da casa de repouso com uma ordem de restrição porque ele estava olhando para ela com uma cara estranha.

— Ela não é cega? — pergunta Donna.

— É. Juro.

— Então como notou que ele estava olhando para ela?

— Não notou. Ele não estava. Joan simplesmente inventou essa baboseira.

— Por quê?

— Porque ela é a Joan das Antigas, a encarnação do mal.

— Tenho que conhecer essa Joan um dia.

— É só ir às batalhas. Em qualquer quarta-feira à tarde. Mas é melhor ir antes que ela morra, porque isso pode acontecer, tipo, a qualquer momento.

— Ricky me contou que o Lex Pinkston pediu desculpas a você e foi até o Covil do Franks na hora do almoço.

— Dá para acreditar nisso?

Percebo que estou sendo meio grossa com Donna, mas não posso de jeito nenhum baixar a guarda, ou vou começar a chorar de novo. Não quero ficar perto dela agora. Provavelmente porque Donna é perfeita demais, e sei que nunca vou chegar aos seus pés. E essa é uma realidade difícil de engolir. Não é? Pois é.

— Ricky ficou muito animado por socializar com a equipe de futebol. Disse que os meninos foram muito legais com ele dessa vez.

— É, mas só porque você ameaçou processar o sr. Pinkston.

— Você se lembra do que falei sobre adolescentes e homens? Sobre eles precisarem ser guiados como ovelhas?

— Lembro, e daí?

— As ovelhas são más?

— Não, são ovelhas.

— Então talvez você deva dar uma chance ao Lex Pinkston e aos amigos dele. Eu soube que os outros dos Cinco gostaram de jogar Halo 3 com a equipe de futebol. É bom fazer novos amigos.

— Isso é muito estranho — respondo, balançando a cabeça e sentindo as lágrimas surgirem.

— Sabe quem os garotos como o Lex provocam e xingam? Meninas

por quem estão secretamente apaixonados. Esse menino deve ter uma paixonite por você. E, se ele decidiu ser legal, por que não deixar o que passou para... Amber, aonde você vai?

Vou embora de lá bem rápido, e BBB vai atrás de mim. De repente, estamos andando noite afora, descendo a rua.

Meu estômago ronca, já que não como nada desde o café, mas não ligo.

— Vamos ter que deixar para a próxima, JC — rezo —, porque não sobrou nada para você. Não vou conseguir rezar hoje. Desculpe.

Ando bem rápido de volta para o estacionamento. BBB e eu pulamos a cerca, e fico surpresa ao ver que minha mãe está em casa e acordada.

— Fiz o jantar — diz, quando entro no Amarelão.

Então ela ergue uma sacola do McDonald's, orgulhosa.

— Hoje você está merecendo um beijo, mãe.

— Por quê?

Abraço minha mãe por um bom tempo, até, mais uma vez, começar a chorar como um bebê. O corpo dela parece tão esquelético, dá para sentir as costelas através da jaqueta, o que me faz soluçar ainda mais.

— Está tudo bem, Amber — diz minha mãe, com um bafo de álcool. — Não vamos ficar nesse ônibus para sempre. Estou cuidando disso.

Quero dizer à minha mãe que realmente não dou a mínima para viver em um ônibus escolar, mas que o mundo está sugando minhas forças, que parece que estou lutando contra todos, que ninguém me apoia, que não sei se vou chegar à idade adulta ilesa e com fé na esperança, porque JC não está me ajudando nem um pouco nos últimos tempos e tudo está uma confusão. Só que não consigo parar de chorar, então deixo minha mãe me abraçar e dar tapinhas nas minhas costas por quase meia hora, enquanto soluço de um jeito bem ridículo.

Quando paro de chorar, abro a sacola do McDonald's e encontro um McLanche Feliz gelado: refrigerante pequeno, um punhado de batatas fritas, quatro McNuggets e algum brinquedo estúpido para promover algum filme infantil igualmente estúpido.

— Você comeu? — pergunto à minha mãe.

— Claro — responde ela, antes de tomar um gole do copo de Coca-Cola que sei que está cheia de vodca, porque dá para sentir o cheiro.

— Mãe, se você me ama de verdade, pode, por favor, comer esse McLanche enquanto observo? — imploro, o estômago roncando de fome.

— Comprei para você, Amber. Você está em fase de crescimento e...

— Por favor, mãe — imploro, as lágrimas voltando a descer pelo meu rosto. Levo um McNugget até o rosto dela e peço: — Por favor, coma isto. Por favor. Por mim, mãe. Por favor. Quero ver você comer.

BBB está me observando do banco ao lado, doido para comer o

nugget, mas ele é bonzinho demais para tentar pegá-lo, então não me preocupo.

Por fim, minha mãe pega o empanado de frango da minha mão, morde um pedacinho e o mastiga.

Ela engole e diz:

— Pronto. Satisfeita? Agora você deveria comer e...

— Coma o resto. O McLanche inteiro, mãe. Por mim. Por favor.

— Amber, você precisa comer alguma coisa também, e a gente só tem...

— Eu comi quase uns cinco quilos de hambúrguer na casa da Donna. Por favor, me deixe ver você comer o resto. Tive um dia ruim, mãe. Por favor, coma. Tente. Por mim.

Devagar, enquanto observo, minha mãe belisca a comida, quase como um rato desconfiado mastigando pedacinhos de veneno.

Ela está realmente tentando comer, o que me deixa orgulhosa.

Mas, depois de uns dez minutos e dois nuggets e meio, ela começa a vomitar.

Quando consigo tirá-la do ônibus, minha mãe já vomitou três vezes. Depois de mais uma leva de vômito no estacionamento, que me deixa muito assustada, ela finalmente para.

Ela pede os cigarros, e eu pego o pacote e a deixo fumar. Trago também o copo de Coca-Cola cheio de vodca, porque estou morrendo de medo, achando que minha mãe vai morrer aqui e agora, e porque sei que é de vodca que ela mais precisa.

Há toalhas de papel e um spray azul de limpeza embaixo do banco do motorista, e os uso para limpar o vômito da minha mãe, que está cheio de sangue e pedaços minúsculos de frango.

Tento não vomitar enquanto limpo.

Procuro pensar em alguma coisa bem legal para tentar fugir da realidade, então me transporto para o segundo melhor momento entre Amber e sua mãe:

Sou bem pequena.

Não sei falar.

Meus braços e pernas estão enrolados em um lençol, como uma múmia.

Estou em um carrinho de bebê, e é o fim do verão.

Há uma capota de proteção sobre mim — aquela parte que cobre os carrinhos de bebê.

Bob empurra o carrinho, e minha mãe está de braços dados com ele. Ouço o canto de uma gaivota, então talvez a gente esteja perto da praia.

De repente, paramos de nos movimentar.

Bob se inclina e dá um beijo na minha mãe.

Meu eu bebê observa o beijo do Bob e da minha mãe — e sorri.

Bom, sei que não poderia me lembrar desse momento, já que tinha apenas alguns meses de idade quando meu pai foi embora, e ele não devia estar muito apaixonado pela minha mãe antes de nos abandonar — afinal, por que iria embora se os dois estivessem realmente apaixonados?

Então será que inventei essa lembrança?

Não importa. Ainda assim, é o meu segundo melhor momento.

De volta ao presente, enquanto tentava me lembrar, enquanto limpava o vômito, BBB ficou escondido em um dos bancos traseiros, porque passei o tempo todo chorando, e isso o assusta.

Quando termino, estou fedendo a vômito. Como não há pia nem nada por aqui, vou feder a vômito a noite inteira, a não ser que me lave com a neve suja e preta do estacionamento, o que vai me deixar fedendo a gasolina e escapamento. Não tenho nem uma garrafa de água hoje. Nada.

Quando saio do ônibus para jogar as toalhas sujas no bosque, BBB me segue e começa a pular, como de costume. Não aguento isso agora.

— Pare de pular! — berro.

Ele para.

Olha para mim com as orelhinhas apontadas para cima — como se eu tivesse batido nele, ou coisa do tipo.

Então começa a ganir, como se também estivesse chorando.

Jogo as toalhas sujas por cima da cerca, em direção ao bosque, eliminando a bagunça que minha mãe fez, pego BBB e dou um beijo no focinho dele.

— Estou com medo, BBB. Estou com medo. Não posso continuar assim.

— Au! — concorda ele, antes de voltarmos para perto da minha mãe.

— Tenho que ir — diz ela, exalando fumaça mentolada.

— Aonde?

— Vou buscar remédio para o estômago.

— Onde?

— Na farmácia.

— Na farmácia popular?

— É.

— Vou com você — decido. — Está tarde.

— Você tem aula amanhã. Vou ficar bem.

— Mãe. Você vai comprar mais vodca? Pode me contar a verdade. Não vou tentar impedir. Só quero saber a verdade.

— Vou até a farmácia. — Ela não me encara. — Só preciso de um sal de frutas. Volto daqui a alguns minutos. Vá dormir — responde, antes de se afastar de mim, cambaleando um pouco.

Sei que deveria impedi-la, segui-la para garantir que fique bem, mas

só tenho dezessete anos — ainda sou uma menina, uma garota boba e confusa. Isso não é novidade, e não tenho mais energia. Já estou sem forças, então volto para o ônibus e choro até dormir, sem nem rezar antes. Foi mal, JC.

CAPÍTULO

12

Quando acordo, as luzes da rua estão apagadas.

— Mãe? — chamo.

Silêncio.

— Mãe?

De alguma forma, sei que ela sumiu.

Meu coração dispara.

Eu me levanto.

Lentamente, enquanto meus olhos se ajustam à escuridão, tateio todos os bancos do ônibus, sem parar de chamar:

— Mãe? Mãe? Mãe? Mãe?

BBB fareja o chão do ônibus inteiro.

Minha mãe não está aqui.

Sei que já passou das onze, porque os postes de luz estão desligados, mas não faço ideia de que horas sejam. Minha mãe passa o tempo todo em bares, mas, por alguma razão, tenho a sensação muito ruim de que algo horrível aconteceu. Não sei explicar — eu simplesmente sei, ou talvez sinta dentro de mim.

— Vamos, Triplo B — chamo.

Saímos do ônibus.

Sei que minha mãe pode ter ido para dois lugares: o Charlie's Pad, um bar nos limites da cidade, logo no início da periferia, ou a loja de bebidas ao lado da igreja do Padre Chee, onde são vendidas garrafas plásticas grandes e muito baratas de vodca — custam menos da metade do preço cobrado em Childress, bairro onde moramos, e a loja ainda fica aberta até mais tarde.

Não estou raciocinando bem, confesso. Só sei que algo ruim pode ter acontecido com a minha mãe, então estou meio que no piloto automático, e ando depressa.

Passo direto pela casa do Soldado Jackson, ando mais algumas quadras e chego ao Charlie's Pad. Tento abrir a porta de metal. A placa de neon atrás das janelas altas — cobertas com uma grade para evitar roubos — está desligada e a porta, trancada.

— Ei! — grito. — Tem alguém aí?

Ninguém responde.

— Ei, tem alguém aí? Mãe? Mãe?

— Cala a boca, sua vagabunda! — berra alguém, mas, quando me viro, não vejo nada.

Não vejo ninguém nas ruas.

Apenas o lixo voando ao vento.

Se o bar está fechado, já deve ter passado muito da meia-noite, disso eu sei. E, como o bar está fechado, a loja de bebidas com certeza também está, mas, por alguma razão besta, BBB e eu começamos a andar até lá super-rápido, como se fôssemos encontrar minha mãe.

Estou desesperada.

Estou um pouco desorientada hoje.

Estou sozinha.

Estou com medo.

Sou uma idiota.

Passo por um mendigo com barba enorme e cara de maluco, que joga uma lata de cerveja em mim e grita:

— Pegue um gato pelo rabo até dar a volta e se afogar! Pegue um gato pelo rabo...

BBB e eu começamos a correr.

O vento gelado corta meu rosto.

Ouço alarmes de carros disparando ao longe.

Quando chego, a loja de bebidas está fechada, há correntes nas portas. Não há ninguém por perto.

Por alguma razão idiota, esmurro as portas, gritando "Mãe". Depois, bato nas portas da Igreja Católica Coreana e chamo o Padre Chee, que mora no andar de cima. Mas nenhuma luz se acende.

Então me lembro de onde estou e de que horas são.

Começo a ficar com muito medo, ainda mais quando vejo um carro velho com rodas cromadas, janelas escuras, som alto e luzes neon rosadas que fazem o asfalto abaixo dele brilhar. O veículo encosta na calçada e vem bem na minha direção.

Começo a descer a rua, voltando para a cidade de Childress.

O carro me segue, andando na mesma velocidade que eu.

Continua me seguindo por uma quadra inteira, tocando rap no último volume. Então eu e BBB começamos a correr.

Quando chego na metade da outra quadra, o carro acelera, vira a esquina cantando pneu e me encurrala em uma esquina.

A porta se abre e sai um homem branco, com cara de durão, cabelo louro e espetado e várias correntes douradas no pescoço.

— Cadê o incêndio? Aonde você vai com tanta pressa, menininha? — pergunta, sorrindo para mim.

Está usando um conjunto de moletom branco e largo.

Como estou cansada, confusa e preocupada, começo a chorar de novo — como uma idiota.

— Não chore. Está tudo bem — diz ele, dando um passo na minha direção, andando muito devagar. — O que houve?

BBB late para o homem, cético. Assim como a srta. Jenny, Triplo B é

bom em julgar as pessoas. No entanto, por alguma razão, quero acreditar que o cara não é mau — que talvez seja JC me mandando ajuda.

Para ser sincera, o homem é até bonito e tem uma aparência quase inocente — como Billy Budd.

— Estou tentando encontrar a minha mãe — digo, porque é a verdade e estou muito cansada.

— Entre. Vou ajudar você a encontrar sua mãe — sugere ele. — Você é muito bonita, sabia?

Quando ele diz que sou bonita, algo em meu estômago começa a se revirar. O homem começa a se parecer mais com Claggart do que com Billy Budd.

— Eu acho que vou andando. Mas obrigada pela oferta.

— Coisas ruins acontecem com meninas como você quando saem de casa no meio da noite — avisa ele. — Você devia vir comigo.

— Amber! — grita uma voz.

Eu me viro e vejo Padre Chee de chinelos correndo na minha direção no meio da noite fria. Ele está só com o pijama preto, o que meio que o faz parecer um ninja doido, ou coisa do tipo.

— E quem é você? — pergunta o louro, quando PC chega. — Jackie Chan?

— Venha, Amber — diz Padre Chee, pegando minha mão.

— Ele é seu cafetão, ou alguma coisa assim?

— É o meu padre — respondo.

— Bom, então fica para a próxima — diz o louro, sorrindo de um jeito estranho, dando risadinhas.

Ele entra no carro e vai embora.

— Venha — chama Padre Chee.

E aí meio que corremos até a Igreja Católica Coreana.

— Pode me dizer o que está fazendo aqui à noite? — pergunta PC, quando já estamos dentro da igreja e com as portas trancadas.

Estou preocupada com a minha mãe, então falo tudo.

Enquanto conto a ele tudo sobre minha mãe, que moramos no ônibus escolar e que ela não voltou para casa hoje, a adrenalina baixa, e começo a ficar seriamente nervosa, chateada e preocupada.

Minha voz fica baixinha e começo a choramingar, o que me faz sentir que nunca vou ser corajosa e forte como Donna — que nunca vou entrar para a Bryn Mawr.

Quando termino a história, estou chorando de novo, então PC me dá um abraço paternal e tapinhas suaves nas costas, o que é muito legal da parte dele. PC é um bom homem.

— É melhor ligar para a polícia para começarem a procurar a sua mãe — diz Padre Chee.

— O senhor acha que eu deveria primeiro consultar a minha

advogada? — pergunto.

— Você tem uma advogada?

Então conto a PC sobre Donna e, depois que ele põe o terno de pinguim, nós a acordamos com uma ligação feita do orelhão da igreja.

Pegamos um táxi até a casa de Ricky, onde conto a Donna toda a história, enquanto Padre Chee faz café.

Dá para notar que Donna está brava comigo por nunca ter contado como as coisas iam mal com minha mãe e que estávamos morando no ônibus escolar havia meses, porque ela repete, bem alto:

— *Meses?*

Quando faço que sim com a cabeça, ela me pergunta por que não contei antes, então começo a chorar de novo, porque sou muito fraca e burra — apesar de estar meio irritada por ela não ter percebido antes. *Por que mais eu precisaria tomar banho na casa dela toda manhã?*

Padre Chee serve o café, e Donna faz algumas ligações.

Eu a ouço conversar com a polícia e depois com um cara que é meio que um detetive particular.

— Dinheiro não é problema. — ouço Donna dizer em determinado momento.

A jovem assistente de Donna aparece sem maquiagem e sem o cabelo arrumado, o que a faz parecer menos intimidante.

— Você vai receber um aumento — diz Donna para Jessica.

Jessica se vira para mim.

— Você está bem?

Dá para ver que sua preocupação é genuína. Eu me lembro de pensar no quanto odiava Jessica, então começo a chorar ainda mais, porque sou mesmo uma criancinha.

— Se a gente não voltar, não diga nada ao Ricky quando ele acordar — pede Donna a Jessica. — Diga a ele que tive que ir para o tribunal cedo, deixe ele comer o que quiser no café da manhã e o leve para a escola. Ah, e dê uma lata de comida para o cachorro e depois o deixe solto. Está bem?

Jessica faz que sim com a cabeça. Então PC, Donna e eu entramos na Mercedes e vamos para o Amarelão.

Chamamos minha mãe e, usando lanternas, fazemos uma busca pelo estacionamento.

Minha mãe não está no estacionamento.

Minha mãe não está no ônibus.

— Pegue as suas coisas — pede Donna.

Tiro os sacos de lixo do porta-malas, e Padre Chee os leva para o carro de Donna.

— Para onde mais ela pode ter ido?

— Será que está com algum cara? — pergunto, esperançosa, porque essa possibilidade é melhor do que qualquer outra em que eu consiga

pensar. — Ela estava sempre tentando encontrar um cara com um apartamento, para a gente ter uma casa.

— Ela alguma vez deixou você sozinha durante a noite toda? — pergunta Donna.

— Não — respondo, mas depois sinto que não é hora de mentir. — Bom, não com frequência. Às vezes. Mas hoje é diferente. Estou sentindo que alguma coisa muito ruim aconteceu. Eu meio que sei, só não sei como. Você precisa confiar em mim. É sério, Donna, estou com muito medo.

— Está bem — responde Donna, e posso ver em seus olhos que ela está preocupada.

Isso é ruim. Muito ruim. Terrivelmente ruim.

Nós três dirigimos sem rumo, procurando minha mãe. Atravessamos a periferia, com as principais ruas de Childress passando pela janela do passageiro. Vamos a todos os bares e lojas de bebidas que conseguimos lembrar e voltamos para o estacionamento, bem na hora que os ônibus escolares saem para pegar as crianças.

O chefe da minha mãe confirma que ela não apareceu para trabalhar, e todos os outros motoristas dizem que não a viram. Ela também não ligou avisando que estava doente.

Começo a sentir que estou muito sozinha no mundo.

Quando voltamos à casa de Donna, Ricky já saiu, e BBB destruiu o braço do sofá de couro.

Quando volta, depois de deixar Ricky na escola, Jessica pede desculpas pela bagunça.

— A culpa foi minha. — diz Donna. — Eu devia ter pedido para você prender Bobby Big Boy sempre que saísse de casa.

Apesar de Donna não dizer nada sobre o fato de o meu cachorro ter destruído um móvel caro, ver os estragos me faz chorar mais uma vez, não sei por quê.

Estou muito cansada.

Depois de algumas ligações, Donna convence a polícia a pegar meu depoimento. Ela deixa Padre Chee no comando, e as advogadas tomam banho, se vestem e se aprontam para ir ao tribunal, para dar prosseguimento ao julgamento do caso de assassinato.

Padre Chee apenas se senta ao meu lado, no sofá de couro que BBB rasgou, e nos revezamos para fazer carinho em Triplo B.

PC não diz nenhuma bobagem, como a maioria dos adultos faria. Só fica sentado ao meu lado, e sou grata por isso.

Logo depois que Donna e Jessica vão embora, dois gentis policiais uniformizados chegam e fazem um monte de perguntas sobre minha mãe, onde estávamos morando, o problema da minha mãe com a bebida e a longa lista de ex-namorados dela — que descrevo com grandes detalhes, enquanto os guardas anotam tudo.

Donna me pediu para contar a verdade, então conto.

Dou as mesmas respostas para o detetive particular que Donna contratou, que aparece segundos depois que a polícia vai embora. É um homem nervoso, com um enorme bigode amarelado e cicatrizes de espinhas pelo rosto. Ele também anota as respostas — todos os segredos que eu guardava havia meses.

É quase meio-dia quando terminamos, o que significa que, tirando o tempo que dormi no ônibus, que foi mais ou menos uma hora, estou acordada há trinta e poucas horas.

— Você está bem? — pergunta Padre Chee.

— Estou muito cansada — respondo.

E, porque preciso muito, me aconchego no meu Homem de Deus, apoiando a cabeça no ombro dele, e choro mais um pouco.

De alguma forma, consigo cair no sono.

TRÊS

Vomite e chore

CAPÍTULO

13

Levam nove dias para encontrar o corpo da minha mãe, mas, quando isso acontece, a história vira a principal notícia de todos os canais de televisão e é manchete em todos os jornais locais, ainda mais porque a morte dela logo é ligada aos outros estupros seguidos de assassinato que vinham acontecendo na região. Tenho certeza de que dá para saber de todos os detalhes nojentos, surreais e sádicos, os tipos de detalhe que acabam com a infância de alguém. Não vou listá-los aqui, não quero dar aos fatos mais concretude do que eles já têm.

Estou muito anestesiada no momento.

Talvez o bastante para virar uma niilista oficial, como Joan das Antigas.

Para algumas coisas não há explicação — nem motivo. Então, quando elas acontecem, não há nada sobre o que conversar. E é melhor não pensar nelas por muito tempo porque, se pensarmos, acabamos descobrindo que a vida não tem sentido.

Talvez você ache que só estou dizendo isso porque estou em negação ou em choque, mas não é o caso. Estou sendo sincera, talvez pela primeira vez na vida.

* * *

Vou com Padre Chee e Donna identificar o corpo, apesar de Donna ter dito que não seria necessário.

Por alguma razão, preciso ver.

Insisto.

Importuno a todos.

Talvez eu queira ver só para não passar o resto da vida na dúvida — como acontece com meu pai. E, por mais egoísta que possa parecer, saber que minha mãe está mesmo morta é melhor do que pensar que ela pode estar por aí, que me abandonou para tentar viver uma vida mais fácil, sem uma filha chata com quem se preocupar.

Vou até o necrotério.

Vejo os fatos.

É pior do que tudo que eu poderia ter imaginado.

Meus gritos impedem que mais do que a cabeça e os ombros da

minha mãe sejam revelados.

Não quero ver mais nada.

Desabo.

Derreto.

Evaporo.

Eles cobrem o que sobrou da minha mãe, nua, com um lençol e a empurram para dentro de uma parede, e é aí que percebo que ela está em um tipo de freezer.

Não falo por três dias.

Fico sentada.

Encaro.

Vejo o corpo nu da minha mãe em um freezer escuro.

Às vezes, tremo.

Parece que estou em um pesadelo constante.

Donna me traz sopa, biscoitos e torrada — e cuida das necessidades de BBB.

A meu pedido, Donna paga para minha mãe ser cremada.

Fogo. Calor. É melhor assim.

Prometo pagar de volta, mas ela diz que não é necessário.

No dia seguinte, a meu pedido, Padre Chee faz uma cerimônia reservada no banco em que minha mãe e eu nos sentávamos para alimentar os patos.

BBB é o único convidado para a cerimônia, porque aquele lugar especial da minha infância é só meu — é o que me restou, não quero dividi-lo com ninguém além de PC e meu cachorro. Nem mesmo Donna e Ricky são convidados.

Padre Chee faz um bom trabalho ao elogiar minha mãe, ainda mais porque nunca a conheceu. Ele fala que minha mãe vai para o céu e que eu vou vê-la de novo, o que é bem legal, ainda mais porque ela nunca foi batizada nem crismou — e tenho quase certeza de que nunca se confessou —, então sei que PC deveria dizer que ela vai para o inferno e tal.

Isso deve ter irritado o papa.

Não me importo nem um pouco.

Padre Chee diz que também não se importa.

Não vou contar exatamente o que PC disse no velório da minha mãe, mas foi lindo — tão lindo quanto o melhor haicai do Soldado Jackson, o que é um elogio e tanto. Sério.

Jogamos as cinzas da minha mãe na água e as espalhamos também na grama em volta do banco — e rezo para que flores nasçam ali, na primavera, o que é um desejo meio bobo e infantil, mas também é algo bom de se pensar.

CAPÍTULO

Donna me acolhe, compra uma cama para mim, me dá um quarto e começa a resolver as questões legais para se tornar minha guardiã. É meio complicado, porque ninguém sabe se meu pai está vivo ou onde poderia estar — e não tenho contato com nenhum parente, já que minha mãe saiu de casa, bem longe daqui, quando ainda era menina. Ela veio para cá de carona aos treze anos e nunca me contou nada sobre os pais — ela os odiava, e se recusava até mesmo a dizer seus nomes. Não sei nem qual era o nome de solteira dela.

Donna diz que conhece gente suficiente para me manter fora do sistema de adoção pelo menos até eu fazer dezoito anos, contanto que eu declare para um juiz que quero ficar com ela e Ricky, o que é a minha vontade.

* * *

A polícia prende um homem de cabelo estranho e óculos marrons enormes.

Tenho certeza de que você leu tudo sobre ele nos jornais ou o viu na TV.

O rosto dele está em todos os cantos.

Ele fica famoso.

Ele admite o que fez, mas seu advogado enfatiza que a coisa toda foi aleatória, que na verdade foi um acidente, porque o assassino da minha mãe parou de tomar seus remédios, mas que agora já voltou, como se isso tivesse alguma importância para alguém.

O promotor entra em contato comigo e com as famílias das outras vítimas e diz que sou obrigada a testemunhar, o que odeio fazer, apesar da ajuda de Donna — não vou nem contar sobre o julgamento, porque vai ser horrível demais.

O assassino da minha mãe menciona meu nome sempre que fala com a imprensa.

Através da mídia, ele pede desculpas para todos os familiares de suas vítimas, mas o único nome que realmente o ouço dizer é Amber Appleton.

Ele fala que está doente.

Que merece a pena que receber — a voz mecânica e insensível me dá arrepios.

Ele tem uma longa ficha criminal.

Já é fichado por crimes sexuais.

Olhar nos olhos dele leva qualquer um a crer que a vida pode não ter sentido algum.

Ele é igual a todo e qualquer homem que faz os outros desaparecerem de maneiras horríveis e inimagináveis.

Ele me faz lembrar de uma citação de Nietzsche que encontrei enquanto pesquisava para a batalha com Joan das Antigas: "Um passeio casual por um manicômio revela que a fé não prova nada."

Donna me diz que aquele homem vai passar o resto da vida na cadeia, e que será punido de muitas maneiras horríveis, diversas vezes, pelos outros prisioneiros. Respondo que não ligo para nada daquilo. Na verdade, nunca mais quero falar sobre aquele cara e não dou a mínima para o que vai acontecer com ele.

CAPÍTULO

15

Não volto para a escola.

Perco sete quilos.

Estou sempre com frio.

Estou sempre apreensiva. Qualquer barulhinho me dá um susto terrível.

Donna tenta me levar a um terapeuta, mas me recuso a ir.

* * *

Não tenho mais paciência para a besteirada autista de Ricky e grito muito com ele — até que ele acaba entendendo o recado e me deixa ficar sozinha no quarto.

* * *

Decido deixar de ser Amber Appleton, o que não significa que mudo de nome, nem nada do tipo. Apenas decido que não posso continuar vivendo como antes: correndo riscos, acreditando que meus planos vão dar certo, que vale a pena lutar por tudo e que sou corajosa e forte o bastante para mudar minha realidade, porque não sou e não posso.

Joan das Antigas estava certa.

Agora entendo a velha e tudo o que ela disse sobre a vida ser um inferno que eu só estava começando a viver. De repente, isso faz sentido.

CAPÍTULO

16

Não sou mais uma criança.

CAPÍTULO

17

Ty, Jared e Chad vão à casa de Donna e — no meu quarto novo — falam um monte de bobagens.

Primeiro, dizem que sentem muito e perguntam o que podem fazer por mim. Como não respondo, ficam meio desconfortáveis e começam a falar sobre as últimas partidas de Halo 3 que jogaram no Covil do Franks; contam também que estão organizando um torneio de videogame que terá vinte e quatro horas de duração para ajudar a equipe de futebol americano a arrecadar dinheiro para comprar novos protetores, capacetes e outros equipamentos.

Isso parece importante para eles.

Tempos atrás, a notícia teria me irritado, porque Lex e seus amigos obviamente estão usando meus meninos — mas, enquanto escuto Ty, Jared e Chad falarem sem parar, não consigo nem mesmo dar de ombros.

Só encaro meus meninos com o que imagino ser um olhar muito apático até eles irem embora.

Naquela noite, digo a Donna que não quero mais ver Ty, Jared e Chad — mas ela não atende ao meu pedido.

CAPÍTULO

18

Padre Chee passa na casa de Donna para me ver toda manhã — mesmo aos domingos, antes de rezar a missa.

Ele nunca deixa de aparecer.

Quando estou acordada, ele pergunta se quero conversar.

Passo semanas sem conversar, então PC apenas se senta ao meu lado por uma hora e a gente meio que respira junto.

Ficamos sentamos na ponta da cama respirando e ocupando o mesmo espaço. Tudo bem por mim, porque gosto muito do meu Homem de Deus, apesar de estar bem irritada com o próprio Deus.

Quando não estou acordada, quando finjo estar dormindo ou quando apenas fico lá, deitada, como sempre, encarando o teto, Padre Chee se ajoelha ao lado da minha cama e baixa a cabeça.

Pergunto o que está fazendo e PC responde que está me levando até Deus e pedindo que Ele me ajude a ser quem quer que eu precise ser nesse momento da vida.

Ele vem todos os dias, e isso não me incomoda.

CAPÍTULO

19

Franks me manda um cartão que diz:

> Cara Amber,
> Ficamos muito abalados com a notícia.
> Estarei sempre aqui, se você precisar de mim.
> Sentimos sua falta no Covil do Franks.
> Estou rezando por você e espero ansioso o seu retorno
> Fique bem,
> Franks.

Jogo o cartão fora.

Jogo fora todas as flores e todos os cartões enviados pelos meus colegas ou por membros da comunidade.

Nem mesmo cheiro ou abro qualquer coisa que chega a mim.

Não quero que nenhum desses arranjos de flores e cartões de solidariedade exista, então peço a Donna para queimar tudo, mas nunca vejo fumaça subindo pela janela, então acho que ela não está atendendo ao meu pedido.

CAPÍTULO

20

Uma daquelas mães meio zumbis necessitadas de uma grana extra começa a me “dar aulas”, já que não estou frequentando a escola.

Ela é gorda.

Tem cheiro de naftalina.

Nunca dá gargalhadas, sorri ou conta piadas.

Ela me lembra um robô coberto de carne.

Seu nome é sra. Redman.

Meus professores de verdade entregam para ela os trabalhos que devo fazer. No começo, o material vem com pequenos bilhetes escritos à mão — palavras de incentivo dos professores —, mas os recadinhos desaparecem depois de algumas semanas. É aí que percebo que desistiram de mim. Não demorou muito.

Como ainda quero ir para a Bryn Mawr, faço todos os trabalhos e mostro tudo à sra. Redman três vezes por semana, quando ela vem me visitar.

Ela sempre me dá dez, mesmo quando respondo errado de propósito.

Acho que tem medo de mim, ou coisa do tipo.

CAPÍTULO

21

— Padre Chee?

— Diga, Amber.

— Por que Deus permite que os homens fiquem loucos?

— Não sei.

— Você nunca vai mentir para mim, vai?

— Não.

— Promete? Promete que não vai mentir para mim, como todo mundo? Que não vai me dizer um monte de besteiras?

— Prometo. Nunca vou mentir para você.

CAPÍTULO

22

Príncipe Tony me liga de vez em quando, mas não presto muita atenção ao que ele diz. Não passa de um bando de lenga-lenga sobre as estações da vida, a maré, o fluxo e todo aquele blá-blá-blá que os adultos falam quando não sabem o que dizer.

— Está entendendo? — pergunta ele, ao fim de cada conversa.

E sempre respondo que sim.

CAPÍTULO

23

— Padre Chee?

— Diga, Amber.

— Por que os cachorros são mais humanos do que os humanos?

— Não sei.

CAPÍTULO

24

Mais ou menos na mesma época em que o nome de minha mãe começa a aparecer no noticiário, o Soldado Jackson passa a me mandar um haicai por dia, pelo correio.

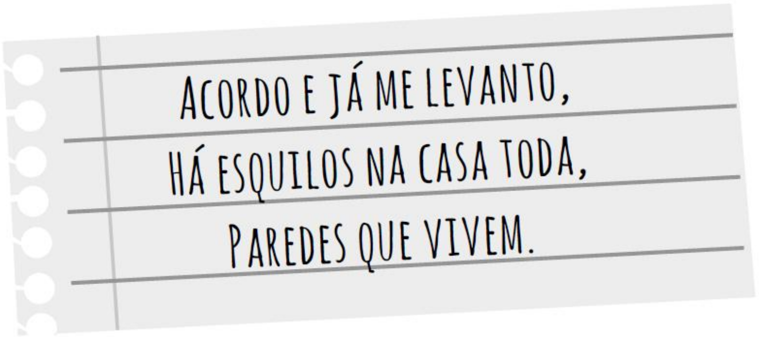
Ele não escreve uma carta dizendo que sente muito pela minha perda, não pergunta como estou nem faz qualquer dessas idiotices que não servem para nada. Só me manda poemas. E seus haicais não são feitos para me inspirar, fazer com que eu me sinta melhor ou me ajudar a lidar com a perda. Ele apenas descreve coisas simples — uma folha, a tampa de uma garrafa, um floco de neve, uma ave alçando voo, uma formiga, um respiro. E, quando leio esses haicais, meio que viajo nas ideias, que nunca são boas ou ruins, felizes ou tristes, animadoras ou entediantes.

Elas apenas são.

Começo a ficar muito ansiosa para ler os haicais do SJ, e o momento em que vou pegar a correspondência é o único em que saio do quarto novo, a não ser quando vou ao banheiro.

Cubro as quatro paredes com os haicais do Soldado Jackson — uma página por dia —, e aos poucos transformo meu quarto em um casulo de poesia.

Este foi o primeiro haicai que ele me mandou:



No começo, li o poema milhões de vezes, tentando descobrir se o Soldado Jackson estava tentando se comunicar comigo através de metáforas.

Quebrei a cabeça com todo tipo de interpretação.

Talvez fosse uma metáfora para a loucura, para o caos que eu estava vivendo, meio que escondido no meu peito e na minha cabeça, mas real.

Já fazia dias que eu estava no meu quarto novo.

Talvez fosse uma metáfora para a loucura do homem que matou minha mãe.

Talvez SJ estivesse dizendo que eu precisava acordar e ver que as coisas ainda estavam vivas e se movendo à minha volta, apesar de minha mãe ter partido e de eu me sentir muito sozinha.

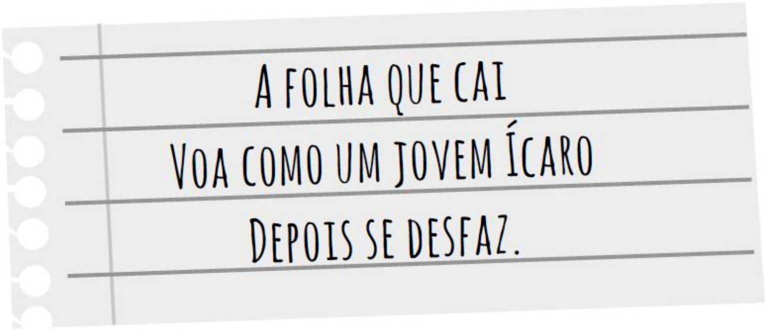
Será que ele queria dizer alguma outra coisa, e eu era burra demais para entender?

Então me lembrei do que o Soldado Jackson defendia, de como vivia — todas aquelas coisas zen. Na mesma hora entendi que SJ tinha acordado no meio da noite e ouvido esquilos andando pelas paredes do quarto, tirado uma fotografia mental do momento e escrito um haicai para mim. Só isso.

O momento apenas era — livre de emoções, julgamentos e de qualquer outra ilusão com que nós, humanos, sentimos a necessidade de associar a tudo que vivemos.

Ao ler os haicais do Soldado Jackson, depois do assassinato da minha mãe, finalmente entendi por que ele os escreve há tanto tempo, desde o Vietnã. Está treinando a mente para permitir que as coisas existam sem toda a bagagem emocional complexa que as acompanha.

Tudo simplesmente é — sempre e para sempre.



Agora entendo os haicais perfeitamente. Sério.

E o Soldado Jackson é meu escritor favorito.

CAPÍTULO

25

— Padre Chee?

— Diga, Amber.

— Por que Deus permite que coisas horríveis aconteçam com pessoas boas?

— Não sei.

CAPÍTULO

26

Em um dia qualquer, ouço milhões de vezes seguidas a música “Puke and Cry”, que significa “Vomite e chore”, do Dinosaur Jr. Programo o iPod de Donna para repetir a música *ad infinitum* e a ouço por horas e horas — e me deixo levar.

Finjo que o vocalista — J Mascis — está lá embaixo, na sala de Donna, cantando a música para mim. Mascis — que tem cabelo comprido e grisalho, porque agora está velho — canta sem parar. *Come on down, come on down, come on down*, como se ele realmente quisesse que eu descesse e saísse do pequeno casulo de haicais e tristeza.

Não desço as escadas, mas gosto de fingir que há um rockstar obscuro que quer que eu desça.

A bateria finalmente acaba e, quando tiro os fones, meus ouvidos estão zumbindo, J Mascis sumiu e Donna está me chamando, perguntando se quero sopa.

CAPÍTULO

27

— Padre Chee?

— Diga, Amber.

— Quando vai parar de doer tanto?

— Não sei.

CAPÍTULO

Fervo e bebo chá,
Jenny agora rola,
No chá de amanhã

CAPÍTULO

29

Depois de mais ou menos um mês, o Velho Linder me faz uma visita em nome da Casa de Repouso Metodista.

Donna entra no quarto e diz que terei que descer, porque ele não conseguirá subir as escadas. O caso de assassinato em que ela trabalhava foi encerrado há mais ou menos uma semana atrás, e Donna tirou folga para cuidar de mim — coisa que pedi que ela não fizesse. Agora fica me paparicando, apesar de eu mal falar com ela.

— Só desço uma vez por dia, para pegar a correspondência — informo a ela. — Diga para o Velho Linder que ele vai ter que subir aqui, se quiser falar comigo.

— O homem tem tubos no nariz presos a um cilindro de oxi...

— É, eu sei quem ele é — respondo, agindo como uma perfeita idiota.

— Ele não pode subir escadas. Disse que isso pode matá-lo, mas quer muito falar com você, Amber. Acho que ele não sai muito da casa de repouso. Por favor, desça. Ele é idoso, e acho que pode ser bom para você...

— Não. Diga que ele pode voltar amanhã, mais ou menos à uma e quinze, quando eu for pegar a correspondência. Só vou descer nessa hora.

— Amber, o que está acontecendo com você? — pergunta Donna de um jeito muito dramático, o que me irrita.

Como não respondo, ela sai.

Dez minutos depois, Donna volta e me entrega uma xícara de chocolate quente e uma barra de Snickers. Depois balança a cabeça e sai do meu casulo de poesia.

Ouço o Velho Linder ofegante nas escadas.

Um passo, uma batida, respiração pesada.

Um passo, uma batida, respiração pesada.

Um passo, uma batida, respiração pesada.

O cilindro de oxigênio faz um barulho horrível cada vez que ele o apoia no degrau seguinte.

— Sr. Linder — diz Donna. — Talvez... O senhor não devesse...

— Não me diga o que eu posso ou não posso fazer! Tenho idade para ser seu avô, ora bolas! — responde o Velho Linder, antes de tomar fôlego mais uma vez, ofegante, como se tivesse passado as últimas duas horas embaixo d’água, ou coisa do tipo.

O Velho Linder e Donna passam mais alguns minutos discutindo se ele deveria subir as escadas, até que grito:

— Donna, fazer o cara berrar não vai ajudar em nada!

Então ouço apenas os passos, o barulho do cilindro e a respiração arquejante.

Quando o Velho Linder chega ao topo das escadas, está com cara de quem vai cair para trás e morrer. Seu rosto está branco como o de um fantasma, o que faz com que eu me sinta uma idiota, então vou até o corredor, pego-o pelo braço e o levo para o quarto.

Quando ele aperta meus ombros, como um treinador de futebol incentivando os jogadores, percebo que está tudo bem e que provavelmente não vai morrer na minha frente.

Ele aponta para o chocolate quente e a barra de Snickers que deixei sobre a cômoda.

— A Porteira Lucy mandou para você.

Faço que sim com a cabeça.

— Como você está? — pergunta ele, antes de se sentar na cadeira de madeira, que combina com a escrivaninha que Donna comprou para mim.

Dou de ombros.

Vejo que os tubos transparentes estão meio embaçados e me pergunto se isso é ruim.

— O que são todos esses papéis na parede?

— Haicais.

— *Hai* o quê?

— Poemas curtos japoneses.

— Você sabe japonês? — pergunta ele.

— Foram escritos na nossa língua — explico.

— Por você?

— Não, pelo Soldado Jackson.

— Quem é o Soldado Jackson?

— Ele lutou no Vietnã, muito tempo atrás. Agora escreve haicais. É o meu poeta favorito.

— Não vou nem tocar naquele assunto, garota — diz o Velho Linder, ajustando o registro do cilindro de oxigênio, que sibila. — Sei que você sofreu uma perda horrível, cruel e sem sentido, não vou nem tentar fingir que sei como se sente. Mas posso dizer que sou velho o bastante para saber que a vida dá umas baitas porradas na gente antes de nos levar a nocaute e que, cada vez que somos derrubados, temos que nos segurar nas cordas do ringue e...

— Por favor, não — peço. — Por favor.

Ele parece confuso.

Está esfregando as mãos.

Está tão ultrapassado...

Está tão fora de forma.

— Eu tinha dezenove anos quando perdi meu melhor amigo na Segunda Guerra Mundial. Nunca voltei a ser...

— Por favor, pare.

Ele acata o pedido e sorri, compreensivo.

— Sentimos a sua falta na casa de repouso — diz o Velho Linder. — Joan das Antigas quer uma nova batalha. Ainda está contestando a última. Disse que o beijo foi uma violação das malditas regras. Não que o Velho Thompson vá concordar com ela algum dia. — Ele dá uma risada forçada. — E algumas hóspedes mais antigas se deixaram influenciar e deram razão a ela. Se não fizermos algum anúncio depressa, os fãs vão pensar...

— Era só um jogo idiota. Não era verdade.

— Todos na casa de repouso ficam ansiosos esperando pelas batalhas de quarta-feira à tarde e...

— Eu me aposentei. A Joan das Antigas pode ficar com o título por W.O.

— W.O.? Você se aposentou? *Está de brincadeira?* Você nem chegou ao auge, e...

— Cansei de fazer os velhinhos rirem. Chega.

Ele para por um instante, tentando encontrar o que dizer.

— Amber — diz o Velho Linder, baixinho.

Quando olho nos olhos dele, vejo que estão marejados, e percebo que ele me ama como se eu fosse sua neta. Mas não posso mais participar daquele jogo só por ele, então desvio o olhar.

— A vida continua — diz ele. — Não importa se escolhemos aproveitá-la ou não. Então é melhor você achar um jeito de aproveitar as partes que pode. Não dá para simplesmente desistir de viver, Amber.

— Por que não? Todo mundo faz isso. Todo mundo. Por que *você* não vai lá na próxima quarta-feira e conta piadas? Por que vocês não enfrentam a Joan das Antigas sozinhos? Estou de saco cheio de carregar todos nas costas. Não consigo mais fazer isso. Não posso ser a Princesa da Esperança para vocês, porque não tenho mais esperança! Você não leu os jornais? Não se lembra do que aconteceu com minha mãe? Como alguém pode ter esperança depois de uma coisa dessas? Mas, mesmo assim, querem que eu saia dessa e continue a viver só por vocês? Que faça vocês rirem uma vez por semana? Que fique bem para poder participar de um jogo idiota com um bando de velhos toda quarta-feira à tarde? Para quê? E por que eu deveria fazer isso?

E então desabo, aos prantos.

Soluço por vários minutos.

— Eu não devia ter vindo — diz ele. — Só estava tentando...

— É melhor o senhor ir embora, está bem? — grito.

O Velho Linder demora muito para se levantar, e, pelo barulho que está fazendo, acho que também está chorando — o que faz com que eu me sinta ainda pior, mas não tento impedi-lo nem digo que lamento muito.

Só quero que ele vá embora.

Não posso mais ser o que ele precisa que eu seja.

Na verdade, nunca fui o que ele queria que eu fosse — era tudo uma mentira.

Durante os minutos seguintes, eu o ouço descer a escada, um degrau de cada vez, fazendo barulho ao apoiar o cilindro de oxigênio, a respiração frenética.

Ouço Donna se desculpar por mim, no andar de baixo, e o Velho Linder repetir que não deveria ter vindo. É quando percebo que derrubei o cara: que dei um chute metafórico no saco dele e acabei com o pouco de esperança que o coitado tinha. É muito fácil derrubar homens como ele. Tenho pena do Velho Linder. Como ele conseguiu chegar à velhice?

Depois que ouço a porta da frente se abrir e fechar, Donna sobe até o quarto.

— Você devia ter vergonha — diz Donna. — Você não é assim, Amber. É melhor do que isso.

— Vá à merda — respondo, ainda soluçando, o que me deixa chocada.

Donna olha para mim por um ou dois segundos, como se eu tivesse dado um tapa na cara dela. Seu lábio inferior começa a tremer — algo que nunca achei que fosse possível.

Vejo uma lágrima descer por sua bochecha, antes de ela sair do quarto.

“Então até a poderosa Donna pode ser derrubada”, penso.

CAPÍTULO

Escrevendo haicais.
Um depois do outro, sem parar.
Vivendo o presente

CAPÍTULO

31

— Padre Chee?

— Amber?

— Então: o homem é apenas um erro de Deus ou Deus é um erro do homem?

— Você agora cita Nietzsche?

— Você conhece a obra dele?

— Conheço.

— Ler Nietzsche já fez você duvidar da sua fé?

— Já.

— Mas você ainda acredita em Deus?

— Acredito.

— Como você consegue continuar acreditando?

— Tenho fé.

— Por quê?

— Por quê? Porque, quando eu estava aflito e pedi ajuda a Ele, Deus me mandou uma menina esperançosa e cheia de vida que conseguiu convencer um grupo de coreanas tímidas a cantar músicas das Supremes e transformou mulheres comuns em divas, dobrando o número de fiéis da igreja. Foi um grande milagre. Vi com meus próprios olhos. Isso aumentou muito a minha fé.

— E se essa menina esperançosa nunca mais se recuperasse do golpe que Deus deu nela? E se ela nunca mais cantasse com as coreanas, as pessoas parassem de ir à igreja, o papa demitisse você e você ficasse doente e à beira da morte, sozinho, sentindo que sua vida não teve o menor sentido? E aí um maluco aparecesse e matasse você de um jeito estranho, bizarro e assustador? Você ainda teria fé em Deus?

— Não sei.

CAPÍTULO

Uma linha branca
É o sol; não uma bola
Tempo é ilusão

CAPÍTULO

33

— Padre Chee?

— Diga, Amber.

— Se eu estivesse com a minha mãe na noite em que ela foi morta, você acha que eu teria conseguido impedir aquele homem de fazer o que fez?

— Não sei.

CAPÍTULO

O trevo-de-quatro--folhas é milagre ou uma coincidência?

CAPÍTULO

35

— Padre Chee?

— Diga, Amber.

— Por que algumas pessoas passam pela vida sem nunca ter que enfrentar uma grande tragédia, enquanto outras têm que viver uma coisa horrível atrás da outra?

— Não sei.

CAPÍTULO

Mordo a maçã verde
Os lábios e dedos ficam
Todos pegajosos

CAPÍTULO

37

— Padre Chee?

— Diga, Amber.

— Você acha que eu era uma boa pessoa antes de a minha mãe morrer?

— Eu sei que você era. Você ainda é uma boa pessoa.

— Então realmente não importa se somos bons ou maus. As coisas ruins acontecem de qualquer jeito.

— Sim.

— Por quê?

— Não sei.

CAPÍTULO

Vejo no quintal
Um pardal fazer um ninho
Com restos de lixo

CAPÍTULO

39

— Padre Chee?

— Diga, Amber.

— Por que Deus não deu a outra face quando Adão e Eva comeram a maçã? Por que puniu toda a humanidade por causa de uma droga de maçã?

— É uma metáfora para as pessoas que querem saber mais do que podem aguentar. Deus tentou nos proteger das consequências do conhecimento, mas não O obedecemos.

— Você acha que comi uma maçã metafórica? Acha que a minha mãe morreu porque, de algum jeito, irritei Deus? Será que não O obedeci, ou coisa do tipo?

— Não. Não acho. De jeito nenhum.

— Então por que mataram a minha mãe?

— Não sei.

CAPÍTULO

QUANTOS PÃES HÁ ENTRE
AS PALAVRAS "FOME"
E "SATISFAÇÃO"?

CAPÍTULO

41

— Padre Chee?

— Diga, Amber.

— Por que você continua vindo me visitar todos os dias?

— Porque vale a pena visitar você.

— Por quê?

— Porque você vai superar isso e vai sair mais forte de toda essa situação. Vai voltar a ajudar as pessoas um dia.

— Você acredita mesmo nisso?

— Acredito. É inevitável.

— Então, se é inevitável, por que você tem que vir?

— Não tenho que vir. Gosto de visitar Amber Appleton. Quero estar aqui quando você renascer, quando finalmente superar isso e ficar mais forte.

— É por isso que as coisas ruins acontecem? Para deixar a gente mais forte?

— Talvez, mas, sinceramente, não sei.

— Sinto falta da minha mãe. Ela era uma péssima mãe, mas sinto falta dela. De verdade.

— Também sinto falta da minha mãe.

— Como os seus pais são? Estão aqui nos Estados Unidos ou lá na Coreia?

— Meus pais eram ótimas pessoas. Os dois já morreram.

— Como eles morreram?

— Foram assassinados.

— Sério?

— Sério.

— Por que nunca me contou isso antes?

— Você nunca perguntou.

— Como seus pais foram assassinados?

— Foi há muitos anos. Em um campo de concentração.

— O que é isso?

— É uma prisão para quem critica o governo da Coreia do Norte.

— O que os seus pais disseram sobre o governo?

— Que as pessoas deveriam poder acreditar em Jesus e construir igrejas.

— Isso é crime?

— Na Coreia do Norte, é.

— E eles foram mortos na prisão?

— Foram.

— Por que JC deixou que fossem mortos, se estavam apoiando a causa d'Ele?

— Não sei.

— É por isso que você é padre aqui nos Estados Unidos? Por causa dos seus pais?

— É.

— Por quê?

— Para dar algum significado à morte deles.

— Por que o fato de você ter se tornado padre dá significado à morte dos seus pais?

— Eles deram a vida por um princípio. Agora uso a minha vida para passar esse princípio para os outros.

— E qual é esse princípio?

— Que não importa quantas provas existam de que a vida não faz sentido, precisamos acreditar que sim, ela faz. E que a história de Jesus é uma boa história simplesmente porque nos ensina que devemos ser bons uns com os outros. Que devemos fazer o que for preciso, que devemos cantar soul, se isso for melhorar a vida dos outros. Que devemos tentar ser bons e amar a todos.

— Você ama as pessoas que mataram seus pais?

— Eu rezo por elas e por todos como elas.

— Mas você ama essas pessoas?

— Não sei.

— Você acha que vou ser como você, não é? É por isso que vem aqui todo dia?

— Acho que você vai ser muito melhor do que eu.

— Por quê?

— O Padre Chee não sabe bater palmas no ritmo do soul tão bem.

Pela primeira vez em muitas semanas, dou um sorriso... E Padre Chee solta uma risada de uma única sílaba: *rá!*

— Sinto muito por seus pais terem sido mortos por acreditarem em JC — digo.

— Sinto muito pela sua mãe ter sido tirada de você sem nenhum motivo, Amber. Sinto muito mesmo pela sua perda.

— Mas não tem nada que a gente possa fazer para trazer nossos pais de volta, não é?

— Não há nada que possamos fazer para trazê-los de volta, mas podemos honrar a lembrança deles seguindo com nossas vidas.

— Por que deveríamos fazer isso?

— Talvez seja melhor do que ficar enfurnada em um quarto para sempre.

— Por quê?

— Você sabe por quê — responde PC.

— Não é justo.

— A vida não é justa. Você tem razão.

— Então por que devemos ser justos?

— Porque podemos.

— Não sei, PC. Quer dizer, adoro que você venha aqui todo dia. Adoro mesmo. Sério. Mas acho que não vou conseguir voltar a ser quem eu era.

— Quem é você?

— Amber Appleton. Também conhecida como a "Princesa da Esperança".

— Você foi, é e sempre será uma pessoa esperançosa. Até morrer.

— Por que você está dizendo isso? Mesmo agora, quando sabe que não tenho mais nada? Por que põe esse peso nas minhas costas?

— Porque tenho fé na Princesa da Esperança. Acredito em você, Amber Appleton. Já vi seus poderes.

— Não faça isso comigo.

— O quê?

— Não deposite sua fé em mim. Não consigo aguentar esse tipo de pressão agora, está bem? Simplesmente não consigo!

— Não foi isso que...

— Não — digo, antes de ir para o banheiro.

Passo muito tempo lá — até ouvir PC descer as escadas e ir embora.

CAPÍTULO

Eu joguei no lixo
A mosca que morreu quando
Bateu na janela

CAPÍTULO

43

Ty, sozinho, vem me visitar.

— Trouxe isto para você — diz ele.

Ele coloca um vaso transparente com uma única rosa e alguns ramos de mosquitinho branco na minha cômoda.

— Como você está se sentindo? — pergunta ele.

— Péssima — respondo, debaixo do edredom. Nem mesmo sento na cama.

— Tenho pensado muito em você, Amber.

Não pensei em Ty nem uma vez nas últimas semanas, então fico calada.

— Eu realmente não sei o que dizer sobre o que aconteceu — continua ele —, e acho que você não quer falar sobre isso, então vou só falar sobre outras coisas, está bem?

Com a cabeça ainda no travesseiro, apenas olho para Ty, que apoia o corpo na cômoda nova.

Ele engole em seco e diz:

— O campeonato regional de marketing é na semana que vem.

— Eu sei.

— A gente tem treinado muito. A equipe, e tal. Talvez Ricky já tenha contado a você, mas agora Franks faz a gente debater e praticar nossos argumentos de manhã, em vez de jogar Halo 3. A gente também debate na hora do almoço. Demos uma pausa no videogame até o campeonato passar. Está todo mundo muito nervoso e animado. Acho que a gente vai se sair bem este ano, sem sufoco.

— Boa sorte.

— Você não vai mesmo competir este ano, não é?

— Não.

— Você ficaria em primeiro lugar. Todo mundo se sairia melhor se...

— Bom, não vou competir, então não vou ficar em lugar algum. E os Cinco vão ter que ser os Quatro, porque estou fora.

Ty dá um sorriso meio estranho.

— Vou ganhar o campeonato regional para você — diz ele. — Vou até dar a você a fita vermelha dos vencedores. Vou fazer isso por você. Depois vamos levar os Cinco ao campeonato nacional. Você iria a Las Vegas com a gente, se eu ganhasse?

— Não.

— Sentimos a sua falta. Todos nós. Todos dos Cinco.

— Sinto muito pelo fato de o assassinato da minha mãe ter causado um problema para vocês.

Os olhos de Ty se estreitam, como se eu tivesse dado um soco na cara dele.

— Por que você está agindo assim? — pergunta ele.

— Assim como?

— Tão cruel.

— Porque sou uma idiota. Uma verdadeira idiota.

— Não é, não. Você é a garota mais legal que eu conheço. Sempre admirei você, Amber. E talvez nunca tenha dito isso antes, mas...

— Vá embora.

Ele olha para mim por um segundo.

— Pensei que um dia desses os Cinco podiam ir tomar sundae no Friendly's — sugere Ty. — Podemos ir àquele restaurante lá em Hampton, para ninguém ficar sabendo, caso você esteja com medo de ser vista fora de casa. Você podia sair escondida uma noite dessas. Tirei a carteira de motorista na semana passada. Fiz aniversário, lembra? Mandei um convite para a festa. Você recebeu? O Ricky foi.

Eu me lembro de ter jogado o convite fora, mas não digo nada.

— Talvez Ricky tenha contado a você que meu pai me deu uma perua da Volvo de segunda mão. Tenho levado o Ricky para a escola e tudo o mais. Meu carro está lá fora. Estava pensando que podia levar você para dar uma volta qualquer hora dessas.

— Não.

— Não?

— Não mesmo — respondo, antes de andar até minha escrivaninha e fingir fazer os trabalhos de escola.

Ty fica parado por alguns minutos, depois vai embora.

* * *

Mais ou menos uma semana depois de Ty ter me visitado, recebo um envelope com a fita de segundo lugar do Clube de Marketing. Um bilhete diz:

> AA,
> Tentei vencer por você. Tentei mesmo.
> O Franks disse que os juízes roubaram.
> Meu convite para ir ao Friendly's ainda está de pé.
> Ty.

P.S.: O campeonato regional foi muito menos divertido sem você. Todo mundo concorda. Até o Franks. Se Ricky ainda não tiver contado, saiba que ninguém se classificou para a etapa nacional.

CAPÍTULO

— Amber?

— Diga, Padre Chee.

— Sinto muito.

— Pelo quê?

— Por ter pressionado você de forma desnecessária. Por fazê-la carregar uma cruz quando já está sofrendo. Foi errado da minha parte. Egoísta.

Não respondo nada.

— A não ser que você me peça para continuar a vir, não virei mais todos os dias. Na verdade, nunca mais virei sem que você me peça. Quero ajudá-la, é claro, mas também tenho vindo aqui porque preciso acreditar que você é alguém que preciso que seja, para que a minha fé aumente. Não é justo com você. O que você disse da última vez em que conversamos foi verdade. Essa é a última vez que entrarei neste quarto sem ser convidado. As Divas Coreanas por Cristo sentem muito a sua falta e adorariam cantar de novo com você, mas vão ficar bem se você decidir nunca mais voltar. É a sua vida, você pode fazer o que quiser e deve tomar as decisões que achar melhores. Vou rezar para que você sempre seja quem precisar ser. E, por razões egoístas, espero vê-la de novo. Mas Padre Chee ficará bem de qualquer maneira, então não se preocupe com ele. Adeus.

Quando Padre Chee se vira para ir embora, tenho vontade de abraçá-lo e pedir que fique — que continue a vir todos os dias —, mas, por alguma razão, não faço nada.

PC não vem no dia seguinte, e fico ao mesmo tempo surpresa, irritada e triste.

CAPÍTULO

AS FLORES ESTÃO
NO CHÃO, DE ONDE NÃO VEMOS
O QUE DE BOM NOS AGUARDA

CAPÍTULO

A Páscoa chega e passa.
Não vou à igreja.
Não celebro a ressurreição.

CAPÍTULO

O sol que entra pela
janela aquece o chão
eu Ando descalço

CAPÍTULO

48

Jared e Chad, que vem nas costas do irmão, me visitam mais uma vez. É a primeira vez em semanas.

— Eu sei que você disse para a gente não vir — começa Jared.

— Mas viemos mesmo assim — completa Chad.

— É verdade que Ty veio aqui sozinho? — pergunta Jared.

— É — respondo.

— Ele está deixando a barba crescer — diz Chad.

— Como é que é? — pergunto.

— O Ty disse que não vai fazer a barba até você sair do quarto e concordar em ir ao Friendly's com a gente — conta Chad.

— Está chamando de barba da amizade — explica Jared. — Diz que é um jeito de expressar o valor que dá à reunificação dos Cinco.

— Ele ficou com a barba cheia em poucos dias! — exclama Chad. — Está começando a parecer o Bin Laden.

— Como é que é? Por quê? — pergunto.

— Porque a barba dele está ficando comprida e pontuda no queixo — responde Chad. — Ele não quer ficar parecido com um terrorista, nem nada do tipo. Ty é um patriota. Honra as cores da bandeira até a alma.

— Não, por que ele está deixando a barba crescer? Sério.

— Ele quer mostrar que apoia você — responde Jared. — Como falei. É a barba da amizade.

— Mas não estou vendo a barba do Ty, porque estou no quarto, então por que ele a deixaria crescer?

— Ele meio que mandou a gente aqui hoje para contar — revela Chad. — Mostre a ela, Jared.

Jared abre o celular, aperta algumas teclas e, de repente, um Ty barbudo sorri através da pequena tela quadrada. A barba é meio pontuda no queixo, mas ele não está nem um pouco parecido com o Bin Laden.

— A gente já queria vir aqui mesmo — comenta Jared. — Sentimos muito a sua falta e ficamos muito mal porque você não participou do campeonato de marketing e se recusa a fazer parte dos Cinco. Mas Ty está realmente preocupado. Está muito chateado. E aí, o que a gente diz para ele?

— Hã? — pergunto.

— Qual é a sua resposta? — indaga Chad.

— Não sei — digo.

— Será que não quer ir ao Friendly's com a gente? — pergunta Chad.

— Não vou a lugar nenhum agora — respondo.

— Mas talvez você, *quem sabe*, não queira ir ao Friendly's com a gente mais para a frente? — pergunta Jared.

Suspiro. Isso é ridículo.

— Está bem — diz Chad. — Vamos aceitar isso como um talvez e ir embora antes que você mude de ideia.

Quando os dois saem do quarto, bufo e balanço a cabeça.

Ouço Donna perguntar aos meninos como foi.

— Foi legal — dizem eles.

Então os ouço sair pela porta da frente.

CAPÍTULO

Ar entra, ar sai
Dos pulmões, do coração
Logo, estou vivo

CAPÍTULO

50

— Você notou alguma coisa diferente? — pergunta Donna.

Ela está sentada na ponta da minha cama, massageando minhas costas com delicadeza. É o que tem feito nos últimos tempos. Também tem penteado meu cabelo à noite. Não digo nada a ela sobre isso — porque, no fundo, gosto quando ela esfrega minhas costas e penteia meu cabelo, como se eu fosse criança outra vez, e ela fosse minha mãe.

Donna não é minha mãe — minha mãe morreu —, mas ainda assim é bom.

Não digo nada a ela, porque ainda estou agindo como uma idiota.

— Quando foi a última vez que você viu Bobby Big Boy? — pergunta Donna, depois de massagear minhas costas por uns quinze minutos.

Penso um pouco e, de repente, meu coração dispara.

Faz dias — talvez semanas.

Não, não pode ser.

Quando foi a última vez que vi BBB?

Não penso em BBB sequer uma vez há tanto tempo...

Sou uma péssima dona.

Eu me sento.

— Bobby Big Boy? — grito.

— Shhhh — pede Donna. — Ele está dormindo lá embaixo.

— Tem alguma coisa errada com ele?

— Bom, ele anda meio estranho — conta Donna. — Então... Bem, vou ser direta, Amber. Liguei para um veterinário hoje.

— Por quê?

— Bobby Big Boy teve muita diarreia recentemente. E não tem comido direito. Anda letárgico, meio *fora de órbita*. E hoje, quando o levei para passear, ele... ele desmaiou.

— Como é que é?

— Ele se recuperou. Está bem agora. Mas vou levar BBB ao veterinário daqui a pouco, então vim saber se você quer ir comigo.

Corro para o primeiro andar e encontro BBB em seu quarto, deitado na cama.

Os olhos dele estão opacos.

Meu filhote nem mesmo levanta a cabeça quando entro no cômodo.

Eu o ergo e dou um beijo nele.

— Me desculpe, 3B. Sinto muito por ter abandonado você. Agora estou aqui. Estou aqui.

Os olhos dele parecem tão tristes — derrotados.

Eu me odeio por tê-lo abandonado, por não ter notado que ele estava sofrendo — sou uma idiota, uma péssima dona.

Finalmente saio de casa.

CAPÍTULO

51

Vou com Donna levar B Triplo ao veterinário. Ricky fica em casa, resolvendo problemas de matemática.

— Você acha que o Bobby Big Boy vai morrer? — pergunto a ela no carro, com BBB encolhido no colo.

— É melhor não tirarmos nenhuma conclusão precipitada agora, Amber — diz ela.

— Então você acha que pode ser sério?

— Ele é um cachorro relativamente novo, e hoje em dia os remédios para animais são muito bons. Vamos levar seu cachorrinho ao melhor veterinário da região: o dr. Weissmuller, da Weissmuller Pets.

— Vamos levar você ao melhor, Bobby Big Boy. Está ouvindo isso? Ao melhor.

Quando chegamos ao veterinário, vou com BBB até a sala de espera, e uma mulher de uniforme preto pergunta se já estivemos ali. Quando respondemos que não, ela pede o histórico médico de BBB, ou qualquer coisa que prove que ele tomou todas as vacinas.

— Onde você costumava levar o BBB? — pergunta Donna.

— Em lugar nenhum. Ele nunca ficou doente.

— Então você nunca levou seu animal ao veterinário? — questiona a moça, demonstrando desprezo, inclinando a cabeça para um lado e pousando a ponta da caneta nos lábios carnudos, vermelhos e arredondados.

— Escute aqui, eu encontrei o meu cachorro em uma caixa de tênis quando morava na droga de um ônibus escolar. A gente era tão pobre que nem conseguia comprar comida, tipo, nunca. Minha mãe foi morta alguns meses atrás por um psicopata, então não preciso de lição de moral nenhuma, ok?

— Ai, *ai, meu Deus*. Você é a *Amber Appleton*, não é? — pergunta a mulher, agora muito gentil. — Sinto muito. O nome no cadastro era Roberts. Eu não sabia. Vou chamar o doutor agora mesmo. Só um instante.

Ela entra em um cômodo e desaparece.

Vejo agora que todas as outras pessoas na sala estão me encarando. São pessoas comuns, trabalhadoras. Um collie late para 3B, um poodle se esconde embaixo de uma cadeira e um garotinho com o nariz escorrendo segura um furão com cara de mau e olhos rosados.

— Srta. Appleton?

Quando me viro, um homem de uniforme cor de pêssego sorri para mim.

— Por aqui — diz ele.

Em uma sala com fotos de cachorros cobrindo todas as paredes, coloco BBB em cima de uma mesa de alumínio para ser examinado. Ele se deita de lado e respira devagar.

— O que tem de errado com você, amiguinho? — pergunta dr. Weissmuller, apertando a patinha de BBB, como se fosse um desses homens elegantes que usam terno falando com outro.

— Bobby Big Boy anda muito cansado — responde Donna. — Ele não está comendo muito, vomitou ontem e tem tido diarreia. E desmaiou hoje, quando fomos passear.

Dr. Weissmuller apalpa a barriga do BBB.

— O senhor está sentindo alguma coisa? — pergunto.

— O abdômen dele está distendido.

— Isso é ruim?

— Não sei ainda — responde o veterinário, retirando uma longa agulha da gaveta. — Vou colocar isto aqui no lugar em que acho que há um tumor e, se sair sangue, vamos saber.

Dr. Weissmuller insere a agulha na barriga de BBB.

O sangue sai, mas BBB não se mexe nem chora.

— Estão vendo o sangue? — pergunta ele.

Donna e eu fazemos que sim com a cabeça.

— Agora temos que fazer um ultrassom para ver se o tumor está no baço ou no fígado.

— Qual é a diferença? — indago.

— Se o tumor estiver no fígado, não vou poder fazer nada pelo cachorro. Se estiver no baço, podemos operar.

— Quanto é o ultrassom? — pergunta Donna.

— Setenta e cinco dólares.

— Pode fazer — assente Donna.

Dr. Weissmuller pega BBB com muita delicadeza e o leva para outra sala, deixando Donna e eu sozinhas.

— Não tenho dinheiro para pagar nada disso — digo. — O dinheiro que ganhei no Rita's já acabou.

— Não se preocupe.

— Posso pegar dinheiro emprestado com você?

— Eu pago. Não se preocupe, Amber.

— E a cirurgia?

— Se o BBB precisar de cirurgia, acho que vou poder pagar por ela — diz Donna.

Balanço a cabeça — e até cruzo os braços. Sei que vivo na aba de Donna o tempo todo, mas ser responsável pelo BBB meio que se tornou simbólico para mim, depois de tudo o que aconteceu. É uma

das poucas coisas que posso controlar.

— Não — digo.

— Não?

— BBB é *minha* responsabilidade. *Eu* vou pagar pela cirurgia, se ele precisar.

— Como?

— Não sei ainda.

— Amber, agora você só precisa se preocupar em melhorar e...

— Pode parar — interrompo.

Esperamos em silêncio.

Depois de longos minutos, o dr. Weissmuller volta e põe BBB com cuidado na mesa de exame.

— O tumor está no baço.

— E agora? — pergunta Donna.

— O tumor está sangrando e atingindo o abdômen. Vou retirar o baço e fazer uma biópsia. O resultado chega em menos de uma semana. Se o tumor for benigno, seu cachorro vai sobreviver.

— Não vou aguentar duas mortes em um ano — digo a Donna, chorando.

— Eu recomendo a cirurgia. Repito: vou retirar o baço e, se o tumor for benigno, seu cachorro vai sobreviver — explica o dr. Weissmuller.

— E se for benigno e não fizermos nada? — pergunta Donna.

— Ele ficará com sangramento interno até morrer.

— Quanto é a cirurgia? — pergunto.

— Pode haver complicações e talvez seu cachorro precise de transfusões de sangue... No geral, deve ficar em dois mil dólares. Preferem que eu deixe vocês sozinhas para poderem discutir o assunto?

Donna faz que sim com a cabeça, e o dr. Weissmuller sai da sala.

— Posso pegar dinheiro emprestado com você? — pergunto a Donna.

— Vou pagar tudo, Amber.

— Não. Só quero um empréstimo. Quero cuidar disso sozinha.

Vejo que Donna quer me ajudar. Seus olhos exalam bondade e compaixão, mas ela precisa entender que caridade é para os velhinhos e aleijados.

Enterro o rosto no pelo do BBB.

— O dr. Weissmuller vai fazer você se sentir melhor, e depois vou melhorar também. Vou levar você para ver a srta. Jenny assim que ficar bom. Fique vivo, BBB, e vou ser uma dona melhor. Prometo.

Choro ainda mais, como uma criancinha, enquanto aperto o BBB contra minha bochecha.

— *Dr. Weissmuller?* — chama Donna.

Apesar dos protestos de Donna, assino todos os formulários.

Concordo em pagar pela operação em parcelas durante os próximos anos. Donna também assina os documentos e depois vamos embora.

Na volta para casa, digo de repente:

— Você pode me deixar na casa do Soldado Jackson?

— Por quê?

— Preciso muito falar com ele.

— Isso significa que você saiu oficialmente do quarto? — pergunta ela, meio surpresa, talvez até esperançosa.

— Mais ou menos — respondo.

— Está bem.

Indico o caminho e Donna me leva à casa do SJ.

Quando chegamos, ela pergunta se quero que venha me buscar. Respondo que vou voltar andando para casa.

— Amber, você tem certeza de que está bem? — pergunta ela.

— Tenho. Só preciso passar um tempinho com SJ. Estou bem. De verdade.

— Certo — responde ela. — Mas me ligue se quiser que eu busque você. Combinado?

Faço que sim com a cabeça e vou em direção à casa do Soldado Jackson.

CAPÍTULO

52

Está escuro, então sei que a srta. Jenny já foi correr.

Também sei que o Soldado Jackson está em casa, por isso bato na porta.

Quando me vê, SJ não diz nada sobre minha mãe, sobre mim e nem pergunta por que não o visito há meses — nem mesmo quer saber se gostei dos haicais que me manda todos os dias. Apenas diz:

— Entre, por favor. Vou preparar o chá.

Quando entro na casa, vejo o pedaço vazio na quarta parede da sala — o buraco que ainda não preenchi com haicais caninos —, o que me deixa muito deprimida.

Eu me sento no sofá enquanto o Soldado Jackson vai para a cozinha preparar o chá.

A srta. Jenny vem procurar BBB e, como não o encontra, pula no sofá e enfia a cabeça embaixo da minha mão, pedindo carinho.

Faço carinho nela o máximo que consigo.

SJ traz o chá, que, como sempre, é verde.

Tomo um gole.

Ele se senta e toma um gole também.

Tomo outro gole — começo a chorar copiosamente.

Choro tanto que deixo a xícara cair. A srta. Jenny pula do sofá e se esconde embaixo da mesinha de centro.

Não consigo parar de chorar.

Não consigo parar de tremer.

Catarro escorre do meu nariz e baba desce pelo meu queixo.

Tudo é expelido.

Tudo.

O abandono do meu pai.

Estar desabrigada.

O assassinato da minha mãe.

O tumor de BBB.

E ainda nem sou adulta.

Não é justo.

Não é nem um pouco justo.

Fecho os olhos com muita força — tento conter as lágrimas.

Começo a tossir de forma descontrolada.

Tenho a sensação de que vou morrer.

Então o Soldado Jackson se senta ao meu lado no sofá.

É a primeira vez que ele se aproxima de mim.

Eu me jogo no colo dele.

Ele hesita por um ou dois segundos, mas passa os braços ao meu redor.

Enterro o rosto em sua camisa amarela de botão e ele me abraça.

Depois de alguns minutos, paro de tossir, mas não consigo parar de chorar.

Encharco a camisa amarela com minhas lágrimas quentes.

Ficamos abraçados no sofá — como pai e filha — por muito tempo.

Quando finalmente o solto, o Soldado Jackson vira o rosto depressa e diz:

— Vou pegar mais chá para você.

Antes que ele saia da sala, percebo que seu rosto também está úmido por causa das lágrimas.

SJ fica um bom tempo na cozinha — muito mais do que o necessário para fazer chá.

Quando volta, me entrega uma nova xícara fumegante.

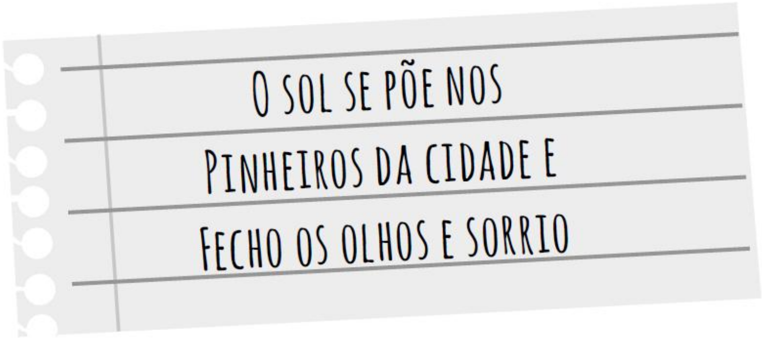
Tomo um gole do chá.

— Acabei de escrever um haicai na cozinha — diz SJ, com um pedaço de papel nas mãos.

— Posso ler? — pergunto.

Ele me entrega.

O poema diz:



— É bom — digo. — Mas não fala do momento presente.

— Talvez, às vezes, em ocasiões específicas, de vez em quando, seja melhor capturar um momento diferente, porque talvez o momento presente não seja o certo. Às vezes é bom pensar que mais momentos estão sempre por vir. Sempre. Como os momentos em que você vem me visitar.

— Verdade — respondo, e depois tomo outro gole de chá, percebendo que o que SJ acabou de dizer é meio revolucionário para ele, então não forço a barra. Depois de me livrar de todas aquelas

coisas que estavam entaladas, simplesmente aproveito o momento presente, já que ele levará ao próximo.

Silêncio.

Tomamos o chá por uma hora, sem dizer uma palavra, apenas ocupando o mesmo espaço.

Quando termino, eu me levanto e digo:

— Você é gente boa, Soldado Jackson.

— Vou lavar as xícaras agora — responde ele.

— Vou trazer BBB daqui a mais ou menos uma semana para visitar a srta. Jenny, está bem?

— A srta. Jenny está muito ansiosa pela visita — responde ele, então leva as xícaras para a cozinha.

Saio da casa de SJ e ando pela escuridão, navegando pelas ruas de Childress até a casa de Donna, pensando no dr. Weissmuller abrindo Bobby Big Boy e retirando o baço dele. Aí, antes que eu perceba, estou rezando de novo, pedindo a JC que esteja com o dr. Weissmuller, que o ajude a ser exatamente quem ele precisa ser para que BBB fique bem. E meio que prometo a JC que vou tentar voltar a ser esperançosa se Ele poupar a vida do meu cachorrinho — mesmo depois do que aconteceu com minha mãe, o que é um ótimo negócio para JC, se quer saber.

Ainda estou meio irritada com JC, mas também senti falta d'Ele. Sério.

Meio que preciso rezar, e tal.

Rezar me mantém sã.

Talvez seja a coisa que eu mais goste de fazer no mundo.

* * *

Quando chego à casa de Donna, encontro Ricky na cozinha, comendo biscoitos com manteiga de amendoim.

— Sinto muito, Ricky — digo.

— Ricky Roberts deve deixar Amber Appleton em paz, porque a mãe dela foi assassinada e não é justo, então ela está irritada com todo mundo, mas vai melhorar um dia. É. Um dia.

Estalo os dedos e dou um beijo na bochecha de Ricky.

— Amber Appleton deu um beijo em Ricky Roberts! É!

— Desculpe por ter sido tão má com você, Ricky — digo, antes de notar que Donna está à porta, observando tudo.

Então vou até ela e digo:

— Vou à escola amanhã.

Em seguida, dou um abraço de urso nela, subo para o quarto e fico

encarando o teto pelo resto da noite — perguntando a mim mesma como é que vou pagar pela cirurgia do Triplo B.

QUATRO

Não estamos sozinhos

CAPÍTULO

53

Não prego o olho.

Por volta das cinco e meia, eu me levanto e faço omeletes.

Ovos, leite, pimentão, cogumelos, tequila — tudo bem batido em uma tigela grande e prateada.

A omelete chia na frigideira.

Chia.

Chia.

Chia.

Dobrar: do O para o D.

Virar, virar, virar.

Pratos no forno.

Laranjas cortadas ao meio.

Laranjas espremidas.

O café está quente.

O jornal já está pronto para Donna.

A mesa está arrumada.

— Bom dia, Amber — cumprimenta Donna, com um enorme sorriso no rosto.

— Tomara que seja mesmo — respondo, antes de servir as omeletes.

— Amber Appleton está fazendo omelete para Ricky Roberts. Issssso! Terça é dia de omelete. É.

— Hoje é terça? — pergunto, enquanto sirvo Ricky, notando que ele está com a camisa das terças-feiras, a de Chase Utley. — Não tenho prestado muita atenção aos dias.

— É terça... O dia todo — responde Donna, por trás da seção de negócios.

Comemos omeletes.

— Como você acha que BBB está? — pergunto.

— Tenho certeza de que ele está bem. Vamos pegá-lo assim que eu voltar do trabalho — responde Donna. — Combinado?

— Combinado — concordo.

Quando todos terminam de comer, tiro a mesa, enquanto Ricky resolve problemas de matemática.

Depois de pôr tudo no lava-louça, tomo banho, passo maquiagem e escolho uma roupa incrível entre as que Donna comprou para mim nos últimos dois meses. Escolho um jeans de marca que faz minha bunda ficar uma beleza e um suéter maravilhoso de gola V que tem

um tom de roxo que me faz parecer a caminho de uma partida de tênis.

— Você está linda — diz Donna quando desço as escadas. — Mas tem certeza de que está pronta para voltar para a escola? Não quero que se sinta pressionada.

— Tenho — respondo. — Preciso colocar meu plano em ação.

— Que plano? — pergunta Donna.

— O show de variedades “Salvem Bobby Big Boy”.

— O que é isso?

Lá fora, a buzina de Ty ressoa.

— Tenho que ir para a escola com Ty Hendrix! — exclama Ricky, correndo com a mochila na mão.

— Tome — diz Donna, me entregando uma nota de vinte.

— Não preciso do seu dinheiro — respondo, colocando a mochila nas costas.

— Você precisa almoçar, Amber. Por favor.

Pego a nota, enfio no bolso da frente e dou um beijo na bochecha de Donna.

— Você é gente boa — digo, e saio.

Ty está quase indo embora quando grito:

— Espere aí!

Quando me vê correndo na direção do carro, ele abre um sorriso, todo surpreso.

Fico chocada ao ver sua barba.

Deve estar com uns dez centímetros.

Ele parece aquele personagem do conto de Irving, Rip van Winkle.

— Você vai à escola hoje? — pergunta Ty, quando entro e me sento no banco traseiro.

— Vou.

— Legal — diz ele, aumentando o volume do rádio antes de sair.

Está tocando “God is a DJ”, da P!nk, que quer dizer “Deus é um DJ”.

Eu meio que gosto dessa música, e Ty sabe disso, então canto junto — berrando os palavrões que a estação abafa.

Ricky está em seu mundo, contando — *quem sabe o que ele está contando?*

Ty barbudo não para de olhar pelo retrovisor. Está me vendo cantar — ele me olha tanto que fico com medo de a gente bater, mas só dou um sorriso para ele e canto mais alto.

A P!nk arrasa. E ponto final. É uma das minhas heroínas também. Não precisa de um homem para cuidar dela — de jeito nenhum.

Estacionamos a duas quadras da escola.

— Vamos jogar Halo 3 com o sr. Jonathan Franks! — exclama Ricky.

Nós três vamos até o Covil do Franks.

— É bom ter você de volta — comenta Ty.

— Você vai tirar essa barba agora? — pergunto.

— Não até você concordar em ir ao Friendly's com a gente.

— Por quê?

— Porque fiz uma promessa — responde Ty. — Respeite a santidade da barba da amizade.

Batemos na porta da sala do Franks, que Jared abre com um chute, e vejo uns dez meninos jogando Halo 3: Chad, Jared, Lex Pinkston, outros jogadores de futebol bobões, alguns meninos que não conheço e Franks.

— Amber? — pergunta Franks, e todos se viram e olham para mim.

O jogo de Halo 3 para.

— Voltei — digo.

— Seja bem-vinda — diz Franks, que depois vem até mim para apertar minha mão, como se eu fosse o presidente ou coisa do tipo.

Todos parecem muito nervosos — dá para sentir a tensão na sala.

Ninguém sabe o que dizer, já que minha mãe foi assassinada.

Todo mundo olha para mim.

— Escutem — começo. — Sei que vocês estão assustados por causa do que aconteceu com a minha mãe, mas não é contagioso. *Beleza?*

Ninguém ri da minha piada.

Caras de paisagem espalhadas pela sala.

— Escutem. Não quero falar sobre a minha mãe. Está bem?

— Está bem — concorda Chad, na Das Boot.

Todos os outros parecem pensar que estou com uma maldição ou sei lá o quê.

— Escutem, para completar, e não estou inventando, meu cachorro pode estar com câncer. Ele teve que ser operado ontem à noite, e não tenho dinheiro para pagar por tudo isso. Bom, sei que um cachorro não é uma pessoa nem nada, mas eu disse que pagaria por tudo e não tenho um tostão. Então tenho que arrecadar uns dois ou três mil. Não sei nem se o BBB vai sobreviver. Vou descobrir hoje, mais tarde, mas preciso pagar mesmo assim, e estou supondo que ele esteja vivo, porque é duro na queda.

— BBB está com câncer? — pergunta Jared, parecendo preocupado de verdade.

— Droga — comenta Chad.

— Sinto muito — fala Ty.

— Estou pensando em montar um show de variedades e vender os ingressos para arrecadar dinheiro e pagar a cirurgia do meu cachorro. Posso convencer o Príncipe Tony a ceder o auditório sem problemas — continuo. — Só preciso de alguns números. Quem vai me ajudar?

— Você quer que a gente se apresente? — pergunta Jared.

— É, ou que arranjem alguém para fazer isso — respondo.

— Posso doar dinheiro — comenta Lex Pinkston. — Tenho um pouco no banco. É seu.

— Não. Não quero que ninguém me dê dinheiro. Quero *arrecadar* dinheiro. Não preciso de caridade.

— O que é um show de variedades? — pergunta um dos jogadores de futebol.

— Como vamos fazer os números?

E aí todos começam a falar ao mesmo tempo — o que deixa tudo muito confuso.

Até que Franks diz, bem alto:

— Eu topo!

Todos ficam em silêncio.

Os meninos olham para Franks e ele faz que sim com a cabeça, confiante.

— Legal — digo.

— Eu topo — fala Ty.

— É isso aí! — exclama Chad.

— Por que não? — pergunta Jared.

— Ricky Roberts topa. Éééééé!

E todos os meninos presentes concordam em ajudar.

— A primeira coisa a fazer é desligar esses Xboxes, porque a gente vai precisar planejar — peço.

Lex desliga tudo.

— Franks, você é o professor de propaganda e marketing, então como podemos arrecadar esse dinheiro? — pergunto.

— Bom, temos que divulgar pela cidade inteira e incluir o máximo de pessoas possível no show. O segredo é a inclusão. As pessoas vão doar por causa da situação. Todos gostam de cachorros. E sua história é emocionante. Além disso, quanto mais gente incluirmos no show, mais pais e membros da comunidade comprarão ingressos e farão doações. Tenho uma pasta especial no carro. É vermelha e contém várias ideias de propaganda. Está escrito “Ideias para propagandas” na frente. Você pode ir até lá pegar para mim, Amber? — pede Franks, estendendo a mão com as chaves do carro na minha direção.

— Claro — respondo, pegando o molho de chaves.

Saio da sala e vou até o carro do Franks — um jipe velho e enferrujado com capota permanente — no estacionamento dos professores. Mas, quando abro a porta do carro, não encontro nenhuma pasta vermelha no banco da frente. Não há pasta de cor nenhuma no carro, nem em cima ou embaixo de nenhum dos bancos. Confiro o porta-luvas e o porta-malas, só para garantir, e nada, ponto final. Volto para a sala de Franks um pouco irritada, porque quero colocar logo esse plano em prática.

Quando chego, Franks já botou todos os meninos para se mexerem.

Lex me diz que a equipe de futebol vai fazer uma performance secreta.

— O que vocês vão fazer? — pergunto.

— Você vai ver.

— Tenho uma coisinha planejada para fazer por você — diz Chad, da Das Boot.

— Vou resolver problemas de matemática no palco! — exclama Ricky.

— Eu posso cuidar da iluminação e do palco — diz Ty, porque é o líder da equipe de teatro.

— Jared vai se apresentar comigo — diz Chad.

— Hein? — questiona Jared.

— Deixe de ser medroso — pede Chad ao irmão. — Talvez a gente consiga companhia para o baile de formatura. As meninas vão gostar do que faremos no palco.

— Hummm — começa Jared. — Não... Vou cuidar das finanças e da contabilidade.

— E vai subir ao palco comigo também. Porque você é um Fox, não um covarde — retruca Chad, de um jeito bem agressivo.

Mas aí o sinal toca e todos se dispersam.

— Não tinha pasta vermelha nenhuma no carro — digo a Franks, devolvendo as chaves.

— Que estranho... — responde ele, antes de tirar alguns M&M’s de amendoim da gaveta.

— O que você disse aos meninos quando saí da sala?

— Só conversamos sobre algumas ideias para os números. Só isso.

— Então você topa ser o professor responsável pelo show de variedades?

— Claro.

— A gente pode fazer um comunicado hoje?

— Claro.

— Está bem. Vamos contar ao Príncipe Tony.

Franks e eu vamos à sala do diretor, e a sra. Baxter dá um pulo quando me vê.

— Amber, venha aqui! — grita ela, contornando a mesa, correndo para me dar um abraço de urso e plantar um beijo cheio de batom na minha bochecha. — Sinto muito pelo que aconteceu. Fiquei tão preocupada com você! Recebeu as flores que mandei?

— Recebi, obrigada — respondo, apesar de ter jogado todas as flores fora sem nem ler os cartões. — Você gosta de shows de variedades?

— O quê? — pergunta ela.

— Amber Appleton — diz Príncipe Tony, da porta de sua sala. —

Como você está?

— Bem — respondo —, mas preciso do auditório para um show de variedades. Tem que ser em uma sexta à noite, porque chama mais público. Preciso arrecadar dinheiro para a cirurgia do meu cachorro.

— Do que você está falando, Amber?

— Podemos conversar no seu escritório? — pede Franks.

— Não sei se... — diz Príncipe Tony, relutante, mas Franks o força a entrar na sala e fecha a porta antes que eu também consiga entrar.

Fico meio irritada com Franks por me excluir do pedido ao Príncipe Tony, então decido fazer o comunicado antes mesmo de ir para a sala.

Ando até o microfone que Franks usa para fazer os anúncios matinais e pergunto à sra. Baxter como faço para a escola inteira me ouvir.

— É só apertar o botão vermelho, mas acho que você não devia...

Aperto o botão vermelho.

— Atenção, colegas da Escola Pública de Ensino Médio de Childress — digo. — Aqui é Amber Appleton. A menina cuja mãe foi assassinada. Não quero falar sobre isso com vocês, então, por favor, não toquem no assunto, ok? Eu gostaria de convidar a todos para participar do show de variedades "Salvem Bobby Big Boy", que tem como objetivo arrecadar dinheiro para pagar a cirurgia que meu cachorro teve que fazer ontem à noite. Talvez ele tenha câncer. Preciso pagar dois ou três mil dólares ao veterinário e estou dura. Então, por favor, me ajudem. Basta participar do show de variedades ou comprar um ingresso. Eles começarão a ser vendidos assim que eu acertar os detalhes com o Príncipe Tony, beleza? Obrigada. Tranquilidade para todos. Amber Appleton.

Quando termino o anúncio, Príncipe Tony e Franks estão sorrindo para mim da sala do diretor.

— Tudo bem eu ter feito o comunicado? — pergunto.

— Acho esse show de variedades uma ótima ideia. Você tem cem por cento do meu apoio nessa — responde PT.

Ele me leva até sua sala para discutirmos datas, enquanto Franks faz os anúncios matinais. PT me mostra todas as datas disponíveis do auditório e escolho uma sexta-feira daqui a três semanas e meia. Ele diz que a sra. Baxter cuidará da venda de ingressos, mas que podemos ficar à vontade para recolher doações e distribuir panfletos pela cidade. Príncipe Tony explica que todas as contribuições devem ser feitas para a escola.

— Você pode pedir ao sr. Valerie para fazer os programas. Ele sempre faz os da equipe de teatro. Vou conversar com ele hoje sobre isso. É bom ter você de volta à escola, Amber. É tão bom ver você.

— Valeu por tudo — respondo, antes de ir para a primeira aula.

Ninguém, nem mesmo os professores, pergunta sobre minha mãe,

mas um monte de gente — várias pessoas que eu sequer conheço — quer participar do show de variedades para o BBB. De início, escrevo os nomes e as ideias em um caderno, mas, depois de preencher sete páginas, percebo que precisaremos fazer um teste de seleção, algo assim. Fico meio impressionada por ver como meu plano está indo bem.

Durante o almoço, Ricky e eu ignoramos a hora de socialização no refeitório e vamos para o Covil do Franks, onde os meninos não estão jogando videogame, e sim analisando técnicas de marketing para o show.

— Amber, podemos dar uma volta? — pergunta Franks assim que me vê.

— Claro. O que foi? — pergunto.

Os Cinco olham para mim de um jeito muito estranho.

— Venha — diz Franks.

Ele me leva para o lado de fora, que está bem primaveril e ensolarado.

— Os meninos querem que os números sejam surpresa — explica Franks. — Eles querem montar o show sozinhos, e você apresentaria o evento.

— Como assim? Por quê? — pergunto.

— Eles acham que vai ser divertido.

— Então não querem que eu participe de nada?

— Queremos que você consiga apoio para o evento. Queremos que você apresente e seja a estrela, mas que os números sejam surpresa.

— Não entendo por que eles iriam querer uma coisa dessas — digo.

— Porque querem surpreender você.

— Como vou apresentar se não souber que números serão apresentados?

— Faremos cartões para você ler na apresentação.

— Então tenho que confiar em você? — pergunto.

— É — responde Franks. — E nos seus amigos também.

— Você acha que vamos conseguir arrecadar dinheiro suficiente para pagar a cirurgia do BBB?

— Acho — responde ele, com um sorriso confiante. — Vamos conseguir. Eu juro.

Franks é um homem de palavra, então começo a me sentir melhor — mais aliviada e animada.

— Está bem — concordo. — Só deixem um espaço reservado, porque tenho um número programado. Assim que confirmar, coloco vocês em contato com as pessoas certas.

— Beleza — responde Franks.

Volto para o refeitório e como algo com os vinte dólares de Donna.

Um bilhão de pessoas me convida para sentar com elas, o que é

estranho, então saio do prédio, como sozinha e penso em BBB, em como ele deve estar.

Quando termino o sanduíche de peru, vou até o orelhão ao lado do ginásio, coloco algumas moedas e ligo para a Weissmuller Pets.

— Alô, Weissmuller Pets. Como posso ajudar?

— Posso falar com o dr. Weissmuller, por favor? — pergunto.

— Ele está com um paciente. Quer deixar um recado?

— É Amber Appleton. Eu só queria...

— Espere um segundo, Amber. Vou colocar o doutor na linha. Só um segundo, está bem?

— Está bem.

Ouço uma música tranquila por alguns longos instantes...

— Alô — diz o dr. Weissmuller.

— Oi, é a Amber Appleton. Queria saber sobre o Bobby Big Boy, meu cachorro. Ele está bem?

— A cirurgia correu bem. O tumor foi mandado para a biópsia. BBB ainda está se recuperando, mas está bem.

— Muito obrigada, dr. Weissmuller. Vou passar aí mais tarde.

— O Bobby Big Boy deve ser liberado hoje, às sete da noite.

— Obrigada — digo, me esforçando muito para não cair no choro que nem uma criancinha.

É claro que deixo algumas lágrimas caírem.

Faço uma pequena oração de agradecimento a JC e termino o resto dos afazeres na escola: trabalho um pouco no vestido para o baile de formatura e sonho acordada nas aulas mais sérias.

* * *

No fim do dia, há cartazes e pôsteres pendurados em todos os corredores.

Show de variedades “Salvem Bobby Big Boy”
Apresentado por Amber Appleton
Dia 24 de abril — sexta à noite
Não percam!

Alguns cartazes têm fotos do Bobby Big Boy, e me pergunto como isso aconteceu.

Estranho.

Ty barbudo dá uma carona para mim e para Ricky e, no carro, pergunto a ele por que os Cinco querem manter os números em segredo.

— Você não gosta de surpresas? — pergunta ele.

— Claro que gosto.

— Então!

— Ricky Roberts vai propor que o público vença o matemático.

— Bom, eu já sei qual vai ser um dos números, então, não é? — digo.

Ty olha para mim pelo retrovisor e sorri por trás da barba.

CAPÍTULO

54

Depois que deixo Ricky resolvendo problemas de matemática na cozinha, pego a bicicleta de Donna e atravesso a periferia até a Igreja Católica Coreana, pela primeira vez sem o BBB. Faço o truque do "Espero que seu dia seja ótimo!" por todo o caminho, o que sempre me dá uma sensação boa, porque me amarro em iluminar o rosto das pessoas.

Quando chego à igreja, Padre Chee não está do lado de fora, porque não está me esperando. Não falo com PC desde o dia em que disse que não podia mais ser o que ele precisava que eu fosse.

A porta da igreja está trancada, então bato e, depois de alguns minutos, Padre Chee aparece.

Levo a bicicleta para dentro e PC tranca a porta depois que eu passo.

— Você saiu do quarto — comenta ele.

— Saí — respondo, enquanto desço da bicicleta de Donna. — E sinto muito.

— Pelo quê? — pergunta PC, com um sorriso.

Dou um abraço de urso nele.

— Bem-vinda de volta — diz ele, dando tapinhas nas minhas costas, todo paternal.

— Cadê o BBB? — pergunta ele quando nos afastamos.

Então conto sobre o tumor, sobre o show de variedades e que só vamos saber se BBB vai sobreviver daqui a uma semana.

— Vou rezar pelo BBB — diz Padre Chee. — As DCPC sentiram sua falta. Quer dar um "oi" para elas?

— Mas é claro — respondo.

Então entramos no santuário.

As DCPC estão sentadas na igreja, com dicionários de inglês-coreano. Todas estão escrevendo palavras em coreano no que parecem novos songbooks.

— Jesus nos mandou "As melhores músicas de Aretha Franklin" — explica Padre Chee, e grita algo em coreano.

As Divas Coreanas por Cristo olham para a frente e partem para cima de mim, me dando tantos abraços apertados que parece que vou explodir!

Em inglês, todas me dizem que sentem muito pela minha mãe. Depois, falam várias coisas para mim em coreano, e Padre Chee traduz

tudo para o inglês.

As coisas que elas dizem na língua nativa são tão cheias de emoção, tão lindas, que me fazem chorar, fazendo as DCPC chorarem também e me abraçarem ainda mais.

Por fim, conto a elas sobre o tumor de Bobby Big Boy. As DCPC começam a me abraçar de novo, balançando a cabeça e falando muito rápido em coreano.

Então explico sobre o show de variedades e pergunto se elas gostariam de se apresentar — se poderiam cantar algumas músicas das Supremes para me ajudar a arrecadar dinheiro e pagar pela cirurgia do BBB.

As DCPC olham para os próprios pés.

— O que foi? — pergunto.

Padre Chee diz alguma coisa em coreano.

Yung Mi responde.

Sun fala algo para Yung Mi.

Na Yung balança a cabeça e dá sua opinião.

Hye Min grita com Na Yung.

E, de repente, todas as DCPC começam a discutir em coreano.

Padre Chee me explica:

— Algumas querem se apresentar, mas outras acham que o inglês delas ainda não é bom o bastante e que vão envergonhar você e a si mesmas.

— Vocês estão de brincadeira, né? — pergunto, bem alto. — Vocês são profissionais!

— Nós boas segunda voz — explica Sun —, mas precisamos de cantora principal boa de inglês. Diva de verdade.

— Amber é diva de verdade — declara Na Yung.

— Não, não. Eu vou apresentar o show — explico a elas.

— Por que não canta com elas? — pergunta Padre Chee.

Acontece que eu não quero. Sei que deveria, porque sou uma Diva Coreana por Cristo — apesar de não ser coreana de nascença, apenas por associação. Também não deveria pedir a ninguém para fazer nada que não estou disposta a fazer, sei muito bem disso. A verdade é que não estou me sentindo bem o bastante para dar uma de rockstar na frente de todos os meus colegas, ainda mais depois que minha mãe morreu. Então a discussão continua entre as Divas Coreanas por Cristo, até que mudo de assunto e as ajudo a traduzir "(You Make Me Feel Like) A Natural Woman", que quer dizer "Você faz eu me sentir uma mulher de verdade".

Enquanto me acompanha até em casa, Padre Chee diz:

— Você precisa entender que é a única branca com a qual muitos dos membros da igreja já tiveram contato. Entrar em uma escola de ensino médio americana como a sua deixa todas muito assustadas.

— Eu entendo — respondo. — Pode acreditar.

— Mas, se você cantar *com elas*... Com você no palco, uma verdadeira diva, acho que todas vão aceitar cantar no seu show de variedades.

— Não sou uma verdadeira diva — respondo. — Sou apenas uma péssima professora de inglês que usa R&B como ferramenta de ensino.

— Bom, então vou rezar para que Jesus mande uma verdadeira diva para liderar as DCPC, para que se sintam confiantes o bastante para participar do seu show de variedades — retruca Padre Chee.

De repente, ele para de correr, então paro de pedalar.

Ainda estou na bicicleta de Donna.

Olhamos um para o outro.

— Você está bem? — pergunta PC.

— Estou — respondo.

— Tem certeza?

— Não. Mas estou seguindo em frente.

— Você saiu do quarto. Isso é bom.

— Só saí porque Bobby Big Boy precisa de mim.

— Muitas pessoas precisam de você, Amber.

— Uma coisa de cada vez, PC.

— Você é mais forte do que pensa.

— Me dá um abraço? — peço, porque não consigo mais receber elogios agora.

— É claro — diz ele, me abraçando do jeito que um pai faria.

— Você vai rezar por mim? — pergunto.

— Todos os dias — responde PC, sorrindo. — Quase toda hora.

Vou de bicicleta para a casa de Donna, faço um frango refogado, picando bem os ingredientes, e preparo uma salada de frango de arrasar com molho de mostarda, mel e croutons.

Quando Donna chega em casa, comemos.

— Como foi o primeiro dia de volta? — pergunta ela.

— Ricky Roberts vai desafiar todos a vencerem o matemático no palco, no dia vinte e quatro de abril, sexta à noite, no auditório da escola, para arrecadar dinheiro para Amber Appleton.

— Para Bobby Big Boy — lembro. — Vamos montar um show de variedades para pagar pela cirurgia do BBB.

— Vão, é? Príncipe Tony concordou com isso?

— Franks me apoiou muito. Você conhece alguma diva de verdade?

— Diva?

— Para cantar com as DCPC. Elas não querem se apresentar sem uma cantora que fale inglês porque morrem de vergonha, apesar de eu ter ensinado muito bem a elas.

— Por que *você* não canta com elas? — pergunta Donna.

— Cara, você já me ouviu cantar?

— Alguém vai aparecer — comenta ela. — Falei com o dr. Weissmuller.

— Eu também.

— Então você sabe que BBB está bem.

— Sei. Pelo menos até o resultado da biópsia sair.

— Uma coisa de cada vez — diz Donna, com molho de mostarda e mel escorrendo pelo queixo.

* * *

Quando pegamos BBB no veterinário, sua barriguinha está raspada e costurada, e ele está usando uma pequena cúpula de abajur no pescoço.

Carrego-o para o carro de Donna, e o levamos para casa.

No começo, Bobby Big Boy fica meio lento e não gosta nem um pouco de usar a cúpula — sei disso porque ele passa as primeiras quarenta e oito horas arranhando aquela coisa até quase arrancar. Por fim, acabamos tirando a cúpula, e BBB logo volta a comer e a fazer cocô, todo feliz.

CAPÍTULO

55

Uma semana depois, ligo para o dr. Weissmuller quando chego da escola, e ele me diz que meu cachorro não está com câncer.

BBB e eu comemoramos a notícia com um passeio de bicicleta até a Casa de Repouso Metodista.

Quando chegamos à banca de jornal do Alan, ele me diz:

— Sinto muito pelo que aconteceu com a sua mãe. Comprei dois ingressos para o show de variedades.

— De quem? — pergunto.

— Várias crianças já me ofereceram ingressos. Acho que umas trezentas passaram por aqui nesta semana. É melhor que seja um bom show.

— Vai bombar — respondo, enquanto pago pela barra de Snickers e pelo chocolate quente com parte do dinheiro para o almoço que Donna tem me dado.

— Vai o quê? — pergunta Alan.

— Você não vai se decepcionar — digo, apesar de não ter a menor ideia do que os Cinco estão preparando.

BBB e eu guardamos a bicicleta de Donna atrás do arbusto e oferecemos à Porteira Lucy o suborno costumeiro para ela deixar Triplo B entrar.

— Recebeu o chocolate quente e o Snickers que mandei para você? — pergunta PL.

— Recebi, obrigada.

— Não é certo o que tem acontecido com você. Não é nada certo.

— Nem me fale.

— Seus namoradinhos passaram por aqui para vender ingressos para um show que disseram que você está organizando.

— Namoradinhos? — pergunto.

— Um garotinho em uma cadeira de rodas, um mais alto, branco e meio estranho e um negro bonitinho e barbudo.

— Não são meus namorados.

PL bebe um gole do chocolate quente e sorri para mim de um jeito meio esquisito.

— A vida anda estranha, PL. Muito estranha — digo.

— Bom, que show é esse que você está organizando?

— É um show de variedades.

— Para homenagear sua mãe?

— Não, é para o Bobby Big Boy. Ele acabou de fazer uma cirurgia. Está vendo a cicatriz? — Mostro a barriga de BBB. — Custou quase três mil dólares, então tenho que arrecadar dinheiro.

— Bom, avise se precisar de ajuda, Irmã Amber.

Faço que sim com a cabeça e sorrio por PL ter me chamado de Irmã Amber pela primeira vez, o que faz com que eu fique toda me sentindo. BBB e eu entramos na casa de repouso — passando pelos corredores deprimentes com plantas artificiais e empoeiradas.

Quando chegamos ao salão, não acredito no que vejo.

Todos os velhinhos estão sentados em duas longas filas de cadeiras.

O Velho Linder está se apresentando com o Velho Thompson.

Os dois usam paletós vermelhos.

Eles cantam uma música antiga sobre fazer "whoopee" e, ao prestar atenção à letra, percebo que é sobre sexo!

Os velhinhos estão sorrindo, rindo e cantando, todos muito alegres, enquanto o Velho Thompson canta com todo o coração e o Velho Linder repete os versos, como se estivesse declamando um poema. E então percebo que o Velho Linder aceitou meu desafio.

Está diante dos colegas.

Divertindo os outros.

Dando a eles alguma coisa pela qual esperar — alguma coisa para quebrar a rotina de dias e semanas chatos.

Está mantendo a esperança viva!

BBB e eu assistimos à performance dos fundos da sala e rimos toda vez que um dos velhinhos dá um soco no ar ou tenta mexer os quadris enferrujados no ritmo da música.

A apresentação não é tão animada.

Meus velhinhos não cantam tão bem.

Mas, ao ver o quanto estão se divertindo — muitos acompanham os dois, cantando de pé —, percebo que isso é o bastante, que aqueles idosos estão recebendo energia do meu empresário, e sinto alguma coisa aquecer meu peito.

Quando terminam a cantoria, o Velho Linder me vê parada, nos fundos do salão.

— Amber? — chama ele.

Cinquenta cabeças grisalhas se viram lentamente. E então todos olham para mim e para BBB.

— Oi — digo, andando até meus velhinhos.

Como ninguém responde, dou um abraço no Velho Linder e sussurro na orelha grande e peluda dele:

— Desculpe. — E então, pergunto para a plateia: — Quem poderia imaginar que esses velhos cantam tão bem?

Ninguém responde, o que deixa o Velho Linder um pouco nervoso.

— Escutem — peço. — Estou bem.

— Ficamos muito preocupados com você — diz o Velho Thompson.

— Não achamos que fosse voltar para nos visitar — diz Bernice Bunduda.

— Espero que acabem com a raça daquele homem horrível que matou a coitada da sua mãe — sugere Agnes, a Louca das Plantas.

— Você está bem mesmo? — pergunta o Velho Linder.

— Cadê a Joan das Antigas? — pergunto.

— Ela teve um ataque cardíaco — conta o Velho Thompson.

— Como é que é? — pergunto.

— Mas não morreu — acrescenta o Velho Linder. — Está na ala hospitalar aqui da casa de repouso. Fica dormindo e acordando o tempo todo, mas dizem que, quando está acordada, ainda é má.

— Bom, terei que visitar a coitada depois do show — digo, e me sento, deixando Triplo B se encolher em meu colo. — Quero ver o que mais vocês têm no repertório.

O Velho Linder sorri, todo orgulhoso, volta a entrar no personagem e, com uma voz de locutor de rádio antigo, diz:

— Quem aqui se lembra dessa pérola de 1927?

Os Velhos Thompson e Linder começam a estalar os dedos e a bater os pés e, quando dão início à música seguinte, todos ficam muito animados e passam a cantar com eles — balançam os indicadores no ar, sacodem a cabeça e cantam até acabar o fôlego em seus velhos pulmões empoeirados.

Eles repetem o refrão tantas vezes que meio que descubro que a música se chama “Side by Side” e é sobre duas pessoas sem dinheiro, que não sabem o que vai acontecer, mas que pelo menos têm uma à outra e podem se aventurar pela vida juntas. Os velhinhos adoram essa música antiga melosa, e devo dizer: vê-los cantando com tanta paixão me faz sentir uma coisa boa. Sério.

Meus velhinhos estão emocionando as pessoas nesta tarde.

— Muito obrigado por terem vindo ao Karaokê de Músicas Antigas de Quarta-feira à Tarde, apresentado pelos Casacos Vermelhos, Albert Linder e Eddie Thompson — diz o Velho Linder quando a música acaba. — Até semana que vem, quando cantaremos mais músicas que vocês adoram e das quais se lembram. Cuidem-se para viver pelo menos mais sete dias! Porque não vão querer perder o que preparamos! Remanesçam, pessoal, remanesçam!

Todos os velhinhos aplaudem por alguns minutos enquanto os Casacos Vermelhos fazem reverências. Em seguida, voltam às conversas intermináveis sobre netos, quebra-cabeças, quem morreu na semana anterior, o tempo nas últimas oito décadas e — é claro — os parentes que nunca os visitam.

Deixo BBB encolhido em uma pilha de lã da Carol Tricoteira e vou para o corredor com o Velho Linder.

— Você se saiu muito bem — digo. — Deixou todo mundo empolgado. Sério.

— Escute, passei mais ou menos uma semana chateado com você, garota. Eu podia ter morrido naquela escada, e o jeito que você me tratou... — conta o Velho Linder, os tubos de oxigênio saindo pelas narinas. — Mas então pensei: “Quer saber? A garota tem razão. Ainda não morri, tenho que fazer alguma coisa para me manter vivo. Não posso continuar dependendo dos outros.” Então inventei essa cantoria com Eddie, que me carrega nas costas com a voz de ouro que tem. Caso não tenha notado, sou o canastrão. Ele é a voz. Mas sempre adorei cantar. E as velhinhas gostam de homens que cantam em público. Elas não largam do meu pé por nada nos últimos tempos.

O Velho Linder pisca para mim. Dou um sorriso para ele.

— Você está bem, Amber?

— Sinceramente, não. Mas gostei muito da cantoria. E pelo menos saí do quarto.

— Já é um começo.

— É alguma coisa.

— E então?

— Eu queria visitar a Joan das Antigas — digo.

— Tem certeza? Ainda não fui visitar a velha coroca, mas soube que ela está mal.

— Tenho, sim — confirmo.

Sigo o Velho Linder por uma série de corredores deprimentes, cobertos de papel de parede e carpete malva. Por fim, chegamos à ala hospitalar, que é só outro corredor malva cheio de quartos parecidos, só que com leitos de hospital.

Uma enfermeira sai de um dos quartos, e o Velho Linder aproveita para perguntar:

— Com licença, a senhora sabe onde fica o quarto da Joan Osmond?

A enfermeira não responde, mas aponta para uma porta no fim do corredor, então andamos até lá.

Joan das Antigas é uma cordilheira minúscula sob um cobertor azul-celeste — o rosto rosado, enrugado e abatido se projeta para fora da manta, a pequena cabeça apoiada em um travesseiro.

— Posso ficar uns minutos a sós com ela? — peço ao Velho Linder.

— Claro — responde meu empresário. — Vou esperar aqui fora.

Entro no quarto e fecho a porta.

Puxo uma cadeira para perto da cama.

— Joan? — chamo.

Joan das Antigas não se mexe.

Posso ouvi-la se esforçando para respirar.

A boca está levemente aberta.

Enfio minha mão embaixo do cobertor e seguro a dela.

Está gelada.

— Aperte minha mão se estiver me ouvindo — peço.

Nada.

— Acho que você ficou sabendo sobre minha mãe e minha depressão. Fiquei meses no quarto, basicamente agindo como uma idiota com todo mundo. Também tenho chorado muito. Sério. Mas o que você não deve saber é que eu já chorava muito, antes mesmo de a minha mãe morrer. A Amber que você via nas batalhas era tudo fingimento. Não sou muito forte. Nem muito esperançosa. Não sou muito nada. Sou só uma garota boba que sabe contar umas piadas boas em momentos cruciais, que consegue animar a multidão. Se você soubesse o quanto eu internalizava seus insultos... Juro. Você realmente me fez achar que tinha cara de dinossauro, o que me deixou muito assustada. Sério.

Joan das Antigas não aperta a minha mão.

Ainda posso ouvi-la respirar.

— Estou começando a achar que você está certa sobre a vida, Joan. Talvez nada faça sentido. Quer dizer, eu ainda gosto do JC e tal. Ainda rezo, ainda acredito em certas pessoas. Mas aquele cara que matou a minha mãe... Ele não é humano, e ele me assusta, porque é humano, mas mesmo assim fez o que fez. Isso nunca vai fazer sentido, não importa o quanto eu pense sobre. É tão aleatório. Tão cruel. E me faz entender por que você é tão má e rabugenta. Aposto que não era assim antes de o seu marido morrer, não é?

De repente, Joan das Antigas aperta minha mão e quase me mata do coração.

— Por que está me contando essas coisas? — pergunta ela.

— Você estava acordada esse tempo todo?

— Estava.

— Sua velha safada! Por que não me disse?

— Porque estou reunindo informações para nossa última batalha, quando finalmente vou fazê-la chorar.

— Você não pode ser tão má... — digo.

Joan das Antigas sorri para mim, e suas pálpebras rosadas e enrugadas se fixam na minha testa.

Estremeço.

— Por que você veio aqui, Amber, de verdade?

— Não sei. Não sei mesmo. Você vai morrer?

— Todos nós vamos morrer alguma hora — lembra Joan das Antigas. — Essa é a única coisa que Deus fez direito.

— Está bem — respondo. — Acho que vou embora agora.

— Quando vai ser nossa próxima batalha? Meus médicos disseram que posso morrer a qualquer momento.

— Desculpe, mas me aposentei — digo.

— Você tem que me dar uma última chance de ganhar o título.

De repente, Joan das Antigas me parece algo absurdo demais com o qual lidar, então saio do quarto.

— Amber? Amber? *Amber?* — chama ela, enquanto caminho pelo corredor com o Velho Linder.

— O que aquela velha coroca disse a você? — pergunta ele, arrastando o cilindro de oxigênio.

— Fingiu que estava dormindo para eu contar coisas pessoais que ela pudesse usar contra mim na próxima batalha.

— Eu não me preocuparia muito com isso.

— Porque me aposentei?

— Porque ela vai morrer a qualquer momento. E aí, *dim dom*, a bruxa má estará morta.

— Sabe o que é mais estranho?

— O quê? — pergunta o Velho Linder.

— Vou sentir falta dela.

— Sinto falta de todas as pessoas que passaram pela minha vida, Amber. Sinto mesmo. É a maldição da idade.

Percorremos o resto do caminho em silêncio e, pouco antes de voltarmos para o salão, digo:

— Você e o Velho Thompson topariam cantar uma das músicas no show de variedades do Bobby Big Boy?

— Ninguém vai querer ouvir dois velhos cantando músicas do tempo da vovó, Amber. Muito menos um velho que precisa de um cilindro de oxigênio para respirar. Cantar é coisa para os jovens. Quem iria querer me ouvir cantar?

— Eu.

O Velho Linder sorri para mim, parecendo um avô, mas seus olhos ficam tristes e se enchem de lágrimas.

Como ele não diz mais nada, dou um beijo em sua bochecha e — já no salão — dou uma volta com BBB, deixando todos verem a cicatriz enquanto fazem carinho em sua cabeça.

Depois, Triplo B e eu atravessamos os corredores deprimentes com plantas empoeiradas.

— Como foi lá hoje? — pergunta PL.

— Tudo bem. Apesar de ele ter dito que não queria, espero que o Velho Linder mude de ideia e cante no "Salvem Bobby Big Boy". Seria muito legal.

— Quem o chamou para cantar?

— Eu.

— E por que não *me* chamou para cantar?

— Você canta?

— Está falando sério? Sou profissional. Tenho uma banda e tudo o mais. Os Irmãos Trabalhadores. Costumamos tocar mais em

casamentos, mas também fazemos shows em boates.

— Que tipo de música?

— Normalmente R&B. Sou conhecida pela minha imitação da Aretha Franklin, mas canto músicas das Supremes, da Ella Fitzgerald, da Nina Simone, de todas essas cantoras famosas.

Eu me benzo e pergunto:

— PL, você é uma diva?

— Mulher, eu arraso quarteirões sempre que canto. Só continuo nesse emprego por causa do plano de saúde.

De repente, entendo que as orações do Padre Chee foram atendidas — JC mandou uma diva para mim e para as DCPC. Juro.

— Isso é verdade? — pergunto.

PL ri e me entrega um cartão. Está escrito:

Irmã Lucy e os Irmãos Trabalhadores

Há um telefone embaixo do nome.

Explico minha relação com as Divas Coreanas por Cristo, conto que pedimos a JC que mandasse uma verdadeira diva para cantar no show, e então, como uma louca, pedalo na bicicleta de Donna até a igreja do Padre Chee, dizendo a todos por quem passo que espero que o dia deles seja ótimo. Quando chego lá, esmurro a porta até PC abrir.

— Amber, o que traz você aqui em uma...

— Encontrei uma diva de verdade! — exclamo, entregando o cartão da PL.

Padre Chee lê o cartão e sorri, assentindo.

— Então Jesus nos mandou uma diva.

— Exatamente! — concordo.

— Vou cuidar de tudo — declara Padre Chee.

Ele corre ao meu lado e ao lado de BBB, que está na cestinha, até o meu bairro. Só que não vou para casa depois que PC dá meia-volta — BBB e eu vamos para a casa do Soldado Jackson.

Depois de tanto tempo com pessoas — estou cansada.

Não estou acostumada a ficar com pessoas.

Fiquei sozinha em um quarto por dois meses.

Tudo isso foi um batismo de fogo.

Quero ir para um lugar onde possa apenas estar — onde possa relaxar e absorver o milagre de ter encontrado uma diva de verdade para as DCPC.

Guardo a bicicleta de Donna nos fundos da casa do SJ e bato na porta, com BBB nos braços.

— Entre, por favor — diz SJ, enquanto faz carinho na cabeça de Bobby Big Boy. — Vou preparar o chá.

Ponho Triplo B no chão, já do lado de dentro, e, apesar de ter se

submetido a uma cirurgia pouco tempo atrás, ele sai correndo para o quarto. Ainda estou um pouco apreensiva por causa dos pontos, mas me sento no sofá sem grandes preocupações, imaginando que Bobby Big Boy conhece suas limitações.

Alguns minutos depois, o Soldado Jackson me entrega uma xícara de chá fumegante.

Tomamos a bebida em silêncio por um tempo.

Ponho a xícara na mesa de centro, me levanto, puxo um cisne de origami do bolso e o entrego a SJ.

— É lindo — diz ele. — É perfeito.

— Abra — peço.

— Não, quero deixar assim, como está...

— Eu faço outro. Tem um haicai aí dentro.

SJ assente e desdobra o cisne de origami.

Ele passa quase uma hora lendo meu último haicai, fazendo que sim com a cabeça e esfregando o queixo.

— Gostou? — pergunto, finalmente.

Ele olha para mim.

— É perfeito — diz. — Pode ler para mim?

— Está falando sério?

— Eu gostaria muito de ouvir você ler este haicai.

Pego o pedaço de papel da mão dele e leio.

— Nós choramos juntos/ As razões são diferentes/ Mas ajuda muito.

— Vou pendurar na parede — diz SJ, pegando o papel de volta.

— Mas não é sobre cães.

SJ sorri, prende meu haicai com um pedaço de fita adesiva no espaço vazio da última parede da sala e diz:

— Eu gosto de você, Amber Appleton, tanto quanto gosto de cachorros. E gosto mais deles do que das pessoas.

— E eu gosto de você, Soldado Jackson, tanto quanto gosto de cachorros.

— Então temos muita sorte — diz ele.

E ficamos sentados ali, sorrindo e tomando chá verde por mais meia hora.

BBB e a srta. Jenny saem do quarto com os olhos vidrados, zonzos, mas meu cachorro parece estar sorrindo, então dou uma risada.

— Não dá para segurar você, não é mesmo, BBB? — digo.

Pego 3B nos braços, beijo a área peluda entre suas orelhas e digo a SJ que tenho que ir.

— Vou lavar as xícaras de chá — responde ele.

Do lado de fora, ponho BBB na cestinha da bicicleta de Donna, e ele cai no sono antes que eu percorra um quarteirão.

CAPÍTULO

56

Nas duas semanas seguintes, trabalho no vestido para o baile de formatura, que vou usar também no show de variedades, então — na tentativa de terminá-lo a tempo — passo a ir à sala de trabalhos manuais antes e depois das aulas.

Franks e os Cinco comandam os testes para o show.

A Porteira Lucy e os Irmãos Trabalhadores se encontram com Padre Chee e as DCPC.

Gente que eu nem conheço vende ingressos de porta em porta.

A sra. Baxter arrecada dinheiro.

O sr. Valerie distribui panfletos e monta o programa.

E eu levo BBB para ver a srta. Jenny todo santo dia.

Bebo chá com o Soldado Jackson — e preencho aquele espaço vazio na última parede da sala de estar.

Tudo parece ir em direção a alguma coisa, mas meio que estou em um transe.

Às vezes acho que vejo minha mãe.

Sempre que vejo um ônibus escolar meu coração para.

Quando encontro uma loura falsa na multidão.

Quando fecho os olhos à noite.

Quando Donna me dá um beijo, às vezes finjo que é minha mãe. Então me sinto muito mal por ter desejado que Donna fosse minha mãe, quando a minha mãe de verdade estava viva.

Eu me pergunto se a morte da minha mãe foi um jeito de Deus realizar esse desejo.

Eu me pergunto.

E me sinto muito culpada.

Suo muito à noite.

Tremo muito de dia.

A única coisa que realmente gosto de fazer — acredite se quiser — é tomar chá verde com o Soldado Jackson. Beber em silêncio absoluto, cercada pelos meus haicais.

CAPÍTULO

57

No dia do show de variedades, termino o vestido para o baile de formatura antes da aula. É prateado, sem mangas, com cintura império e gola canoa, que mostra o pouco de colo que tenho. Quando o experimento, a professora de trabalhos manuais, sra. Tyler, diz:

— É o melhor vestido de baile já feito nesta sala. Nota dez.

Sorrio para ela e começo a ficar ansiosa para usá-lo mais tarde.

Os outros alunos passam o dia todo dando sorrisos dramáticos para mim e repetindo "Até mais tarde, Amber" tantas e tantas vezes que fica chato.

Quer dizer, adoro um bom show de variedades, mas parece que as pessoas estão realmente ficando doidas com esse do Bobby Big Boy.

Doidas demais.

Não almoço, vou direto para o Covil do Franks.

Quando entro, trinta alunos param de falar e se viram para mim.

Silêncio absoluto.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Estamos finalizando os planos para hoje à noite — explica Franks.

— Legal — digo.

— Se você entrar aqui, vai estragar todas as surpresas — diz Chad, na Das Boot.

— Surpresas, no plural? — pergunto.

— Por favor, Amber — pede Jared. — Confie na gente.

— Eu ainda vou apresentar o show? — pergunto.

— Tudo que você precisa fazer é aparecer no auditório às seis e quarenta e cinco — explica Ty.

— A que horas o show começa?

— Às oito — responde Franks. — Vemos você lá.

— Está bem — falo, me sentindo estranha e um pouco envergonhada por ter participado tão pouco dos preparativos.

Dou uma voltinha lá fora, depois assisto às últimas aulas.

Ty dá uma carona para mim e para Ricky, e, depois que passeio com BBB, tiro um cochilo daqueles. Ando muito cansada nos últimos tempos. Cochilos se tornaram a coisa que mais gosto de fazer. Juro.

* * *

Acordo com Donna berrando:

— Temos que estar no auditório em menos de uma hora!

Então me levanto e tomo um banho.

A maquiagem é aplicada.

O cabelo, arrumado.

O vestido prateado entra no meu corpo de quase mulher.

Sapatos vermelhos de salto são calçados nos meus pés horríveis.

Uma oração é feita para JC — com muita convicção e esperança.

— Por favor, ajude todos a serem quem precisam ser hoje à noite! Amém!

Ricky está de smoking.

— Você está um arraso, Ricky!

— Amber Appleton está usando um vestido prateado!

— Está pronta? — pergunta Donna.

Faço que sim com a cabeça, apenas uma vez.

Amber Appleton, Bobby Big Boy e Ricky Roberts são levados para o auditório da Escola Pública de Ensino Médio de Childress na Mercedes de Donna, com o aquecimento dos bancos do carro ligado.

Quando chegamos, vejo uma fila enorme para entrar no auditório. Não há cadeiras numeradas, então, para pegar um bom lugar, é preciso chegar cedo.

Temos que passar pela fila para chegar ao palco.

Quando a multidão me vê, começa a gritar — como se eu fosse uma rockstar.

Sem brincadeira.

Há centenas de pessoas na fila — todas olham para mim com muita solidariedade.

Passamos por um grupo de coreanos — deve ter uns quarenta deles.

Passamos por um grupo de mulheres que se parecem muito com a Porteira Lucy.

E passamos por vários cidadãos de Childress.

Quando estamos na metade da fila, um sem-noção começa a gritar:

— Amber! Amber! Amber!

Todos os idiotas começam a repetir aquilo, e fico vermelha.

Quando noto que Donna também está gritando, dou uma cotovelada nela.

— Pare — peço.

Ela ri de mim e continua gritando — como uma completa idiota.

Quando chegamos ao início da fila, Ricky entra no auditório e começo a chorar.

A primeira pessoa da fila é o Soldado Jackson.

Ele está com uma camisa amarela de botão, como sempre.

Está segurando o ingresso — como se fosse um garoto animado esperando para ver um jogo de futebol.

Ele sorri para mim, todo orgulhoso de si mesmo.

Sei que essa deve ser a primeira vez que ele é visto em público — sem contar as vezes em que passeia com a srta. Jenny, ou quando faz compras — desde que voltou do Vietnã.

— O que está fazendo aqui? — pergunto.

BBB lambe a mão dele.

SJ faz carinho na cabeça de BBB e diz:

— Eu queria ficar na primeira fila, então cheguei cedo.

— Como você ficou sabendo do show? — pergunto, porque não contei a ele sobre o evento.

— Por um garoto de barba. Ele foi até a minha casa e disse que você ficaria feliz se eu viesse hoje. Então eu vim. Por que não me falou nada?

Ty. Eu poderia beijá-lo agora.

— Acho que estava gostando demais dos nossos momentos de chá — explico.

Ajudo SJ a passar pela segurança — que é basicamente formada por um professor de educação física que não conheço e que faz musculação demais e pelo professor de história barbudo que perguntou se Ricky estava bem quando fiz cócegas nele no corredor, três meses atrás.

Dentro do auditório, Donna e o Soldado Jackson se sentam nas cadeiras do centro da primeira fileira — as melhores do auditório. Dá para ver que Donna acha o Soldado Jackson bonito, porque ela se senta de lado e se inclina um pouco para a frente, na direção dele, para que SJ possa dar uma boa olhada no decote dela.

Sorrio e levo BBB para os bastidores.

Tem um monte de gente ali:

Chad, na Das Boot, Jared, Ricky e Franks estão de smoking.

Lex Pinkston e toda a equipe de futebol americano passaram gel no cabelo, e metade deles está usando jaqueta de couro, jeans e camiseta branca — como se tivesse acabado de sair dos anos 1950. A outra metade está de calças pretas, camisa roxa de botão e sapatos sociais de bico fino.

As DCPC estão todas com lindos vestidos dourados idênticos.

Padre Chee está em seu terno de pinguim.

A Porteira Lucy está com um vestido vermelho justo e saltos de arrasar — além de apliques no cabelo e uma maquiagem superpurpurinada, o que a faz parecer com a Queen Latifah, que é completamente maravilhosa, além de ser outra mulher que admiro.

Os homens que carregam instrumentos — e que suponho que sejam os Irmãos Trabalhadores, já que são os únicos negros nos bastidores, além de Ty — estão usando terno preto e camisa branca, gravata preta fina e óculos escuros antigos, com lentes verdes. Sempre que olho para

um dos Irmãos Trabalhadores, todos balançam a cabeça como se fossem um só — como se estivessem conectados, ou coisa do tipo.

Ty está sentado a uma mesa na lateral do palco, apertando as teclas de um laptop que controla os microfones, as luzes, as cortinas e o som. Está vestido como sempre, com jeans e um casaco de moletom vermelho. Dou um sorriso para ele, porque fez o Soldado Jackson sair de casa hoje, mas está ocupado demais com o laptop e não percebe.

Vejo líderes de torcida em seus uniformes.

Dois meninos com cara de hippies carregando violões.

Um garoto cheio de espinhas usando uma fantasia de bobo da corte, com um chapéu que parece uma palmeira vermelha e amarela.

Então vejo dois velhinhos de paletó vermelho parados em um canto, sozinhos. Um carrega um cilindro de oxigênio. Corro até os Velhos Linder e Thompson.

— Vocês vão cantar hoje? — pergunto.

— Vamos abrir o espetáculo! — exclama o Velho Thompson.

— Sabe como é... — diz o Velho Linder, antes de dar um beliscão na minha bochecha.

— Achei que ninguém quisesse ouvir dois velhinhos cantando.

— Você disse isso? — pergunta o Velho Thompson.

— Aquele seu colega barbudo me convenceu do contrário — conta o Velho Linder.

Quando olho para Ty, abro um sorriso. Ele parece tão sério mexendo no laptop... Tão leal, tão dedicado, tão como um bom amigo deveria ser...

— Você tem que fazer o círculo do poder! — diz Sueng Hee, das DCPC.

Ela puxa BBB e a mim para o meio de todos.

— Alguma coisa a dizer antes da apresentação? — pergunta a Porteira Lucy.

Olho em volta, encarando todos os rostos. Alguns que amo, outros que nem conheço — e em todos posso ver claramente que precisam que eu diga alguma coisa esperançosa para que arrasem diante da escola.

— Quero agradecer a todos por terem vindo hoje — digo. — Significa muito para mim e para o Bobby Big Boy, que não está com câncer, graças a Deus.

Faço uma pausa porque sei que aquela noite exige mais de mim.

Tenho que ser mais do que uma adolescente.

Tenho que emocionar as pessoas — deixá-las animadas.

Tenho que ser uma rockstar.

Então continuo:

— Por favor, formem um grande círculo. Ponham os braços nos ombros de quem está ao seu lado. Espalhem amor, gente! Espalhem

amor! Ty, você também. Venha aqui!

Ty olha para mim lá do computador, depois assume seu lugar no círculo do poder.

Talvez haja mais de cinquenta pessoas em volta de mim e do BBB — todas abraçadas, todas me observando.

— Baixem a cabeça — peço. — Se vocês não acreditam em JC, bom, fiquem à vontade para rezar para qualquer divindade em que acreditem! Se forem ateus, como o Ricky, só me façam esse favor, está bem?

Todos baixam a cabeça, com exceção do Ricky.

Fecho os olhos e digo:

— JC, o Senhor reuniu boas pessoas aqui por uma boa causa. Por favor, esteja com todas elas hoje. Ajude essas pessoas a serem quem precisarem ser. Por favor, que a gente arrase. Por favor, que a gente emocione os outros, para que eles não peçam o dinheiro de volta. Esteja com a gente hoje, JC. Amém.

— Amém! — diz a maioria, antes de começar a soltar os que estão ao lado.

— Ponham os braços de volta onde estavam! — grito.

Todos fazem o que digo.

Começo a bater o pé esquerdo.

Pam! Pam! Pam!

Todos entram no ritmo.

Uns cinquenta pés estão batendo no chão.

O piso abaixo de nós parece se mexer.

— Se aqueles aqui reunidos estiverem animados, digam: "É!"

— É!

— Se aqueles aqui reunidos estiverem animados, digam: "É isso aí!"

— É isso aí!

— Eu não estou ouvindo!

— É ISSO AÍ!

Pam, pam, pam, pam!

— Se vocês estiverem prontos para arrasar, digam: "Uhul!"

— Uhul!

Pam, pam, pam!

Não consigo pensar em outra bobagem motivacional para falar, então termino dizendo:

— Agora todo mundo junto! Ponham a mão no meio do círculo.

Rapidamente vejo que a Das Boot vai quebrar a unidade, então me corrijo:

— Deixem pra lá. Ponham a mão na cabeça do Chad!

Todos cercamos a Das Boot.

Todos colocamos a mão na cabeça do Chad — bem, a maioria. O restante apoia as mãos nos ombros dos que puseram as mãos na

cabeça do Chad.

— Cuidado com o cabelo, pessoal — pede Chad.

— Obrigada por me ajudarem a pagar a conta do veterinário — digo. — Amo vocês. Todos vocês. No três, vamos dizer: “Chegou a hora!” Um, dois, três!

— Chegou a hora! — gritam todos.

E, quando nos afastamos da Das Boots, o grupo parece ter sido ligado na tomada.

De repente, do outro lado das cortinas, a multidão começa a gritar:

— Amber! Amber! Amber!

E penso: “Cara, eu sou mesmo uma rockstar.”

— Você está bonita com esse vestido — diz Ty.

— Obrigada. Eu que fiz — digo, antes de ele voltar para o laptop.

— O que achou da oração? — pergunto ao Padre Chee.

— Deus ficou muito feliz — responde ele.

— Como você sabe?

— Ele me contou!

— Ele comentou alguma coisa sobre tudo dar certo hoje?

— Sim. Disse que vai dar tudo certo, sim.

— O que Ele disse? — pergunto.

— Que já está na hora de você ir para o palco — diz PC, que então aponta para Franks, na beira da cortina, acenando para mim. — É melhor você correr.

Levo BBB até Franks.

— Certo, Amber — diz Franks. — Antes de cada ato, entregarei um cartão a você. Você lê as informações no cartão e depois anuncia o número do jeito que quiser. Beleza?

— Beleza — respondo.

Franks me entrega um cartão, e subo ao palco com BBB nos braços.

Um holofote me ilumina.

As luzes do auditório são diminuídas.

Vou até o microfone.

A multidão se cala.

Vejo SJ e Donna sorrindo para mim.

Ergo BBB acima da cabeça.

— Ele não está com câncer!

As pessoas aplaudem.

— Agora a gente tem que pagar o veterinário.

A multidão ri, mas não sei bem por quê.

— Obrigada por terem vindo.

Analiso o público. O auditório está lotado.

— Senhoras e senhores, hoje eu trago um número especial para vocês. Temos o apoio da banda da casa desta noite, os Irmãos Trabalhadores. Cantando o velho clássico “Makin’ Whoopee”, os dois

melhores homens que a Casa de Repouso Metodista tem a oferecer: uma salva de palmas para Albert Linder e Eddie Thompson, os famosos Casacos Vermelhos!

A cortina se ergue, e os Casacos Vermelhos começam a estalar os dedos velhos.

Os Irmãos Trabalhadores começam a tocar a música das antigas, e o Velho Thompson dispara a cantar "Makin' Whoopee" em sua linda e melosa voz dos velhos tempos.

Com o cilindro de oxigênio e tudo o mais, o Velho Linder não canta de verdade, mas, declamando, meio que ecoa as frases do Velho Thompson — e funciona.

Os Irmãos Trabalhadores também são uma banda muito boa.

Dos bastidores, observo a plateia e vejo alguns velhinhos cantando junto.

"Legal", penso.

Depois que os Casacos Vermelhos terminam a apresentação, a multidão aplaude, e anuncio várias outras atrações: alguns dos meus colegas cantam e tocam instrumentos, outros fazem coreografias e o garoto fantasiado de bobo da corte faz malabarismo com facas e bolas de tênis em chamas — o que faz Príncipe Tony se levantar. PT tenta interromper o número, mas recebe uma vaia tão ruidosa que acaba deixando o garoto ir até o fim.

Quando anuncio o número "Desafie o matemático", Ricky sobe ao palco e Franks joga umas vinte calculadoras baratas para a plateia.

— Senhoras e senhores, temos um gênio aqui esta noite — diz Franks.

— É — fala Ricky ao microfone.

— Quem pegou uma calculadora pode pedir ao Ricky que faça qualquer multiplicação. Ele fará a conta de cabeça em menos de cinco segundos e dará a resposta certa. Fiquem à vontade para conferir o resultado com as calculadoras, mas garanto que isso não será necessário.

— É — diz Ricky, posicionando-se no centro do palco com seu smoking.

Franks desce até a plateia e anda com um microfone sem fio, para o público.

— Quem quer ser o primeiro?

Um cara qualquer ergue a mão e diz alguma coisa para Franks.

— Ricky, este senhor quer saber quanto é cento e cinquenta e sete vezes quinhentos e vinte e um.

— Oitenta e um mil, setecentos e noventa e sete. É.

— Ele está certo, senhor? — pergunta Franks.

O homem digita os números na calculadora e depois faz que sim com a cabeça, impressionado.

Cinquenta mãos se erguem.

— Mil duzentos e sessenta e oito vezes doze mil novecentos e sessenta, Ricky.

— Dezesseis milhões, quatrocentos e trinta e três mil, duzentos e oitenta.

— Cinco vezes nove — pergunta um menininho.

— Quarenta e cinco — diz Ricky. — Quarenta e cinco.

— Sessenta e cinco vezes trezentos e treze mil, cento e trinta e um.

— Vinte milhões, trezentos e cinquenta e três mil, quinhentos e quinze.

— Quinhentos e sessenta e oito vírgula treze vezes quinhentos e sessenta e sete vírgula setenta e sete — pergunta um espertinho, lançando números decimais para Ricky.

— Trezentos e vinte e dois mil, quinhentos e sessenta e sete vírgula mil setecentos e um.

Ricky faz várias outras contas de cabeça — em um nível de dificuldade cada vez maior —, e responde a todas as perguntas de forma correta, até que diz:

— Ricky Roberts está com fome. — E sai do palco.

A multidão aplaude Ricky, e Donna quase explode de orgulho na primeira fila.

Há mais alguns números de canto e dança antes de eu fazer o seguinte anúncio:

— Pessoal, é um prazer apresentar meus grandes amigos Chad e Jared Fox, que vão interpretar o clássico dos Spinners, “Working My Way Back To You”, acompanhados dos Irmãos Trabalhadores e das líderes de torcida da Escola Pública de Ensino Médio de Childress!

Chad, Das Boot, Jared e os Irmãos Trabalhadores sobem ao palco.

Meus meninos estão bonitos de smoking, mas parece que Jared vai se borrar todo.

O baterista dos Irmãos Trabalhadores começa a música, e o baixista toca algumas notas animadas.

Com uma voz muito afetada, na Das Boot, Chad começa a cantar sobre o quanto está dando duro para reconquistar sua mulher.

Quando o irmão começa a cantar, Jared começa a bater palmas e meio que a passar o peso de um pé para o outro.

De repente, a equipe de líderes de torcida atravessa o palco dando estrelas — as saias voando para cima e para baixo.

É a coisa mais estranha que já vi.

Enquanto Jared e Chad cantam, as líderes de torcida fazem todo tipo de acrobacia — jogam umas às outras no ar, constroem pirâmides humanas e fazem polichinelos animados com pompons.

A plateia se levanta e começa a dançar.

Meus meninos são um sucesso!

Chad circunda as líderes de torcida com a Das Boot, cantando para elas.

Jared ainda está passando o peso de um pé para o outro, fazendo a segunda voz para o irmão mais confiante — ele meio que parece prestes a ter um ataque cardíaco.

E não consigo deixar de rir.

Quando a música termina, a multidão vai à loucura, e Franks me entrega o cartão seguinte.

Subo ao palco e digo:

— E agora, para recriar algumas cenas de *Amor, sublime amor*, senhoras e senhores, apresento-lhes a *equipe de futebol americano*?

Lex e vários de seus colegas sobem ao palco usando camisa roxa e sapatos sociais bicudos — estalando os dedos, agachados e meio furtivos.

O restante do time entra pelo outro lado do palco, usando jaqueta de couro e jeans — também estalando os dedos, agachados e meio furtivos.

O que se segue é uma batalha de rua orquestrada por incríveis movimentos de dança e uma espécie de jazz que faz o coração acelerar.

E, enquanto observo o time de futebol americano interpretar algumas cenas de *Amor, sublime amor*, fico impressionada com o quanto eles são bons. São profissionais pra caramba.

Quando o brilho dos canivetes falsos cintila, a plateia está em polvorosa, já quase se levantando das cadeiras!

Esses garotos nasceram para estrelar musicais!

De repente, entendo por que nossa equipe de futebol americano nunca vence os jogos.

Os Jets e os Sharks recebem uma salva de palmas trovejante enquanto se dão os braços e fazem uma reverência no centro do palco. E devo dizer: estou impressionada.

— Senhoras e senhores — começo —, chegamos à atração principal, que mistura dois grupos muito talentosos, todos de pessoas que conheço muito bem e amo muito. Aqui estão as Divas Coreanas por Cristo e Irmã Lucy e os Irmãos Trabalhadores!

A plateia aplaude enquanto a cortina é suspensa.

Os instrumentos de corda e os metais estão à direita do palco; a bateria está no meio, ao fundo; as DCPC estão alinhadas sobre uma plataforma, em sua glória dourada, à esquerda do palco; e a Irmã Lucy está na frente, segurando um microfone.

— Venha aqui, Irmã Amber — pede ela.

Carrego BBB até o meio do palco, e Irmã Lucy põe o braço em volta dos meus ombros.

— Bom, dizem que o caminho para o coração de uma mulher é dar

muito chocolate a ela — diz PL, fazendo a plateia rir com a piada. — Antes de saber que eu era uma diva, quando achava que eu era só a porteira de uma casa de repouso para velhinhos, quando ela mesma não tinha casa, toda semana Amber trazia um chocolate quente e uma barra de Snickers para mim. Pode não parecer muito para alguns, mas eu gostava bastante. Esperava ansiosa por isso, toda quarta-feira. Sinto muito pelo que aconteceu com a sua mãe, Irmã Amber. Não é justo. Então, essa aqui é para você.

Quando Lucy me solta, ando até a lateral do palco, e um órgão elétrico começa a tocar.

Olho para o lado dos metais, onde fica o teclado, e percebo que Padre Chee está tocando — ele está tocando com a banda!

A Irmã Lucy começa a cantar. Sua voz é profunda, melodiosa e divina.

Está cantando sobre Maria.

As DCPC fazem movimentos lentos com as mãos, que não fui eu quem ensinou, e cantam com Irmã Lucy de um jeito lindo, como profissionais!

É uma versão R&B de "Let It Be", dos Beatles.

Os Irmãos Trabalhadores entram com a bateria, o baixo e a guitarra e, por último, com os trompetes. O público agora está de pé. As mãos de todos estão erguidas e balançando de um lado para outro.

Ouço a letra e entendo o que a Irmã Lucy está querendo dizer — então começo a chorar como um bebê.

Jared me abraça durante o solo de saxofone.

Sentado na Das Boot, Chad estende a mão e segura a minha.

BBB lambe meu pescoço.

No fim da música, a Irmã Lucy começa a forçar a barra pra valer — exibindo a voz —, e é quando percebo que ela é uma verdadeira diva.

Fico muito orgulhosa das DCPC, que estão lindas e cantando superbem.

There is still a light that shines on me, canta a Irmã Lucy. E penso que é verdade: uma luz ainda brilha sobre mim.

Enquanto ouço a Irmã Lucy cantar — junto com as DCPC —, sinto que JC está comigo e que tudo vai ficar bem, de algum jeito.

É um momento bem poderoso.

Talvez até sagrado.

Então a música acaba.

— *Let it be*, Irmã Amber. Deixe estar — diz a Irmã Lucy para mim, antes de se virar para a multidão e gritar: — Escola Pública de Ensino Médio de Childress, vocês estão prontos para se acabarem?

A multidão aplaude, e Padre Chee, no teclado, faz uns acordes de piano animados e das antigas. Os Irmãos Trabalhadores entram com tudo, e a Irmã Lucy começa a arrasar com "Think", de Aretha

Franklin.

As DCPC mexem os ombros, os quadris, fazem círculos com as mãos abertas e, sempre que a Irmã Lucy aponta para elas, gritam “Think!” ou “Freedom!”. Estão mandando bem pra caramba — fico impressionada.

A plateia vai à loucura.

Tem gente dançando nos corredores.

Todos estão de pé.

E, quando olho para a primeira fila, Donna está dançando com o Soldado Jackson. SJ é péssimo, mas está dançando! Isso é um milagre!

Então começo a dançar com Jared, Chad e BBB — e até tento fazer Ricky dançar, mas não dá muito certo.

A Irmã Lucy canta “Come See About Me”, “Baby Love”, “O-o-h Child”, “I Want You Back”, “(Sweet Sweet Baby) Since You Been Gone”, “Freeway of Love” e, quando começa “Respect”, todos no palco estão encharcados de suor — e todos na plateia também.

Dá para dizer, oficialmente, que o público no auditório da escola se acabou.

A Irmã Lucy arrasa com a música mais conhecida de Aretha Franklin, e as DCPC também brilham, fazendo todo tipo de movimento com as mãos e os ombros, demonstrando uma tonelada de atitude e cantando: *Sock it to me, sock it to me, sock it me. Just a little bit. Just a little bit.*

Quando o grupo para de cantar, a multidão aplaude e assobia por dez minutos. As DCPC estão sorrindo de orelha a orelha, orgulhosas.

JC definitivamente está aqui hoje.

A irmã Lucy anuncia os nomes dos integrantes da banda e das DCPC, fazendo todos os coreanos presentes berrarem como loucos, o que me faz perceber que as famílias de todas as Divas Coreanas por Cristo vieram apoiá-las, graças — é claro — ao Padre Chee. Então penso: “Que legal, a gente está reunindo as pessoas hoje.”

Não posso acreditar em como o “Salvem Bobby Big Boy” deu certo.

Estou tão impressionada.

Tão agradecida.

Então Franks diz que Ty vai colocar o valor total que arrecadamos na grande tela de cinema no fundo do palco, e que tenho que agradecer à plateia por todos terem vindo. Faço isso com BBB nos braços.

Quando me viro e aponto para a tela, atrás da bateria dos Irmãos Trabalhadores, Ty mexe no computador e os números US$ 0000,00 começam a girar na tela enorme. “We’re Not Alone”, que quer dizer “Não estamos sozinhos”, da Dinosaur Jr., começa a tocar no último volume, provavelmente porque Ty sabe que é uma das músicas que mais gosto no mundo.

US$ 375,15 aparece na tela.

A plateia aplaude.

Balanço a cabeça e penso: “Nada mau.”

Mas aí os números começam a girar de novo.

US$ 657,15

Beleza!

A plateia aplaude ainda mais.

US$ 2.019,89

A plateia aplaude e começa a gritar, enlouquecida.

US$ 3.998,23

Atingi a meta!

Estou tão feliz!

US$ 5.002,11

Como a gente conseguiu tanto dinheiro?

O que vamos fazer com o que sobrar?

Olho para trás das cortinas do palco, e Franks e os Cinco estão sorrindo para mim. A plateia aplaude, indo à loucura. Todos sorriem, e noto que algumas pessoas estão chorando, o que me dá uma sensação muito estranha.

US$ 7.628,54

Isso não pode estar certo.

US$ 23.425,76

Quase caio dura no chão.

US$ 62.981,72

— *O que está acontecendo?* — grito para Franks, meio que rindo, porque sei que a gente não pode ter arrecadado tanto dinheiro assim.

Ele pisca para mim dos bastidores.

US$ 121.521,09

De repente noto que há câmeras nos corredores, trazidas por jornalistas e equipes de televisão.

US$ 215.671,87

O último número brilha na tela várias vezes, e a palavra “Total” aparece por alguns segundos.

De repente, Bobby Big Boy e eu estamos parados no palco, sozinhos, e o auditório fica em silêncio absoluto.

A tela se apaga.

“Que merda é essa que está acontecendo?”

As seguintes palavras aparecem na tela:

Uma mensagem da adversária de Amber

De repente, a cabeça de Joan das Antigas aparece na tela, e fico bizarramente chocada, por razões óbvias. A filmagem foi feita em close, então o rosto enrugado dela está gigantesco. Posso ver o

travesseiro atrás da cabeça, e parece que ela está com dificuldade para respirar. As pálpebras enrugadas estão muito rosadas e a pele parece cera, ou algum queijo velho.

— Eu já devo estar morta agora — diz a enorme cabeça rosada, enrugada e sem olhos de Joan das Antigas. — Para quem não sabe, Amber e eu disputávamos uma batalha toda quarta-feira à tarde. Os amiguinhos estranhos dela gravaram isso há alguns dias, o que foi bem-pensado, porque agora já devo estar morta e enterrada, é claro, mas principalmente porque jurei fazer Amber chorar antes de morrer, e sempre cumpro a minha palavra, srta. Appleton, Princesa da Esperança. Hoje será o dia em que vou derrotá-la de uma vez por todas. Os médicos disseram que cheguei ao fim da linha. E já estava na hora. Meu corpo vai voltar ao pó. E já vai tarde! Bom, soube que a cidade vai fazer algum tipo de reunião para você, por causa do que aconteceu com sua mãe e porque você estava sempre tão a postos que agora não consegue mais se defender, como disse Nietzsche. Soube que você perdeu a esperança e, apesar das minhas ideias filosóficas, é jovem demais para isso. O que esperar da velhice, se você se tornar niilista antes dos dezoito?

Joan das Antigas começa a tossir muito feio, mas se recupera.

— Quero dizer duas coisas para você antes de morrer. Primeiro: meu Lawrence era professor de filosofia alemã, por isso sou tão obcecada por Nietzsche. E aqui está uma citação que nunca cheguei a compartilhar: "Devemos considerar perdido todo dia em que não dançamos pelo menos uma vez. E devemos chamar de mentira toda verdade que não for acompanhada por pelo menos um sorriso." Era a citação favorita do meu Lawrence. Ele dançava comigo pela casa, todas as noites. Todas. As. Noites. E como a gente ria... Ele era um homem lindo, morreu jovem demais, mas teria amado você de paixão. Continue fazendo as pessoas rirem, Amber. Pelo menos até ficar velha e grisalha. Ria de si mesma, e os outros sempre rirão com você. Mesmo as velhas fracassadas e más, como eu.

Joan das Antigas tosse de novo.

— Segundo: tenho algum dinheiro sobrando. E vou deixar tudo que tenho para o Fundo Comunitário Universitário Amber Appleton, que seus amigos criaram sem que você soubesse. Meu filho, Teddy, não me faz uma visita há onze anos, então ele que vá à merda! Tchau, tchau, Amber! Vejo você no inferno.

Joan das Antigas dá o último sorriso de uma mulher à beira da morte — que é lindo e enorme — e diz:

— Dessa vez eu peguei você de jeito, não foi?

Choro no palco, apesar de não ter certeza do que está acontecendo.

A imagem corta para o salão da casa de repouso. Meus velhos amigos grisalhos que ainda podem andar estão reunidos em torno dos

amigos grisalhos presos a cadeiras de rodas. Com o cilindro de oxigênio ao lado, o Velho Linder dá um passo à frente e diz:

— Garota, você era a única que vinha nos visitar quando precisávamos dar umas boas risadas. A vida é uma corrida muito, muito longa, e a chegada costuma ser bastante solitária. Até nosso próprio sangue, muitos dos filhos e filhas, nos abandonaram em algum momento, então, quando soubemos o que tinha acontecido com sua mãe, resolvemos colocar você em nossos testamentos. Alguns doarão mais que outros, mas você poderá pagar a mensalidade da Bryn Mawr por pelo menos cinco anos. E talvez sobre alguma coisa para a faculdade de direito.

A plateia aplaude, as equipes de televisão filmam tudo, mulheres choram, e eu ainda não tenho certeza de que merda é essa que está acontecendo.

Então Franks e os Cinco sobem ao palco.

Franks está com um microfone. Ele começa a falar:

— Eu nunca conheci uma pessoa com mais energia. Nunca conheci uma pessoa com mais esperança e amor no coração. Nunca conheci uma pessoa que merecesse mais do que Amber Appleton. Ela nunca se coloca em primeiro lugar. Está sempre inventando algum plano maluco para ajudar os outros, queiram eles ou não. Bom, Amber, dessa vez foram os Cinco que inventaram um plano para ajudar você, agora que você está precisando.

Ricky, Chad na Das Boot, Jared, Ty e Lex Pinkston, que está vestido de membro de gangue porto-riquenha, sorriem para mim.

— Você é amada, Amber Appleton — diz Franks.

— Então esse dinheiro é para mim? — pergunto.

— É para pagar sua faculdade.

— E a cirurgia do Bobby Big Boy? Como vou pagar por isso?

— Ela quer saber como vai pagar pela cirurgia do cachorro — informa Franks, ao microfone.

A plateia começa a rir — parece que todos entenderam a piada, menos eu.

O dr. Weissmuller se levanta, da terceira fila, sorri e grita:

— É por conta da casa!

A plateia aplaude de novo, e algum idiota engraçadinho começa a gritar:

— Discurso! Discurso! Discurso!

O grito se espalha, e Franks me entrega o microfone.

Ainda estou chorando um pouco.

— Obrigada, pessoal. Não tenho muita certeza de que isso está acontecendo de verdade, nem do que significa exatamente. Espero que minha mãe esteja olhando pela gente, hoje — digo, então faço uma pausa, porque começo a chorar um pouco mais.

Engulo em seco e penso na minha mãe.
Ela teria gostado de ver isso.
Teria caído durinha no chão quando o último número apareceu na tela.
— Não sei mais o que dizer. Estou sem palavras. Obrigada.
Entrego o microfone de volta para Franks, e ele encerra o show:
— Obrigado a todos por terem vindo. Vocês me deixam orgulhoso de morar em Childress, uma cidade que cuida de seus moradores. Tenham uma boa volta para casa!
E, antes que Franks perceba o que estou prestes a fazer, dou um abraço de urso nele, bem no meio do palco, enfiando o rosto molhado de lágrimas em seu peito e envolvendo metade de sua barriga enorme com os braços.
O que me surpreende é que ele me abraça de volta. Sorrio e fecho os olhos — saboreando o momento.
— Você é gente boa, Franks — digo. — É mesmo. Sério.
— E que tal distribuir um pouco desse amor para a gente, querida? — pergunta Chad.
Mas, antes que possa responder, sou cercada por um monte de repórteres, que enfiam câmeras na minha cara e fazem todo tipo de pergunta pessoal sobre a minha mãe.
Antes que eu possa pensar no que fazer, Donna está no palco, berrando:
— Minha cliente não tem nenhuma declaração a fazer no momento! Meninos, vamos tirar a Amber daqui!
Então me despeço depressa de todo mundo: SJ, PC, as DCPC, PL, os Irmãos Trabalhadores, o Velho Thompson e...
— Saia logo daqui, antes que esses repórteres linchem você! — berra o Velho Linder, antes de apertar meu ombro, como sempre faz.
Os Cinco me tiram logo dali, deixando a Das Boot para trás, porque ela não caberia na Mercedes de Donna. Sem problema. O sr. Fox levará a Das Boot para casa na van da família Fox.
No carro, faço carinho em BBB, abraço meus meninos e agradeço por terem feito todos participarem do show, por terem filmado Joan das Antigas e por terem arrecadado dinheiro para pagar minha faculdade, o que é bizarramente incrível. Até agradeço a Lex, que ainda está vestido de membro de gangue porto-riquenha e, de algum jeito, espremido no carro com a gente — fazendo com que o grupo seja os Seis, e não mais os Cinco.
Donna exclama:
— Sundaes na minha casa!
Depois de uma rápida parada no supermercado, lavo as mãos, faço sundaes decentes para meus meninos na cozinha da Donna, e, por fim, comemoramos a noite dividindo sorvete e brincando de espadachim

com as colheres. Sério.

Depois que todos terminam de comer, os meninos vão para o quarto do Ricky jogar Halo 3, e Donna e eu lavamos a louça na cozinha.

— O que foi que aconteceu hoje? — pergunto.

— A cidade de Childress se juntou e tentou fazer o melhor que podia para consertar uma coisa errada. E não estou nem falando do dinheiro. O pessoal se reuniu no auditório e doou o próprio tempo para mostrar que se importa.

— Por quê?

— Porque a maioria das pessoas é boa — explica Donna, me passando uma tigela enxaguada.

Eu a coloco no lava-louça e digo:

— Eles consertaram uma coisa errada?

— O que você acha?

— Isso não vai trazer minha mãe de volta. Nem apagar o que aconteceu. E ainda acho que foi uma coisa estranha e horrível. Muita doideira.

— Não, não vai. E é, é, sim.

— E eu vou poder mesmo ficar com todo aquele dinheiro? — pergunto, enfiando um punhado de colheres na cestinha do lava-louça.

— Não — responde Donna, enxaguando a última tigela de sorvete. — Você tem um fundo que pode usar para pagar as mensalidades da faculdade e da pós-graduação. Redigi todos os documentos.

— O que acontece se eu não usar o dinheiro?

— Por que você não usaria o dinheiro? Ainda está planejando estudar na Bryn Mawr e depois ir para Harvard, não está?

— É, mas talvez eu consiga uma bolsa. Como você.

— Eu pensei nisso.

— Pensou?

— Se você conseguir bolsa integral para a faculdade, pode doar o dinheiro para a instituição que escolher.

— É mesmo?

— Mesmo.

— Então eu poderia, tipo, doar o dinheiro todo para o departamento de negócios da escola, para o Franks poder construir uma sala de aula incrível e sair do porão? Ou, pelo menos, para abrir umas janelas lá e não ter que comprar todo o equipamento com o próprio dinheiro?

— Você poderia fazer alguma coisa assim. Claro.

Sorrio, pensando em todas as coisas boas que vou poder fazer pelos outros com aquele dinheiro.

CAPÍTULO

58

Quando chega o dia do baile de formatura, Donna aluga uma limusine para mim e para o Ricky. Uso o vestido prateado. Ricky usa o smoking. Donna compra flores para a gente. Tiramos uma tonelada de fotos no quintal e vamos para a casa do Ty, para buscá-lo. Ele ainda está de barba, mas está lindo de smoking azul-marinho. O sr. e a sra. Hendrix tiram fotografias do Ricky, do Ty e de mim por quase uma hora, e depois vamos de limusine até a casa do Jared e do Chad, onde eles estão esperando com as meninas que convidaram: Carla Winslow e Sally Craig, líderes de torcida. As meninas são umas cabeças de vento metidas, mas, pelos meus meninos, sou superlegal com as duas. O sr. e a sra. Fox tiram fotos de todos nós em várias poses por mais uma hora, e aí voltamos para a limusine e finalmente vamos para o salão do Hilton local, onde acontecerá o baile. O sr. Fox nos segue na van, transportando a Das Boot para Chad.

Quando chegamos, colocamos Chad na Das Boot e fazemos nossa entrada.

Franks é um dos professores que está acompanhando a festa, o que significa que precisa conferir nosso bafo para saber se bebemos.

Por isso, entramos todos cambaleando, fingindo que estamos trêbados.

— Quer um pouco de vodca? — pergunto a Franks.

— Provavelmente vou precisar de um pouco no fim da noite — responde ele, fazendo todos rirem.

— Como estou, Franks?

— Todos vocês estão lindos — diz ele.

Carla e Sally dão risada.

Na festa, comemos comida boa, dançamos ao som da música que o DJ toca, nos misturamos com Lex Pinkston e todos os jogadores da equipe de futebol, assim como suas acompanhantes, líderes de torcida. Divido as músicas lentas igualmente entre Ricky e Ty. E, quando tocam "Always and Forever" no fim, todos os membros dos Cinco, Sally e Carla dançam em um grande círculo, de braços dados — e os professores observam, esperando para ir embora. É uma grande bobagem, na verdade.

Quando o baile acaba, colocamos a Das Boot na van dos Fox, entramos na limusine e vamos até a casa de praia dos pais do Ty, em Long Beach Island ou LBI. O sr. Fox nos segue com a Das Boot, porque

é um bom pai.

A casa dos pais do Ty é bem na beira da praia, então, depois que colocamos a Das Boot dentro de casa e o sr. Fox vai embora, colocamos Chad no canguru e vamos para a praia observar as estrelas.

Descalços, mas ainda em nossos smokings e vestidos, corremos pela beira da água e deixamos o mar lamber nossos tornozelos — rindo e cantando como as crianças que somos.

Decidimos passar a noite toda na praia, para ver o sol nascer.

Escolhemos um lugar na frente da casa dos pais de Ty.

Nos deitamos na areia, formando uma grande pilha de adolescentes.

Olhamos para o Universo e ficamos bem quietinhos, encantados.

Todos caem no sono, menos eu. Penso na minha mãe. Eu me levanto e choro um pouco na beira do mar, para que os outros não escutem.

Depois de alguns minutos, Ty aparece e passa o braço ao redor dos meus ombros — de um jeito meio fraternal.

Quando me viro, surpresa, ele me abraça. Então choro em sua camisa engomada demais. A barba da amizade arranha minha testa.

Horas depois, o sol nasce.

Ty e eu estamos apenas sentados juntos em uma duna de areia.

Quando os Cinco nos encontram, desperto da minha tristeza e grito:

— Vou preparar o café da manhã!

E faço omeletes maravilhosas para todo mundo.

CAPÍTULO

59

Depois de pesquisar na internet, descubro que preciso preencher um pedido e conseguir que ele seja aprovado para receber permissão para visitar alguém em uma prisão de segurança máxima. Precisamos ler um monte de regras e concordar em seguir todas, assinando um documento. Quem não tem dezoito anos precisa que um guardião também assine o formulário. E, como não quero que Donna nem ninguém mais saiba que vou visitar o assassino da minha mãe, espero até meu aniversário de dezoito anos para preencher o formulário e enviá-lo — o que faço depois do churrasco que Donna organiza para mim, no quintal.

Minha festa de dezoito anos é meio grande, já que o Velho Linder, o Velho Thompson e alguns velhinhos da casa de repouso comparecem, e as DCPC trazem as famílias, junto com PC. A família de Franks também aparece, assim como os Cinco, é claro, junto com vários dos meus colegas de turma, Príncipe Tony e a sra. Baxter. Até SJ e a srta. Jenny aparecem, o que é bem legal, porque Donna está usando seu vestido sexy de verão, e aproveita para flertar com SJ, que não vai embora cedo. A Irmã Lucy e os Irmãos Trabalhadores fazem um repeteco ao ar livre, junto com as Divas Coreanas por Cristo, que arrasam de um jeito megabizarro e fazem os vizinhos saírem de suas casas e virem até o quintal. Fico envergonhada com tantos presentes incríveis. E mais tarde, naquela noite, depois que todos vão embora, preencho o formulário da prisão e o coloco na caixa de correio — é meu presente para mim mesma.

O assassino da minha mãe também tem que concordar em me ver, e tenho medo de ele se recusar a fazer isso.

Também tenho medo de que Donna receba a resposta para a carta, então, todo dia, às duas da tarde, quando costumam entregar a correspondência, dou uma escapada da sorveteria Rita's, onde estou trabalhando durante o verão, e confiro a caixa do correio, para Donna não interceptar a carta da prisão.

Depois de algumas semanas de espera, recebo uma resposta oficial.

A carta determina uma data e um horário.

Tenho direito a uma visita de quinze minutos sem contato — o que significa que estaremos separados por um vidro. Por mim, tudo bem.

Só preciso de cinco minutos com o assassino da minha mãe, então tudo tranquilo.

No dia anterior à visita sem contato, ligo para Ty e pergunto se ele pode faltar ao trabalho em uma das filiais do banco de seu pai — onde está trabalhando durante o verão, das nove às cinco, como caixa. Pergunto se ele pode me levar a um lugar secreto e se promete não contar a ninguém enquanto estiver vivo. Em troca, finalmente aceitarei o convite para ir ao Friendly's, como nos velhos tempos, para ele poder, por fim, tirar a barba da amizade. Não fomos ao Friendly's desde que minha mãe morreu.

— A que horas quer que eu pegue você?

— Às oito da manhã. E lembre-se de encher o tanque.

— Beleza.

Na manhã seguinte, ligo para meu chefe no Rita's e digo que estou com problemas femininos, para que ele não faça nenhuma pergunta, e ele não faz mesmo.

Ty barbudo aparece na hora certinha.

— Para onde a gente vai? — pergunta ele.

— Pegue a rodovia no sentido norte.

— Beleza — responde Ty, antes de sairmos.

Indico o caminho durante quase duas horas. Quando estacionamos na prisão de segurança máxima, ele me pergunta:

— Hã, Amber. O que é que a gente está fazendo aqui?

— Tenho uma visita sem contato marcada com o assassino da minha mãe.

— Como é que é? Por quê?

— Porque preciso olhar bem para aquele cara e depois seguir em frente.

— Não sei se isso é uma boa ideia.

— Confie em mim.

— Amber, hã...

— Só espere aqui, está bem? Volto em menos de uma hora.

— Não estou gostando nada disso — diz Ty.

Noto que a barba da amizade já está com mais de quinze centímetros. Ela tem que sumir — e logo.

— Prepare-se para tirar essa barba — aviso, antes de atravessar o estacionamento.

Ty grita meu nome algumas vezes, mas não me segue até a prisão.

Dentro do prédio, tenho que passar por um detector de metais, mostrar a carteira de motorista, a carteirinha de estudante e a carta de permissão para a visita — então sou apalpada e revistada por uma mulher grande e uniformizada, que também está armada.

Quando conclui que não estou trazendo armas — que sou apenas uma menina indefesa —, ela me leva por um corredor e me faz passar por duas portas vigiadas e trancadas.

— Visitante entrando. Revistada. Tudo certo! — grita ela.

No fim do quarto corredor, ela abre uma porta e diz:

— Pode entrar. Vou esperar você aqui.

Pouco antes de entrar na sala, fico muito nervosa e, por alguma razão, não consigo fazer com que minhas pernas me levem para a sala de visitas, então, para me dar coragem, eu me lembro do melhor momento entre Amber e sua mãe.

Eu não ia contar isso, mas o último namorado da minha mãe — o babaca do Oliver —, bem, na verdade, ele não nos expulsou de casa.

A história toda foi mais ou menos assim:

Minha mãe, BBB e eu estávamos assistindo ao episódio piloto de *Buffy, a Caça-Vampiros*, porque eu tinha pegado emprestado o DVD da primeira temporada com Jared e Chad. Buffy estava prestes a salvar a amiga, Willow, dos vampiros quando o babaca do Oliver chegou em casa e disse que queria assistir ao jogo dos Sixers. Então, no mesmo instante, desliguei o DVD — bem na parte boa — e entreguei o controle, já que o apartamento e o DVD eram dele, e eu realmente não estava a fim de discutir com o Oliver, porque ele era um pé no saco e sempre vinha com algum xingamento maldoso, sempre enfiando o dedo na ferida.

Ele trocou de canal e colocou no jogo, o que nem me incomodou tanto, já que o babaca do Oliver praticamente controlava a televisão sempre que estava em casa, então eu não esperava nada diferente. Mas minha mãe estava meio que gostando de *Buffy* depois de assistir à sexta temporada — que Chad e Jared tinham me dado de aniversário no ano anterior, dizendo que a sexta temporada era a melhor, porque tinha o episódio musical “Once More, With Feeling”. Na verdade, tinha sido ideia da minha mãe pedir a primeira temporada emprestada aos meninos, para que a gente pudesse assistir à série toda na ordem, mãe e filha.

Acho que talvez minha mãe se amarrasse naquela série porque a Buffy arrasa demais para uma menina comum, mesmo sendo caça-vampiros. Ela é mesmo um exemplo para as mulheres. Mas também é pé no chão. Pode até ser uma super-heroína, mas ainda sai com os amigos nerds Xander e Willow, que são muito reais, mesmo quando um se apaixona por um demônio e a outra se torna uma bruxa poderosa. Então meio que dá para acreditar na Buffy — como se ela fosse de verdade —, mesmo que ela mate vampiros e monstros e more na Boca do Inferno. A série dá esperança a mulheres comuns como eu e minha mãe. Não é? Pois é.

Assistimos ao jogo por um tempo, sem ninguém dar um pio. Então o idiota do Oliver foi para a cozinha e não voltou.

— Por que você fez a gente tirar a *Buffy*, se não vai assistir ao jogo de basquete? — berrou minha mãe para o seu homem.

— Estou ouvindo daqui — respondeu o babaca, da cozinha,

enquanto fazia um sanduíche.

Fiquei chocada quando minha mãe se levantou do sofá, pegou o controle de volta e deu play outra vez no DVD.

O babaca do Oliver voltou para a sala com um sanduíche na mão e gritou:

— Eu estava assistindo ao jogo!

— A gente estava vendo *Buffy* — respondeu minha mãe, o que me surpreendeu, porque ela nunca batia de frente com ninguém.

— Quando você começar a pagar parte do aluguel, vai poder controlar a TV — respondeu Oliver. — Você é responsável por duas das três pessoas que moram aqui, mas não paga nem metade das contas. Então, enquanto eu pagar a conta da TV a cabo *sozinho*, a gente vai assistir ao jogo dos Sixers sempre que estiver passando.

Oliver meio que empurrou minha mãe para o lado, tirou o DVD da *Buffy* e o jogou para mim como um frisbee, mas com força demais. O disco subiu, bateu na parede acima da minha cabeça e caiu atrás do sofá. BBB começou a latir.

— Qual é, cara? — perguntei, exaltada. — Isso nem é meu. Você vai ter que comprar um novo, se tiver arranhado.

O babaca do Oliver apontou para o aparelho de DVD e disse:

— Esse aparelho também não é seu. Nada neste apartamento é seu. Você não tem nada além desse vira-lata que encontrou. E, se não fosse por mim, estaria dormindo na rua. Não se esqueça disso.

— Eu trabalho — retruquei.

— E eu fico com o dinheiro que você ganha com o sorvete? — perguntou o babaca, como se fosse um herói.

— Não.

— Então... — concluiu Oliver, antes de voltar a se sentar.

Olhei para minha mãe e vi que ela tinha se cansado daquele babaca, mas eu não estava pronta para ouvir o que ela disse em seguida.

— Amber, vá até seu quarto e enfie todas as suas coisas em sacos de lixo. Pegue tudo que é seu. Não se esqueça do cobertor.

— Por quê? — perguntei.

— Porque vamos embora — respondeu minha mãe, com um olhar muito determinado no rosto.

— E vão morar onde? — perguntou o babaca do Oliver, dando uma risada, exibindo a boca cheia de carne meio mastigada que tinha sobrado do almoço, rindo da gente. — *No seu ônibus?*

Minha mãe entrou na cozinha. Eu a segui. Quando ela pegou os sacos de lixo embaixo da pia, entrou no próprio quarto e começou a enfiar todas as roupas que tinha neles. BBB e eu fomos para o meu quarto e fizemos o mesmo. Não tínhamos tanta coisa assim, então só enchemos seis sacos.

Agasalhadas e com os sacos na mão, passamos pelo babaca do

Oliver, que disse:

— Você vai voltar. Até daqui a algumas horas.

Saímos do condomínio do Oliver, e minha mãe beijou minhas bochechas, pôs as mãos na minha cabeça e falou:

— O Oliver era um babaca. Peço desculpas por ter feito você morar com ele por tanto tempo. A gente nunca mais vai voltar para aquele apartamento. Eu prometo.

Sorri para ela e, por alguma razão, nós duas começamos a chorar bem ali na calçada, abraçadas, enquanto BBB observava.

— Pode levar algum tempo, Amber — sussurrou minha mãe, ao meu ouvido —, mas vou arranjar um apartamento só para a gente. Vamos conseguir nos virar sem o Oliver. Vou arranjar um emprego melhor ou, quem sabe, um homem melhor. Alguma coisa boa vai aparecer para a gente.

— Eu sei — respondi.

Mas a verdade era que estava com muito medo, porque o bafo dela fedia a álcool, e eu meio que entendia, sem que minha mãe precisasse dizer, que bem ali, naquele momento, estávamos oficialmente desabrigadas. Mas também estávamos livres, e o fato de minha mãe ter enfrentado Oliver e se arriscado... bem, era uma coisa que eu respeitava. Aquilo era de arrasar — e bem no estilo Buffy. Ou pelo menos foi o que pensei na hora, três semanas antes de a minha mãe pedir ao babaca do Oliver para a gente voltar para o apartamento e ele recusar, mesmo depois que minha mãe me levou até lá e implorou para ele nos deixar ficar, nem que fosse pelo bem da filha dela.

— Prometa uma coisa para mim — pediu minha mãe, me olhando nos olhos e ainda segurando meu rosto, cinco minutos depois de termos saído daquele lugar pela primeira vez. — Você nunca vai deixar homem algum tratá-la do jeito que o Oliver me tratava.

— Não vou.

— Diga para mim que não vai viver com medo, que vai crescer e ter uma vida melhor do que a sua mãe poderia imaginar.

— Pode deixar — respondi.

Nós duas estávamos chorando em público, com nossos pertences em seis sacos de lixo ao redor, e, por alguma razão, bem ali, naquele momento, senti que estava me despedindo da minha mãe, que ela tinha chegado a um ponto de onde ninguém volta — que, para ela, aquilo era o começo do fim, ou algo assim. Era como se ela tivesse surtado — como se sua cabeça tivesse se revoltado contra si mesma, e minha mãe soubesse disso. Era como se estivesse no leito de morte, em algum filme bobo, e eu jurasse realizar seus últimos desejos. Mas também era meio que um começo para mim, porque o que prometi para minha mãe... Não fiz aquilo da boca para fora, na época, e continuo levando a sério.

Então, parada na entrada da sala de visitas da prisão, pouco antes de encarar o assassino da minha mãe, respiro fundo — me lembrando de tudo que aconteceu, de tudo a que sobrevivi, de como me tornei forte — e, mais uma vez, digo:

— Não vou. Pode deixar.

Quando entro na sala, outro segurança — um cara novo e magrelo — me leva até uma pequena cabine, que meio que parece uma escrivaninha, com divisórias que me separam dos outros visitantes, apesar de não haver outros visitantes no momento.

O assassino da minha mãe... Ele está sentado do outro lado do vidro grosso, me encarando.

Na escrivaninha há fones de ouvido com um pequeno microfone que fica pendurado na altura da boca — como os que os pilotos de helicóptero usam.

O assassino da minha mãe já está com o dele.

Está me encarando — inexpressivo.

Óculos marrons enormes.

Cabelo bagunçado.

Macacão laranja.

Os punhos estão algemados ao cinto que contorna sua barriga.

Tento não pensar no que ele fez com minha mãe, mas não consigo — uma onda de raiva percorre meu corpo.

Respiro fundo algumas vezes.

Ele indica o fone com a cabeça e balbucia as palavras: PONHA ISSO NA CABEÇA.

Olho nos olhos dele e estremeço.

Não há nada ali.

Ele não é humano.

É uma coisa.

Não sobrou nada em seus olhos.

Nada.

Ele é um monstro.

Está vendo a filha de sua última vítima — e nenhuma emoção aparece em seu rosto.

Nada.

Então não coloco o fone.

Em vez disso, tiro um cisne de origami do bolso e mostro a ele.

Nenhuma emoção passa pelo rosto do homem.

Desdobro o cisne com as mãos trêmulas.

Meu poema está escrito em letras enormes.

Com a mão aberta, ergo o haicai e encosto o papel no vidro e observo o assassino ler o que escrevi para ele — como vou reagir ao fato de ele ter matado minha mãe.

Pois é, você existe,
Mas eu existo também e
Não vou desistir

O rosto do assassino da minha mãe não muda.

Ele indica o fone com a cabeça mais uma vez e berra:

— PONHA ISSO NA CABEÇA!

Está tentando berrar através do vidro, obviamente quer me dizer alguma coisa, mas hoje não é ele quem manda aqui.

Vejo os guardas atrás dele ficarem a postos.

Mantenho o haicai contra o vidro e nego com a cabeça.

De repente, o homem pula no vidro.

Ele ataca meu haicai com a cabeça — batendo-a contra o vidro várias vezes antes de os guardas se aproximarem e o arrastarem para fora da sala de visitas.

Eu nem me mexo.

Só quando o levam da sala é que tiro o haicai do vidro.

Deixo o poema ali na bancada. Quero que fique na prisão.

— O que foi que você escreveu naquele papel? — pergunta o guarda magrelo.

Como não respondo, ele passa por mim e pega o haicai.

Saio da sala de visitas, e a segurança me escolta pelas portas trancadas, pelo detector de metais e para fora da prisão.

Surpreendentemente, estou me sentindo um pouco melhor agora que encarei o assassino da minha mãe.

Ele não me derrotou — e, se um homem como ele não consegue me derrubar, sei que nada vai conseguir.

Existe vida à minha volta.

Céu.

Nuvens.

Árvores.

Ar infinito.

Aves voando.

Há um garoto barbudo legal esperando por mim em uma perua Volvo.

Tudo isso, agora mesmo, é meu para vivenciar.

Preciso me jogar de cabeça em tudo isso. Pela minha mãe, por todos que não podem — e também por mim.

Só tenho dezoito anos.
A vida é agora.
Ainda sou criança, se quiser.
E quero.
Ty barbudo sai do carro quando me vê atravessando o estacionamento, mas não diz nada. Seu rosto demonstra preocupação. Dá para ver que ele se importa comigo — muito. E dá para ver que ele ainda é uma criança também — apesar daquela barba da amizade medonha.
— Fiz o que tinha que fazer — digo.
— Quer falar sobre isso?
— Não.
— Está bem.
— Quer abrir seus presentes? — pergunto.
— Presentes?
— Por ter me trazido aqui hoje.
— Não sei se é o lugar...
— Vamos abrir seus presentes. Entre no carro.
Entramos na perua.
— Aqui está o primeiro presente — digo, entregando um embrulho pequeno, mas pesado.
— Isso é meio estranho — diz Ty.
— O quê?
— Abrir presentes no estacionamento de uma prisão de segurança máxima.
— Estamos comemorando nossa liberdade. Comemorando nossa capacidade de permanecermos crianças, apesar de o mundo tentar tirá-la de nós. É uma escolha, Ty. A gente pode fazer o que quiser.
— Do que você está falando?
— Por favor, abra logo isso. Você vai gostar do presente. Eu prometo.
Ty rasga o papel do embrulho.
— Pilhas?
— Abra. Só vai precisar de duas.
— Para quê?
— Para o segundo presente.
— Hein?
— Abra logo.
Ty tira duas pilhas do pacote e abre o segundo presente.
— Um barbeador — diz ele.
Pego a caixa, abro-a e ponho as pilhas no barbeador.
Ligo o barbeador, que faz um zumbido.
BZZZZZZZ.
— Acho que está na hora de você raspar essa barba horrível — digo,

olhando nos olhos de Ty.

— Não vou raspar até você concordar em ir ao Friendly's com os Cinco — diz ele, dando um sorriso meio estranho, como se não tivesse mais certeza do plano. — Lembra?

Então, de repente, quero olhar nos olhos dele — quero saber se existe alguma coisa dentro do Ty. Alguma coisa humana. O contrário do que vi enquanto olhava pelo vidro — quando encarava os olhos de um monstro.

Analiso aquelas íris castanhas.

São inocentes.

São da cor da casca de árvores.

São vivas.

São infantis.

São cheias de possibilidades.

São cheias de esperança.

São maravilhosas.

São lindas.

Elas me dão energia — aquecem tanto meu peito.

— Então vamos ao Friendly's — digo. — Assim que a gente pegar os Cinco. Eu juro. E agora é a parte em que raspo a sua barba.

— BZZZZZZ! — faz o barbeador.

— Tem que aparar os pelos com uma tesoura antes — explica Ty.

Então mostro a tesoura que veio com o barbeador.

— Você vai fazer isso no meu carro? Bem aqui?

— Vou — respondo.

Ele engole em seco e pede:

— Por favor, Amber. Não no meu carrinho.

Por isso, saímos do carro e, com cuidado, eu aparo a barba do Ty, até quase a pele, usando a tesoura — muitos pelos caem no asfalto do estacionamento da prisão de segurança máxima.

Com cuidado, barbeio o rosto do Ty com o barbeador a pilhas.

Um menino emerge de baixo de todos aqueles pelos.

— Como se sente, agora que está de cara limpa? — pergunto, quando voltamos para o carro.

— O pessoal do banco vai ficar feliz — diz Ty. — Meus pais provavelmente vão mandar um cartão para você agradecendo.

* * *

Ty e eu almoçamos no McDonald's — cheeseburgers, batatas salgadinhas e milk-shakes — e percorremos o resto do caminho de volta para casa ouvindo música pop no rádio. Quando uma música

legal que nós dois conhecemos começa a tocar, cantamos bem alto.

Assim que chegamos a Childress, paramos na casa de Chad e Jared.

— Você tirou a barba! — exclama Jared. — Isso significa que vamos ao Friendly's?

Quando faço que sim com a cabeça, os Irmãos Fox sorriem, e Jared carrega Chad para o banco traseiro.

Pegamos Ricky justo quando Donna chega do trabalho.

Na cozinha, Ricky diz:

— Ty Hendrix está sem barba. É. Onde foi parar a barba?

— Vocês vão ao Friendly's, não é? — pergunta Donna, enquanto BBB corre em volta das nossas pernas e lambe as mãos dos meus meninos, que se abaixam para fazer carinho nele.

— Quer vir com a gente, Donna? — convido.

— Não, vão vocês. Vão se divertir — diz ela.

— Você ainda não andou no meu carro, Donna — lembra Ty. — É uma perua legal.

— Vocês querem mesmo que eu vá? — pergunta ela.

— Vamos, minha linda — galanteia Chad, do canguru. — Você sabe que quer se sentar ao meu lado no banco de trás. Minhas mãos vã o ficar bem quietinhas. Eu prometo.

Todos rimos, e Donna diz:

— Então eu pago.

Coloco BBB no quarto dele e ligo o rádio na estação de música clássica. Está tocando a "Valsa minuto", de Chopin, que faz meu cachorro começar a pular e dançar. Eu o observo por um instante — meu melhor amigo, o BBB — e tranco a porta do quarto. Todos nos amontoamos no carro de Ty, e alguém sugere que a gente toque a campainha da casa do Franks e saia correndo. Então vamos até lá, e Jared corre até a porta, toca a campainha e corre de volta para o carro. Quando a esposa ruiva do Franks sai e olha em volta, sem entender, todos rimos. Então Ty acelera.

No Friendly's, Donna pede todos os sundaes do cardápio e algumas batatas fritas. Brincamos de espadachim com as colheres de cabo comprido, espalhando chantili, cereja, calda de caramelo, calda de chocolate e nozes pelo restaurante todo. Morremos de rir. Donna observa tudo com um sorriso sábio. E, em minha mente, faço uma breve oração para JC.

"Eu não entendo, JC. Não entendo o plano. Sinto falta da minha mãe. Levá-la assim quando ainda nem sou uma mulher... Não é justo, é? Mas fico feliz por existirem momentos como este. Fico feliz por ter amigos como esses. Fico feliz por existirem sundaes do Friendly's. E por enquanto é só."

Donna sorri. Todos os meus meninos estão tomando sorvete. Tenho uma mesa cheia de bons amigos. Então penso: "Você não pode

desistir, Amber. Não importa o que aconteça."

Não vou. Pode deixar.

De repente, penso em minha mãe, e sinto que vou começar a chorar.

Antes que as lágrimas cheguem, começo a me animar com autoelogios para impedir a choradeira. E uso a voz de um locutor superanimado:

A invencível esperançosa!

A menina com otimismo incansável!

A adolescente da alegria!

A favorita dos fãs!

Nossa campeã insuperável!

— Amber, a estrela da esperança, Apple-TOOOOOOOOOOOON! — grito para todo o restaurante, fazendo os presentes se virarem e olharem para mim como se minha cabeça estivesse pegando fogo.

— Você é *muito* bizarra — sussurra Jared.

Todos os meus meninos abrem um sorriso e dão gargalhadas.

Sorrio de volta e encho a boca com uma colherada de um delicioso sorvete de café.

Talvez eu seja bizarra — mas sou uma bizarra esperançosa, e tem coisa pior no mundo para ser. Não é? Pois é.

Eu espalho esperança.

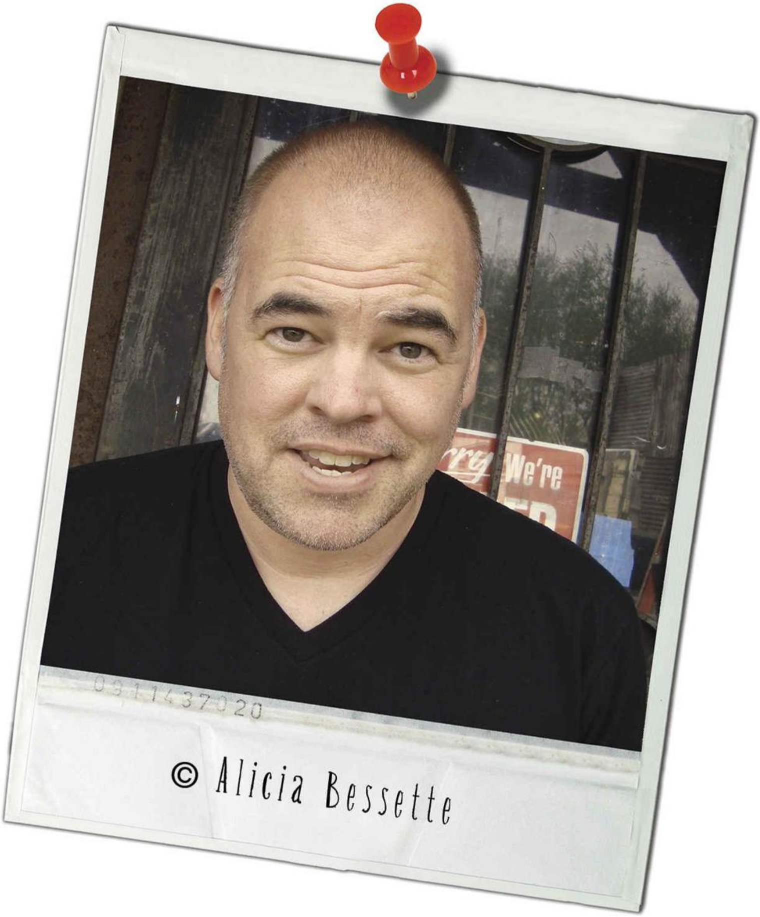
Sou uma espalhadora de esperança.

Acho que é isso que faço — livremente. E é por isso que ainda estou circundando a grande bola de fogo no céu (é o Sol, cara!).

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu agente maravilhoso e tenaz, Doug Stewart — D, você é simplesmente incrível — e à minha brilhante editora, Alvina Ling, por acreditar em mim e em Amber e por me incentivar a contar a melhor história que eu podia. Sou extremamente abençoado por trabalhar com profissionais tão inteligentes, legais e gentis. Obrigado aos seus assistentes, Seth Fishman e Connie Hsu. Obrigado a todos da Sterling Lord Literistic e da Little, Brown and Company que trabalharam neste manuscrito e/ou ajudaram a trazer estas minhas palavras ao mundo. Muito amor a todos os meus amigos e parentes que continuam a apoiar a mim e à minha carreira, mas um agradecimento especial às pessoas que tiveram papel essencial na criação deste livro (saibam elas ou não) e às que me mantêm esperançoso: minha mulher, Alicia Bessette; Irmã Megan, Irmão Micah; K-Hen; minha mãe; meu pai; Barb & Peague; Bill, Mo e Owen Rhoda; Flem; meu companheiro no Bardbarian, Scott Humfeld; Scott Caldwell (sr. Canadá); Myfanwy Collins; Justin Dunn; K-Rob; BD; o dr. Corey Shagensky, um veterinário extraordinário; Roland Merullo; o Velho Harry e a Vovó Dink; tio Pete; meu webmaster, Tim Rayworth; meu fotógrafo, Dave Tavani; LL; os WMs; Chris Barrett; todos que compareceram à festa de lançamento de *O lado bom da vida* e muitos, muitos mais...

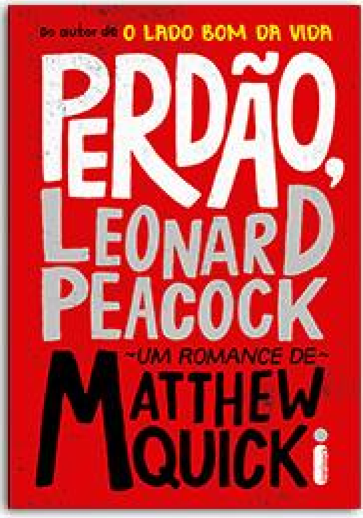
Sobre o autor



Matthew Quick era professor na Filadélfia, mas decidiu largar tudo e, depois de conhecer a Amazônia peruana, viajar pela África Meridional e trilhar o caminho até o fundo nevado do Grand Canyon, reviu seus valores e, enfim, passou a dedicar todo o seu tempo à escrita. Ele então fez MFA em Creative Writing pelo Goddard College e voltou para a Filadélfia, onde mora com a esposa. As obras de Quick já foram traduzidas para mais de vinte idiomas e lhe renderam críticas elogiosas e menções honrosas importantes, entre as quais a do PEN/Hemingway Award. É também autor de *Perdão, Leonard Peacock* e do best-seller *O lado bom da vida*, cuja adaptação para o cinema foi premiada com um Oscar.

Conheça os outros títulos do autor

O lado bom da vida



Perdão, Leonard Peacock

Leia também

A culpa é das estrelas
John Green

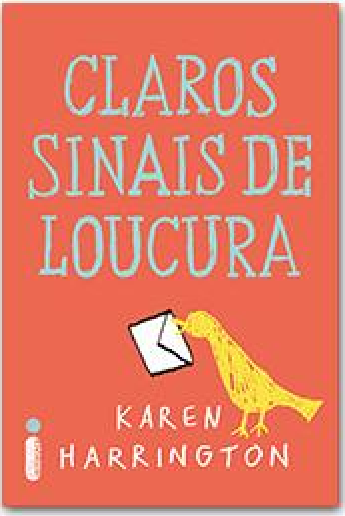
O teorema Katherine
John Green

Cidades de papel
John Green

Quem é você, Alasca?
John Green

O oceano no fim do caminho
Neil Gaiman

A estrela que nunca vai se apagar
Esther Earl



Claros sinais de loucura
Karen Harrington